



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

ITATISMARA VALVERDE MEDEIROS

O CAMPO LEXICAL DA SEXUALIDADE DOS
RELIGIOSOS EM CANTIGAS DE ESCÁRNIO E
MALDIZER GALEGO-PORTUGUESAS

SALVADOR
2009



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS**

ITATISMARA VALVERDE MEDEIROS

**O CAMPO LEXICAL DA SEXUALIDADE DOS
RELIGIOSOS EM CANTIGAS DE ESCÁRNIO E
MALDIZER GALEGO-PORTUGUESAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Risonete Batista de Souza.

SALVADOR
2009

Biblioteca Reitor Macedo Costa - UFBA

Medeiros, Itatismara Valverde.

O campo lexical da sexualidade dos religiosos em cantigas de escárnio e de maldizer galego-portuguesas / Itatismara Valverde Medeiros. - 2009.

131 f. + anexos

Orientadora: Profª Drª Risonete Batista de Souza.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador,

A meu filho Andrei e ao meu querido marido, Lula, amores da minha vida, pela paciência,
carinho e incentivo, em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, acima de todas as coisas.

A meu amado pai, JOSÉ, e a minha querida avó, MARIA, que, mesmo não estando mais entre nós, no plano material, fazem parte de meus pensamentos e me fortificam como pessoa, a cada instante da minha vida.

A meu marido LULA, amigo e companheiro em todos os momentos de alegria e de desconforto, por sempre encontrar em seus abraços a certeza do verdadeiro acolhimento e amor incondicional.

A minha querida amiga e amada irmã MÁRCIA, que sempre me apoia em todos os meus ideais.

A meu querido irmão, ZEZINHO, pelo carinho de suas constantes visitas.

A minha tia, GEORGINA, que, com paciência, soube me dar apoio, mesmo à distância e com sabedoria e dedicação de MÃE, preparando-me para a vida. A você tia, eu só posso dizer que a AMO muito.

A minha tia BEATRIZ e a meu tio ANTÔNIO, por preencherem os poucos momentos que passamos juntos com muita alegria e seu eterno sorriso, que traduzem as palavras EU TE AMO.

Ao meu supercunhado FLÁVIO, pelas constantes orientações eletrônicas, ajuda imprescindível na construção deste Trabalho.

A minha querida sogra, amiga de todos os dias, CARMEN, obrigada pelas constantes leituras e pelo olhar sempre atento na construção deste Trabalho e por estar ao meu lado, na realização desse sonho.

À minha dedicada orientadora e amiga, RISONETE, grande incentivadora e principal responsável por eu ter chegado até aqui e cujo otimismo e realismo nunca me deixaram esmorecer. Enfim, agradeço à amiga Riso, pelos momentos de apoio pessoal e por suas sábias palavras que ultrapassam o linguístico.

À minha querida professora e amiga ARIADNE, que, por força do destino, me trouxe para a vida acadêmica e nunca mediu esforços para que eu ampliasse e melhorasse meus estudos. À amiga que nunca me deixou sem o fio de direção, para que eu pudesse construir a minha história, que está apenas começando. A você, o meu eterno MUITO OBRIGADA.

À professora CÉLIA, que me recebeu com muito carinho e que sempre me fez sentir parte da família FILOGIA. Obrigada pelo incentivo constante, pelas indicações bibliográficas e pelos empréstimos de livros, que já já retornarão a suas origens. Meus agradecimentos por tudo o que representa na Universidade Federal da Bahia.

Por serem importantes na minha vida e por não poder listá-los aqui, agradeço, do fundo do meu coração, a todos os meus AMIGOS que, direta ou indiretamente, souberam me apoiar e compreender as minhas constantes ausências. Meu agradecimento muito especial ao meu grande amigo ARIVALDO, que, carinhosamente, conhecemos por ARI. Obrigada, Arizinho, por ser tão pleno, por ser tão constante em minha vida, pois não é por acaso que você se sente ter saído do meu ventre. Você nos conquistou, com seu jeito livre de amar a todos. Eu, Lula e Andrei agradecemos por você fazer parte de nossas vidas.

A todos, enfim, meu mais profundo agradecimento.

RESUMO

O Trabalho ora apresentado representa um estudo diacrônico estrutural do campo lexical da “sexualidade de religiosos” em cantigas satíricas medievais. Objetiva-se apresentar, descrever e analisar os subcampos do campo lexical da sexualidade de religiosos, textualizados na poesia lírica galego-portuguesa e, a partir daí, discutir os aspectos sociais e os valores morais do comportamento erótico-sexual de religiosos consagrados no léxico e textualizados nas referidas produções. Para tal descrição, adotou-se a teoria dos campos, tomando-se por base os ensinamentos dos campos lexicais apresentados pelos estudiosos Pottier, Greimas e, em especial, a teoria da Lexemática, de Coseriu. O *corpus* do Trabalho abrange 18 cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas editadas, criticamente, por Rodrigues Lapa (1970) e por Graça Videira Lopes (2002). Para o desenvolvimento do Estudo, foram selecionadas e organizadas as lexias referentes à sexualidade de religiosos em subcampos e microcampos, seguidas de suas análises sêmicas. Tal teoria entende a língua como constituída por uma estrutura lexical que reflete a epistema com a qual uma determinada comunidade forja a sua realidade. Dessa forma, tem-se uma ideia mais aproximada das relações de conjunção e disjunção responsáveis por ligar e opor as unidades e os subcampos do campo, além de uma provável classificação conceitual que explique as diversas escalas ou níveis organizacionais das unidades. Este Estudo contribui, parcialmente, para ampliar o conhecimento do léxico da língua portuguesa medieval e para a apreensão de sua história, modelada pela dinâmica das comunidades linguísticas, em seus processos de socialização. Além do mais, constrói ferramentas válidas para o conhecimento e descrição, ainda que parcial, do funcionamento do campo lexical da sexualidade que se expressa nas primeiras sincronias das manifestações literárias da poesia escrita em língua portuguesa.

Palavras-chave: Estudos medievais. Sexualidade. Religiosos. Cantigas de escárnio e maldizer. Campo lexical. Léxico.

ABSTRACT

This work shows a diachronic structural study of clergymen's sexuality in medieval satiric songs. It aims to present, to describe and to analyse the subfields of the lexical field of clergymen's sexuality that are textualized in the lyrical Galician-Portuguese poetry in the Middle Age and, thenceforth, to discuss the social aspects and the moral values of the erotic-sexual behaviors of churchmen that are consecrated in the lexicon and textualized in the chosen works. In order to make the description, we will follow the field theory, based upon the teachings of the lexical field presented by the searchers Pottier, Greimas and specially upon Coseriu's Lexematical Theory. The *corpus* of this study includes 18 songs of mockery and slander that were edited by Rodrigues Lapa (1970) and Graça Videira Lopes (2002). In order to develop this work, the lexis concerning to clergymen's sexuality were selected and organized in subfields and microfields, followed by their semic analyses. Such a theory regards language as constituted by a lexical structure that reflects the epistem with which a certain community forges its reality. This way we get a closer idea about the relations among the conjunctions and disjunctions that are responsible for attaching and opposing the unities and the subfields of the field and, moreover, a probable conceptual classification that explains the several scales or organization levels of the unities. This study contributes partially to the enlargement of knowledge of the Portuguese language and to the apprehension of its history, modeled by dynamics of the linguistic communities, in its socialization proceedings. Besides, it frames tools for the understanding and description – although partial – of the functioning of the lexical field of sexuality that appears in the first synchronizations of the literary manifestations of written poetry in the Portuguese language.

Key words: Medieval studies. Sexuality. Clergymen. Songs of mockery and slander. Lexical field. Lexicon.

LISTA DE QUADROS

| | | |
|-----------------|--|-----|
| Quadro 1 | <i>Incipit</i> das cantigas, número em que se encontram nas respectivas edições e seus autores | 22 |
| Quadro 2 | Análise sêmica do subcampo ‘indivíduo que pratica relações sexuais’ | 78 |
| Quadro 3 | Análise sêmica do subcampo dos ‘órgãos sexuais’ | 94 |
| Quadro 4 | Análise sêmica do subcampo ‘ato sexual’ | 103 |
| Quadro 5 | Análise sêmica do subcampo ‘ação relacionada à procriação’ | 107 |
| Quadro 6 | Análise sêmica do subcampo ‘artifício para excitar e satisfazer o prazer sexual’ | 111 |
| Quadro 7 | Análise sêmica do subcampo ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’ | 115 |
| Quadro 8 | Análise sêmica do “campo lexical da sexualidade de religiosos’ | 118 |

LISTA DE ABREVIATURAS

L - Lapa

G- Graça

VCEM- Vocabulário das cantigas de escárnio e maldizer

FS – Fórmula sêmica

S - sema

SUMÁRIO

| | | |
|---------------|--|-----------|
| 1 | PRIMEIRAS PALAVRAS | 13 |
| 2 | O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA; SUA DELIMITAÇÃO | 19 |
| 2.1 | RETROSPECTIVA DA LÍRICA GALEGO-PORTUGUESA | 23 |
| 2.1.1 | Trovadores e jograis, intermediários culturais da lírica trovadoresca | 24 |
| 2.2 | ESCÁRNIO E MALDIZER: CONSIDERAÇÕES GERAIS | 25 |
| 2.3 | TROVADORES GALEGO-PORTUGUESES: SUA LOCALIZAÇÃO NO TEMPO E NO ESPAÇO. | 27 |
| 2.4 | TROVADORES E SUAS CANTIGAS SATÍRICAS | 28 |
| 2.4.1 | Afonso X | 29 |
| 2.4.2 | Afons' Eanes do Coton | 30 |
| 2.4.3 | Afonso (ou Alvaro) Gomes de Sarria | 31 |
| 2.4.4 | Afonso Lopez de Baian | 32 |
| 2.4.5 | Fernan Paez de Talamancos | 32 |
| 2.4.6 | Fernan Velho | 34 |
| 2.4.7 | Fernand' Esquio | 35 |
| 2.4.8 | Gonçal' Eanes do Vinhal | 36 |
| 2.4.9 | Johan Servando | 37 |
| 2.4.10 | Martin Soarez | 37 |
| 2.4.11 | Pai Gomez Charinho | 38 |
| 2.4.12 | D. Pedro de Portugal | 39 |
| 2.4.13 | Pedr' Eanes Solaz | 40 |
| 3 | PRESSUPOSTOS TEÓRICOS | 42 |
| 3.1 | O LÉXICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES | 42 |
| 3.2 | LEXICOLOGIA: UMA CIÊNCIA DO LÉXICO | 45 |
| 3.3 | A SEMÂNTICA E O SIGNIFICADO | 47 |
| 3.3.1 | A Semântica: um breve percurso histórico | 49 |
| 3.4 | PROPOSTAS DOS CAMPOS LEXICAIS | 52 |
| 3.4.1 | Campos lexicais: algumas referências | 56 |
| 3.4.1.1 | Campo lexical na perspectiva coseriana | 57 |
| 3.4.1.1.1 | Lexemática e Fonologia: oposições análogas | 58 |
| 3.4.1.1.2 | Princípios da Lexemática | 59 |
| 3.4.1.2 | Proposta de campo por Pottier | 60 |

| | | |
|--------------|--|------------|
| 3.4.1.3 | Idéias de Greimas | 61 |
| 3.4.2 | Trabalhos que empregaram um estudo teórico-metodológico dos campos | 62 |
| 3.5 | PASSOS PARA O ESTUDO DO CAMPO LEXICAL DA ‘SEXUALIDADE’ DE RELIGIOSOS | 64 |
| 4 | ANÁLISE SÊMICA DE SUBCAMPOS DO “CAMPO LEXICAL DA SEXUALIDADE DE RELIGIOSOS” | 66 |
| 4.1 | SUBCAMPO ‘INDIVÍDUO QUE PRATICA RELAÇÕES SEXUAIS’ | 67 |
| 4.1.1 | Abadessa | 68 |
| 4.1.2 | Capelão | 69 |
| 4.1.3 | Clérigo | 71 |
| 4.1.4 | Daian | 72 |
| 4.1.5 | Frade | 73 |
| 4.1.6 | Freira | 75 |
| 4.1.7 | Prioressa | 76 |
| 4.1.8 | Síntese do subcampo ‘indivíduo que pratica relações sexuais’ | 78 |
| 4.2 | SUBCAMPO DOS ‘ÓRGÃOS SEXUAIS’ | 79 |
| 4.2.1 | Caralho | 79 |
| 4.2.2 | Caralhote | 81 |
| 4.2.3 | Colhão | 83 |
| 4.2.4 | Madeira2 | 84 |
| 4.2.5 | Pissa | 87 |
| 4.2.6 | Cono | 89 |
| 4.2.7 | Casa2 | 91 |
| 4.2.3 | Síntese do subcampo dos ‘órgãos sexuais’ | 93 |
| 4.3 | SUBCAMPO DO ‘ATO SEXUAL’ | 94 |
| 4.3.1 | Ambrar | 94 |
| 4.3.2 | Cavalgar2 | 95 |
| 4.3.3 | Cobrir | 97 |
| 4.3.4 | Foder | 98 |
| 4.3.5 | Madeirar2 | 100 |
| 4.3.6 | Síntese do subcampo ‘ato sexual’ | 102 |
| 4.4 | SUBCAMPO ‘AÇÃO RELACIONADA À PROcriação | 103 |

| | | |
|-------|--|-----|
| 4.4.1 | Emprenhar | 103 |
| 4.4.2 | Parir | 105 |
| 4.4.3 | Síntese do subcampo ‘ação relacionada à procriação’ | 106 |
| 4.5 | SUBCAMPO ‘ARTIFÍCIO PARA EXCITAR E SATISFAZER O PRAZER SEXUAL’ | 107 |
| 4.5.1 | Caralhos franceses/Caralhos de mesa/Caralhos asnaes | 107 |
| 4.5.2 | Dedo | 109 |
| 4.5.3 | Síntese do subcampo ‘artifício para excitar e satisfazer o prazer sexual’ | 111 |
| 4.6 | SUBCAMPO ‘QUALIFICAÇÃO PARA O ESTADO SEXUAL DO INDIVÍDUO’ | 112 |
| 4.6.1 | Encaralhado e Escaralhado | 112 |
| 4.6.2 | Fodimalhas | 113 |
| 4.6.3 | Síntese do subcampo ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’ | 114 |
| 4.7 | SÍNTESE DO ‘CAMPO LEXICAL DA SEXUALIDADE DE RELIGIOSOS | 115 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 119 |
| | REFERÊNCIAS | 123 |
| | ANEXOS | |

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

No milênio medieval, foram consumados diversos discursos comportamentais de depreciação corporal e sexual. Segundo Le Goff e Truong (2006), já estando os comportamentos enraizados desde a Antiguidade greco-romana, caberia ao Cristianismo sua legitimação, dentro dos moldes civilizadores da sociedade medieval, pois, como se sabe, durante muito tempo, o “tabu sexual” e a negação do prazer foram reprimidos, de modo enérgico, pelo pensamento e pelos ensinamentos cristãos, na civilização ocidental, pois, para os homens e mulheres da Idade Média o Cristianismo era uma religião de salvação. A necessidade de fixar, com precisão, as regras da nova fé tornou-se, então, premente. A Igreja utilizou-se das inquietações do homem medieval, diante de “tempos tão confusos”, sufocados pelos dogmas dos “tempos de fé”, para assentar sua dominação sobre os cristãos e justificar a ordem do mundo pela qual ela vela, induzindo-os a atitudes e práticas pré-estabelecidas. Segundo Aquino, Franco e Lopes (2003, p. 504) era este, então,

[...] o trabalho dos Doutores da Igreja: Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Jerônimo. Seus esforços concentraram-se na organização da disciplina e do culto, na fixação dos dogmas e da moral, a fim de fortalecer sua unidade e dar aos homens da época como que um código de ética que norteasse as suas ações, dizendo-lhes, de antemão, o que era certo e o que era errado, o que era o Bem ou o Mal. A Igreja assumia, assim, a tarefa de pensar por todos os homens da época. Por isso, as idéias religiosas eram colocadas em termos absolutos e inquestionáveis sob a forma de dogmas e de uma moral rígida.

Desse modo, pode-se pensar que essa instituição dogmática se inseriu como um modelo para definições de “naturalidade e normalidade sexual”, para as quais se instauram regras e normas¹. Segundo Franco Júnior (2001, p. 126),

[...] em uma sociedade tão fortemente penetrada pelos valores da Igreja, [...], muitas atividades anteriormente consideradas de foro pessoal passaram, pelo menos até o século XIII, a ser vistas como de interesse comunitário. Nesse processo de levar à esfera pública as coisas privadas, o sexo foi talvez o mais atingido.

¹Com a condenação do prazer físico, o sexo era tolerado pela Igreja apenas para procriação. A vida sexual era permitida para o cristão, desde que ocorresse nos quadros de uma relação definida e supervisionada pela Igreja, o matrimônio. Segundo Mattoso (1997), esse matrimônio, por sua vez, inspirava regras preferenciais ou prescritivas destinadas a assegurar o equilíbrio social e a estabilidade das relações, a regular as estratégias de reprodução ou acumulação patrimonial e simbólica.

Percebe-se, portanto, que o discurso sobre o “saber sexual” já se mostrava como alvo de recusa e de renúncia carnal, de acordo e, ao mesmo tempo, desacordo com suas práticas perante a sociedade, mais especificamente, perante a Igreja. Esse discurso é desenvolvido, essencialmente, por homens, monges ou eclesiásticos, que, por voto, renunciaram em princípio a toda a vida sexual. Porém, nem sempre essa renúncia pregada pela Igreja era exercida por seus membros; o desrespeito dos votos de castidade por parte do clero era frequente, pois se sabe que muitos padres viviam em concubinato, quando não eram plenamente casados, fato ignorado, muitas vezes, pelos bispos, que intervinham apenas se houvesse escândalo². No entanto, prescreviam aos leigos o casamento, para melhor controlá-los (ROSSIAUD, 2002, p. 477-483)³.

Deduz-se, então, que as normas pregadas pela Igreja divergiam em parte de sua prática. Mattoso (2004, p. 23) assegura que, em todo pensamento, medieval existe a regra da dialogia, “nenhuma norma é absoluta; todo o preceito, seja da Igreja seja da sabedoria popular, tem de ser adaptado à ação, por meio da prática”. Ainda segundo Mattoso (2004, p. 13), a diferença entre a teoria e a prática se “verifica na enorme distância entre o individual e o coletivo; em matéria de sexualidade, aquilo de que mais se fala não é o que mais se pratica e a variedade de comportamentos é de tal modo grande que as médias estatísticas se tornam enganadoras como representação da realidade”.

Assim, entende-se que a sexualidade foi magistralmente regulada, o impulso e o desejo carnal, amplamente reprimidos, na tentativa de se alcançar um ideal de vida sublime. Diante dos fatos, em que se observa a sexualidade medieval, e sendo o discurso religioso tão rigoroso, quanto ao comportamento sexual dos leigos, colocando-se como Instituição que ditava regras de como pode ser concebido o sexo, onde, quando e com quem poderia ser realizado, como os leigos viam esse mesmo discurso comportamental, dentro do grupo eclesiástico? Diante de tal indagação, acredita-se ser possível, partindo do estudo do léxico expresso em textos poéticos escritos entre os séculos XII e XIII, mais especificamente a partir das cantigas de “escárnio” e “maldizer” referentes à sexualidade de religiosos, editadas

² Vale ressaltar que tal situação não se parece muito distante das diretrizes cristãs aplicadas ainda hoje na chamada era moderna ou século XXI.

³ A preocupação dos religiosos com o casamento já se fazia sentir desde o século IX. Começaram, então, a considerá-lo criação divina. Segundo Baschet (2006, p.449), “[Santo] Agostinho engaja o Cristianismo em uma prudente reabilitação do casamento, em particular afirmando que este foi instituído por Deus, no paraíso terrestre entre Adão e Eva”. Não deveria ser, portanto, realizado pelo estímulo da luxúria, mas pelo desejo da procriação. A virgindade deveria ser mantida até as núpcias. Aos homens convinha evitar as concubinas. Casados deveriam conviver com a esposa em castidade e evitar o ato sexual com a única intenção de obter prazer (MACEDO, 2002, p. 23).

criticamente por Rodrigues Lapa (1970) e por Graça Videira Lopes (2002), que se possam encontrar indícios de como os trovadores medievais, autênticos representantes da sociedade laica, viam a sexualidade de religiosos na sociedade de seu tempo. Assim, a possibilidade de se encontrarem reflexões sobre o comportamento sexual de membros da Igreja nas cantigas de escárnio e maldizer, nas referidas edições críticas, e indícios do clima geral de relaxamento das regras de conduta religiosa, que, muitas vezes, era provocado pelo número excessivo de vocações, muitas delas frutos de meras conveniências, conduziram-nos ao Estudo aqui proposto.

A escolha das cantigas de escárnio e maldizer se deu ao fato de se apresentarem como fontes importantes para o exame do imaginário acerca da sexualidade de religiosos, pois o vocabulário dos textos pertencentes a esse gênero é fonte riquíssima dos usos linguísticos medievais, já que, como afirma Lapa (1965, p. 7), “a poesia satírica dos trovadores desconhecia, muitas vezes, a arte sutil do eufemismo e preferia chamar as coisas pelos próprios nomes”⁴. Além do mais, entende-se que tais textos têm caráter social e histórico, podendo, por isso, ser tomados como testemunho da construção social da sexualidade de religiosos, embora se reconheça que a busca desses indícios na cultura medieval, nessas cantigas, tenha suas limitações. Não se pode negar, no entanto, que essa seja uma tarefa imprescindível para o resgate, ainda que parcial, de uma das fases da sociedade medieval ibero-cristã (SOUZA, 1997)⁵.

Será, pois, sobre esse cenário que envolve a temática da sexualidade e tomando como premissa o “tabu sexual”, mais especificamente, o comportamento sexual de religiosos, que se almeja realizar um estudo do *Campo lexical da sexualidade de religiosos nas cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas*. Portanto, objetiva-se, neste estudo, configurar parte do campo lexical da sexualidade dirigido a religiosos nas cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas editadas por Lapa (1970) e Lopes (2002) e, dentro disso, discutir os aspectos sociais e os valores morais do comportamento erótico-sexual de religiosos consagrados no léxico e textualizados nas referidas produções. Afinal, o que materializa em textos os significados é o discurso, responsável pelas articulações linguísticas e ideológicas.

⁴ Segundo Souza (1997, p. 17) “esta crueza vocabular foi a causa principal do silêncio que se impôs sobre estes textos, pois, somente em 1965, com a publicação da edição crítica de Manuel Rodrigues Lapa, foi trazido a público a maior parte destas cantigas até então dispersas ou disponíveis em edições pouco acessíveis ao grande público”.

⁵ “Não se pode esquecer, entretanto, que estas cantigas não refletem integralmente a cultura popular medieval, já que esta é essencialmente oral e gestual, e as cantigas galego-portuguesas, mesmo as satíricas, constituem-se em um gênero literário escrito, portanto, apenas a reproduzem de uma forma imperfeita, pois os elementos extra-linguísticos presentes nas manifestações orais se perdem ou são reelaborados e substituídos por elementos linguísticos próprios da escrita” (SOUZA, 1997, p. 17).

Assim, diferentes sincronias, diferentes comunidades configurarão, mediante as necessidades dos falantes (valores sociais, ideológicos, culturais), parâmetros da sua variedade de língua, obviamente com sua estruturação lexical. Espera-se, assim, que o levantamento das unidades lexicais e a conseqüente configuração dos campos contribuam para um melhor conhecimento e enriquecimento do estudo do léxico da língua portuguesa medieval, e, em especial, para os estudos lexicais sobre a sexualidade de religiosos, que se encontra à margem dos estudos linguísticos e fora do discurso histórico-oficial.

Assim, o Trabalho ora apresentado é um estudo lexicológico⁶ que se inclui no quadro dos estudos linguístico-históricos, mais especificamente na linha *Mudança linguística na România*, com larga tradição no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, onde se podem encontrar várias produções, tanto nos estudos de Iniciação Científica como também de Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado. Do mesmo modo, este Estudo poderá constituir parte do acervo de produções científicas na área da Linguística Histórica da referida Instituição. Ressalta-se, porém, que essa não será a única diretriz deste Trabalho. O núcleo desta Dissertação enquadra-se na linha mestra da Linguística Semântica, com os estudos dos campos lexicais, que, no século XX, foram explorados especialmente pelos estudiosos Pottier (1968; 1977), Greimas (1966) e Coseriu (1991).

Quanto ao plano teórico-metodológico, seguiu-se a teoria dos campos, tomando-se por base os ensinamentos dos campos lexicais apresentados pelos estudiosos já citados anteriormente, como Pottier, Greimas e Coseriu, que, por volta dos anos 60, na Europa, elaboraram métodos semelhantes de análise léxica. Essa análise ordena, de maneira mais explícita, os conteúdos léxicos, dentro de um campo lexical (grupos de palavras estreitamente relacionadas entre si pelo significado geralmente agrupados sob um termo genérico), mostrando o que esses itens lexicais possuem em comum, bem como aquilo que faz a especificidade de uns e outros, o que corrobora Dubois (1973, p. 535), quando afirma que a “análise sêmica visa a estabelecer a composição semântica de uma unidade lexical, considerando os traços semânticos ou semas unidades mínimas da significação não susceptíveis de realização independente”. Portanto, o referido Estudo objetiva apresentar, descrever e interpretar os subcampos do campo lexical da sexualidade de religiosos, textualizados na poesia lírica galego-portuguesa que sobreviveu às vicissitudes atemporais.

Este Trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos: 1 *Primeiras palavras*; 2 *O Corpus da pesquisa: sua delimitação*; 3 *Pressupostos teóricos*; 4 *Análise sêmica do*

⁶ Estudo as palavras de uma língua em todos os seus aspectos, sendo, assim, também um estudo sócio-cultural.

subcampos do “campo lexical da sexualidade dos religiosos” e, por fim, 5 Considerações finais.

No capítulo *Primeiras palavras*, procurou-se esboçar, de forma geral, como o Trabalho se encontra organizado, mostrando-se, inicialmente, uma prévia sobre o tema a ser tratado, indicando-se os objetivos, o *corpus* do Trabalho e a metodologia aplicada.

No segundo capítulo, discute-se sobre a delimitação do *corpus*, sobre as principais edições e, mais especificamente, sobre as edições críticas utilizadas na elaboração deste Trabalho. Seguem-se uma abordagem retrospectiva da lírica galego-portuguesa, seus intermediários culturais e, por fim, um breve perfil biográfico dos trovadores, acompanhado por uma leitura crítica de suas referidas produções utilizadas nesse Estudo.

O terceiro capítulo trata dos pressupostos teóricos, destacando aspectos referentes a teorias dos campos, e, em especial, às propostas de Coseriu (1991), Pottier (1968; 1977) e Greimas (1966), além de um breve percurso histórico sobre a ciência Semântica. Apresentam-se, também, algumas referências de trabalhos que seguiram as orientações teórico-metodológicas dos campos e, finalmente, os passos percorridos para o estudo do campo lexical da sexualidade dos religiosos, em uma perspectiva diacrônica estrutural do léxico.

Enfocam-se, no quarto capítulo, os subcampos do campo lexical da sexualidade dos religiosos, seguidos de suas respectivas análises sêmicas, constituindo-se, assim, o núcleo deste Trabalho. Tal análise procura descrever o conteúdo de cada unidade léxica, em seus respectivos subcampos, procurando delinear, linguisticamente, a relação de conjunção e de disjunção que cada signo estabelece entre si, em seus respectivos campos. Por fim, apresenta-se uma tabela de todo o campo da sexualidade de religiosos, proporcionando, assim, uma visão geral de todo o campo analisado.

Seguem-se as *Considerações finais*, onde se procura, de forma clara, sintetizar os resultados alcançados, as referências e os anexos que trazem as cantigas de escárnio e maldizer analisadas no Trabalho ora apresentado.

Acredita-se, especialmente, que o presente Estudo se revela fundamental para a investigação não só do léxico do período arcaico, mas também das práticas e discursos sobre a sexualidade. Assim, propõe-se a intersecção dos estudos lexicais com as Ciências Sociais como mais uma ferramenta para compreensão do significado social da sexualidade dos religiosos em língua portuguesa. Desse modo, pretende-se investigar, ao lado das contribuições da Antropologia e da História, as múltiplas faces dos discursos sobre o sexo, podendo, ademais, construir ferramentas válidas para o conhecimento e descrição, embora

parcial, do funcionamento do campo lexical da sexualidade que se expressa nas primeiras sincronias das manifestações literárias da poesia escrita em língua portuguesa.

Por fim, é importante salientar que este Trabalho seguiu, na medida do possível, as regras do novo Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa realizado entre os países de língua oficial portuguesa, assinado em 1990 e posto em vigor, no Brasil, a partir do ano de 2009.

2 O CORPUS DO TRABALHO: SUA DELIMITAÇÃO

A temática da sexualidade é considerada até hoje um “tabu”, tornando a sua abordagem um processo um tanto complexo, principalmente no período do qual pretendemos tratar: a Época Medieval.

Tem-se consciência de que o estudo das fases mais antigas das línguas só pode ser realizado a partir de uma documentação remanescente. No que se refere à língua portuguesa, essa documentação divide-se em poética - profana e mariana - e prosa- literária e não-literária. Parte da poesia lírica galego-portuguesa que nos foi legada sobreviveu ao tempo e às vicissitudes atemporais. Chegou-nos como um espólio rico, diversificado, porém limitado aos três cancioneiros que possuem trajetórias históricas distintas: *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, *Cancioneiro da Vaticana* e o *Cancioneiro da Ajuda*. O acesso aos cancioneiros remanescentes não é fácil, uma vez que são obras únicas e que se encontram em outros países. O *Cancioneiro da Ajuda* é a mais antiga coleção de poesia lírica galego- portuguesa chegada até nós e só contém cantigas de amor. Esse cancioneiro foi editado, criticamente, por Carolina Michaelis de Vasconcelos (RAMOS, 1993). O *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* é conhecido também por Cancioneiro Colucci-Brancuti, por ter sido o humanista italiano Ângelo Colocci encarregado da sua execução, junto à família de condes Brancuti di Cagli (FERRARI, 1993a). O *Cancioneiro da Biblioteca Vaticana*, também, é realizado sob a direção e por ordem de Colocci, porém, hoje, não mais se encontra na biblioteca de Colocci, e, sim, em sua pátria italiana, no acervo da Biblioteca Apostólica Vaticana (FERRARI, 1993b). Assim, levando-se em consideração, entre outras questões, problemas relativos à leitura e à conservação desses textos, foram feitas edições críticas de acordo com o gênero dessas cantigas, gerando, dessa forma, fontes secundárias para o desenvolvimento de pesquisas linguísticas e literárias.

Para o presente estudo, partiu-se da documentação poética, mais especificamente, das *Cantigas d'escarnho e mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses* editadas, criticamente, por Manuel Rodrigues Lapa, em sua 2ª edição de 1970⁷, e na edição crítica de Graça Videira Lopes *Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-*

⁷Há uma 3ª edição das *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses* datada de 1995. É uma edição ilustrada que reproduz a 2ª e acrescenta o prefácio da 1ª, editada em 1965.

portugueses, de 2002⁸. Foram escolhidas como *corpora* deste Estudo, as cantigas de escárnio e maldizer.

Os textos escarninhos medievais ficaram, por muito tempo, esquecidos, diante de outros cuja temática, amorosa ou épica, não desafiava as normas sociais, sempre consagradoras de valores, costumes e práticas. Desse modo, as cantigas de escárnio e maldizer apresentam-se como fontes importantes para o exame do imaginário acerca da sexualidade de religiosos. É importante salientar que as cantigas satíricas versam não só sobre a temática sexualidade dos religiosos, mas sim da sexualidade de modo geral, abrangendo motivos e personagens vários, como, por exemplo, homossexualidade masculina e feminina, adultério, relações incestuosas, ambição, roubo, comportamentos políticos, maus tratos domésticos, velhice, feitiçaria, mau caráter. Assim também são vários os personagens. Além de religiosos, incluem-se as soldadeiras, alcoviteiras, reis, infanções, médicos, judeus, trovadores e jograis, dentre outros (LOPES 1994, p. 213- 217).

Vale ressaltar que não se quer fomentar a angústia estéril da crítica tradicional acerca de tais textos, se seriam ficcionais ou reais. Conforme Sodré (2007, p. 141), “[...] o jogo entre o ficcional e o histórico ganha dimensões, hoje dificilmente apreensíveis. O limite entre o riso corretivo, o riso zombateiro é meramente lúdico [...]”. Entende-se que tais textos são documentos construídos social e historicamente, podendo, por isso, ser tomados como testemunho da construção social da sexualidade de religiosos.

Consoante Lopes (1994, p. 32), “o *corpus* satírico dos cancioneiros mostra-nos uma poesia em estreita relação com a sociedade de seu tempo, ocupando um lugar que nenhuma outra escola poética voltaria a conquistar”. Além disso, “testemunha uma cultura profana altamente elaborada que se radica em uma sociedade civil humanamente multifacetada e em movimento”, funcionando as cantigas, como diz a autora, como “uma espécie de bastidores da arte trovadoresca em geral, lugar de discussão de regras e competência”. Lanciani e Tavani (1993, p. 138-139) afirmam também que as cantigas satíricas se caracterizam “[...] por uma maior variedade lexical e por uma riqueza [...] de termos relativos ao corpo humano, ao vestuário, à paisagem e aos alimentos [...] e constituem um repertório preciso dos usos

⁸Ressaltamos que a edição crítica de Graça V. Lopes toma por base, em sua totalidade, a edição crítica de Manuel R. Lapa. Ela faz alusão ao notável trabalho de inteligência e rigor do professor Rodrigues Lapa, que será sempre uma obra de referência. Os critérios da edição de base foram mantidos ao longo do Trabalho, porém, ao final, houve necessidade de uma atualização. A edição de Lopes é composta por 474 cantigas, a de Lapa, por 423, contendo a primeira, desse modo, 51 cantigas a mais que a edição crítica de Lapa. Graça V. Lopes diz que “o significativo aumento é o resultado da melhor compreensão que temos atualmente das formas, por vezes ínvias, da sátira e do humor trovadoresco, e que tomou forma na revisão atenta de toda a produção lírica que chegou até nós” (LOPES, 2002, p. 15-16).

linguísticos medievais”. Assim, diferentes campos acham-se presentes nesses textos, entre os quais o que se pretende estudar.

Essas cantigas apresentam cenas das quais, provavelmente, não se tomariam conhecimento, pois os documentos oficiais e religiosos não as deixam transparecer. Salienta-se que a vida religiosa significava, muitas vezes, para a nobreza uma solução de vida para muitos filhos e filhas para os quais não era possível obter um casamento vantajoso. Uma donzela, por exemplo, poderia ser reclusa no convento, forçadamente, como se pode observar na estrofe da cantiga *Preguntei ãa don[a] em como vos direi*, editada sob o número (376) por Graça V. Lopes:

Preguntei ãa don[a] em como vos direi:
 - Senhor, filhastes ordem? E já por en chorei!
 Ela enton me disse:- Eu non vos negarei
 de con’eu filhei orden, assi Deus me perdom!
 Fez-mi-a filhar mia madre, mais o que lhe farei?
 Trager-lhi-ei os panos, mais nom [o] coraçom!

Lopes (2002) afirma que essa pode ser considerada uma típica cantiga que aborda um problema comum na Idade Média: a reclusão de uma moça no convento, contra sua vontade. Nos dois últimos versos acima, a donzela reafirma sua rebeldia, causada pela injustiça de receber as “ordens” (hábitos) contra seu desejo, por imposição materna, pois ela não tinha nenhuma “vocação” para a vida religiosa. Além disso, fica evidente a fidelidade do seu amor ao trovador, quando ela diz *trager-lhi-ei os panos, mais nom [o] coraçom*. Talvez uma das causas de certo deslize de comportamento das religiosas retratado ou caricaturado pelos trovadores seja justamente a reclusão forçada nos mosteiros.

No quadro que se segue, arrolam-se os primeiros versos, o número e o autor das cantigas selecionadas, conforme as edições críticas já mencionadas.

| Nº CANTIGA | INCIPIIT | AUTOR |
|--|---|-------------------------------------|
| EDITADAS POR RODRIGUES LAPA (1970) | | |
| 23 | <i>Ao daian de Cález eu achei</i> | Afonso (Rei D) de Castela e de Leon |
| 29 | <i>Penhoremos o daian</i> | Afonso (Rei D) de Castela e de Leon |
| 37 | <i>Abadessa, oi dizer</i> | Afonso Eanes do Coton |
| 55 | <i>Martim Moia, a mia alma se perca</i> | A. Gomes |
| 59 | <i>Em Arouca ua casa faria</i> | Afonso (D) López de Baian |
| 134 | <i>Com vossa graça mia senhor</i> | Fernan (D) Páez de Talamancos |
| 135 | <i>Non sei dona que podesse</i> | Fernan (D) Páez de Talamancos |
| 136 | <i>Quan'd eu passei per Dormãa</i> | Fernan (D) Páez de Talamancos |
| 146 | <i>Maria Pérez se maenfestou</i> | Fernan Velho |
| 147 | <i>A um frade dizen escaralhado</i> | Fernand' Esquio |
| 148 | <i>A vós, Dona Abadessa</i> | Fernand' Esquio |
| 173 | <i>Abadessa, Nostro senhor</i> | Gonçl' Eanes de Vinhal |
| 227 | <i>Don Domingo Caorinha</i> | Joan Servando |
| 299 | <i>Ua donzela jaz [preto d] aqui</i> | Martim Soárez |
| 304 | <i>Dom Afonso López de Baian quer</i> | Paaí Gómez Charinho |
| 327 | <i>Natura das animalhas</i> | Pedro (Conde D.) de Portugal |
| EDITADA POR GRAÇA VIDEIRA LOPES (2002) | | |
| 293 | <i>Non [é] est'a de Nogueira</i> | Pero E. Solaz |

Quadro 1: *Incipit* das cantigas, número em que se encontram nas respectivas edições e seus autores

Conclui-se dos dados observados acima que é encontrado um número razoável de composições que versam sobre o comportamento sexual do clero, que se apresenta em diferentes graus de hierarquia, por exemplo, papa, alto clero, abadessa, dentre outros eclesiásticos. Dessas, dezesseis cantigas são editadas por Lapa e uma acrescentada por Graça Videira Lopes, formalizando um total de 17 cantigas que abrangem clero regular e secular de ambos os sexos.

2.1 RETROSPECTIVA DA LÍRICA GALEGO-PORTUGUESA

A poesia trovadoresca galego-portuguesa constitui, sem dúvida, um dos fenômenos culturais mais ricos e originais da história da Península. Entre 1200 e 1350, desenvolveu-se na Península Ibérica, a lírica trovadoresca, um movimento poético-musical representado pelas mais diversas classes: reis, grandes senhores, clérigos, pequena nobreza, (os trovadores) e pessoas de camada inferior (jograis). Esses dois últimos exerciam essa atividade, também, como profissão. Enquanto os trovadores tocavam e cantavam sem interesse financeiro, os jograis juntavam ao interesse de mostrar seu talento o de ganhar daí algum benefício financeiro (ALVAR; BELTRÁN, 1984).

Apesar das diferenças culturais e políticas, galegos, portugueses, castelhanos, leoneses e catalães utilizavam, como veículo da sua poesia lírica e satírica, a mesma língua: a galego-portuguesa. Lopes (2002, p. 11) assegura que era:

[...] a ‘língua poética franca’ peninsular da época, criando conjuntamente, e à semelhança do que se passava noutras regiões da Europa, como Provença ou Alemanha, uma escola poética-musical definida e original, marca de uma atividade cultural profana, paralela, mas exterior à cultura religiosa, a escola trovadoresca galego-portuguesa.

Essa arte trovadoresca desenvolveu-se nas grandes cortes reais e senhoriais, sobretudo na corte castelhana de Fernando III e Afonso X e nas cortes portuguesas de D. Afonso III, D. Dinis e D. Pedro (conde de Barcelos). Essas cortes foram, sobretudo, importantes núcleos de criação e irradiação da poesia trovadoresca. Os reis e grandes senhores limitavam-se não só a proteger os que praticavam a arte, mas compunham, eles próprios, poemas que se tornaram um legado para a posterioridade. É interessante, assim, recordar que a arte trovadoresca está indiscutivelmente ligada às elites culturais e políticas da época e que é, pois, em torno das grandes cortes reais ou senhoriais que ela se desenvolve e encontra, ao mesmo tempo, o seu público (LOPES, 2002, p. 11-12).

Cerca de 1680 cantigas chegaram até nós, através dos *Cancioneiros da Biblioteca Nacional*, *Cancioneiro da Vaticana* e *Cancioneiro da Ajuda*. Desses textos, quase um quarto pertence ao gênero satírico que é representado pelas cantigas de escárnio e maldizer. Além dessas cantigas, há 420 textos marianos, as conhecidas “Cantigas de Santa Maria”, de Afonso X. É difícil precisar quando surgiram as primeiras cantigas. A poesia com datação mais antiga escrita em galego-português que se pode datar é a sátira política *Ora faz ost’ o senhor*

de Navarra, dirigida contra o rei de Navarra, escrita por Johan Soarez da Pavha, nos últimos anos do século XII e começo do XIII. Portanto, pode-se dizer que essa poesia representa, simbolicamente, o início da poesia galego-portuguesa (GONÇALVES; RAMOS, 1985).

2.1.1 Trovadores e jograis, intermediários culturais da lírica trovadoresca

Os Cancioneiros mostram que a cultura poético-musical não era própria de uma classe. Ao lado de reis, príncipes e de grandes senhores que se denominavam “trovadores”, surge o modelo profissional denominado “jogral”. Esses eram autores de uma série de textos líricos de caráter moralista, satírico, burlesco, paródico e que exercitavam sua atividade quase que exclusivamente em ambiente cortês.

Os trovadores e jograis foram, sem dúvida, os grandes interlocutores culturais da lírica galego-portuguesa. Trata-se de duas funções bem delimitadas, ao menos, na teoria. O trovador é aquele que compõe a poesia destinada a ser difundida mediante o canto, pois eram composições para serem ouvidas e, não, lidas. O trovador era o autor da música e da letra. Essas cantigas compostas por eles eram divulgadas, em sua maior parte, pelos jograis, o que não significa que os trovadores também não cantassem suas produções. Normalmente, era o trovador acompanhado por um jogral, que o seguia de corte em corte⁹. Riquer (1992, p. 30) afirma, categoricamente, que “La poesía trovadoresca, acompañada de su melodía y destinada a ser escuchada, era divulgada por los músicos-cantores llamados juglares [...]”¹⁰. Os trovadores apresentavam-se nos saraus, entreterendo o público. Não estudavam apenas Música; faziam também cursos de Retórica e Poética. Os clérigos-trovadores tinham uma cultura e uma preparação mais ampla que os nobres, e esses, por sua vez, eram mais preparados que os da classe popular. Os jograis também sabiam ler, o que poderia habilitar um jogral a entrar em competição poética com um trovador, para poder passar à categoria de trovador. Esse também poderia ser rebaixado à categoria de jogral, a depender da vida que levasse. Mesmo assim, os

⁹ Na análise de Le Goff (2003, p. 49), o perfil dos jograis é bem ilustrado na figura dos Goliardos, que, oriundos de berço humilde, não mantêm residência fixa, indo de cidade em cidade, em busca dos mestres que lhes houvessem agradado. Essa peregrinação, vista como vadiagem, representa um dos aspectos mais marcantes do cenário intelectual do medievo peninsular.

¹⁰ A poesia trovadoresca, acompanhada de sua melodia, é destinada a ser escutada; era divulgada pelos músicos-cantores chamados jograis. (Tradução nossa)

trovadores tornavam-se mais conhecidos, pois só se conservava o nome do autor da cantiga. Seu intérprete permanecia no anonimato (RIQUER, 1948).

A língua dos trovadores apresenta certa homogeneidade, que se impõe perante variantes dialetais da zona linguística de que procede cada poeta. Adquiria uma flexibilidade para poder ser cantada em localidades distantes e diferentes da sua origem, pois, sendo uma poesia que era levada de corte em corte e de cidade em cidade, tinha que se moldar a um padrão linguístico unificado; era uma espécie de *Koiné* literária (RIQUER, 1992, p. 10-11).

Entre os poetas galego-portugueses, não só encontramos cavaleiros e fidalgos, mas também reis, como Afonso X e D. Dinis, pessoas de sangue real, como D. Pedro de Portugal, grandes senhores representantes da nobreza, como Afonso Lopes de Bayan, Gonçal ‘Eanes do Vinhal, Pay Gomez Charinho, escudeiros afortunados, vilões e burgueses, como Pero da Ponte, alguns eclesiásticos e cavaleiros de ordem militar.

2.2 ESCÁRNIO E MALDIZER: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Segundo Lanciani e Tavani (1995, p. 7-8), as cantigas de escárnio e maldizer são um conjunto de textos frequentemente diversos entre si, nos temas e modulações tonais. Esse grupo envolve não só as cantigas de escárnio e maledicências de breve alcance e interesse estritamente pessoal, mas também “serventes” morais e políticos, sátiras literárias e de costumes, queixas e lamentações, tenções, cantigas dialogadas e paródias; em resumo, todos os textos que não fazem parte das cantigas de amor ou de amigo são de escárnio ou maldizer.

A própria delimitação entre os termos *escárnio* e *maldizer* é incerta. Como afirmam os autores antes citados (LANCIANI; TAVANI 1995, p. 8), “[...], essa ambiguidade terminológica é avalizada, em boa parte, pelas incertezas e pelas oscilações presentes na própria tradição manuscrita”. Essas cantigas aparecem especificadas, aleatoriamente, no próprio *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, cabendo, em geral, ao leitor decidir em qual dos gêneros integrar. Às vezes, os dois termos aparecem como rubrica de uma mesma cantiga, embora o anônimo redator da Poética da *Biblioteca Nacional* estabeleça uma distinção entre os dois tipos de cantigas, como se segue abaixo:

Cantigas d'escarneo som aquelas que os trovadores fazem querendo dizer mal d'algue<n> em elas, e dizen-lho per palavras cubertas que ajan dous entendimentos pera lhe-lo non entenderen... ligeiramente; [...] e estas palavras chaman os clérigos hequivocatio. E estas cantigas se podem fazer outrosy de meestria ou derrefran (LANCIANI; TAVANI, 1995, p. 12-13).

Já as cantigas de maldizer são assim definidas:

Cantigas de maldizer son aquela<s> que fazem os trovadores... descubertamente. E<n> elas entran palavras que queren dizer mal e nona ver outro entendimento se non aquel que queren dizer chãamente. [...] (LANCIANI; TAVANI, 1995, p. 12-13).

Parece estarmos diante de dois gêneros inconfundíveis, porém, na prática, essa distinção, por oposição das palavras “cuberta” e “descubertamente”, se apresenta menos clara¹¹. Na verdade, essa distinção é muito polêmica, e nem sempre se consegue determinar o tipo de uma ou outra cantiga satírica. O próprio Rodrigues Lapa (1965a p. x)¹² afirma:

De qualquer maneira, teremos de ver nesta distinção entre cantigas d'escarnho e de mal dizer uma simples pretensão escolástica, que não podemos aceitar incondicionalmente, por não recobrir a imensa variedade da nossa poesia satírica medieval, pelo que se refere à forma e ao conteúdo.

Diante da problemática referente à distinção entre as cantigas satíricas, alguns investigadores tendem a utilizar-se da fórmula “escárnio” e “maldizer”, ao tratar das cantigas pertencentes a esse gênero. Desse modo, optou-se por utilizar, neste Estudo, a expressão “escárnio” e “maldizer” para designar todas as cantigas que constituem o *corpus* de deste Trabalho¹³.

¹¹Elza Gonçalves e Ana M. Ramos (1985, p. 24) afirmam que a distinção entre escárnio e maldizer vai estar confiada a um recurso retórico presente nas cantigas de escárnio: o equívoco. Lopes (1994, p. 97) diz que o equívoco é estabelecido por formas distintas – através do jogo de palavras, dando um duplo sentido à interpretação, e através do jogo de sintaxe e o ritmo de toda a cantiga.

¹²Ressalta-se que se recorreu ao prefácio da 1ª edição de Lapa de 1965.

¹³É preciso enfatizar que Brea (1996), no *corpus* da *Lírica Profana Galego-portuguesa* também optou por usar uma etiqueta globalizante “cantiga de escárnio”, sob todos os aspectos temáticos (escárnio político, escárnio pessoal, etc.), decisão essa devida à confusão dos termos *escárnio* e *maldizer*, presentes nos próprios Cancioneiros

2.3 TROVADORES GALEGO-PORTUGUESES: SUA LOCALIZAÇÃO NO TEMPO E NO ESPAÇO.

É difícil estabelecer uma cronologia entre os poetas que floresceram em Castela e Portugal, durante o reinado dos monarcas Afonso X e D. Dinis, dificuldade essa devida à escassez de dados e ao contínuo movimento de alguns nobres. Inúmeros poetas só compuseram cantigas de amor e de amigo, carentes de qualquer referência ao mundo que lhes rodeava, o que dificultava situá-las no tempo e no espaço. Portanto, é uma tarefa complexa fazer essa distribuição em uma perspectiva histórico-geográfica dos 154 trovadores e jograis, autores de, pelo menos, um dos textos chegados até nós (LOPES, 1994, p. 24).

Segundo Tavani (2002, p. 342-343), trovadores considerados em um determinado período do século podem pertencer também a épocas posteriores ou anteriores. Além disso, há trovadores frequentadores de uma determinada corte que, por algum motivo, emigraram, temporária ou definitivamente, por livre opção, ou que, na sequência de fatos políticos, prosseguiram suas atividades em outras cortes. Essas permutações ocorreram, com frequência, entre as cortes de Castela e Portugal. Assim exemplifica Tavani (2002, p. 351), afirmando que D. Afonso Lopes de Baian era “português, mas viveu na corte castelhana entre 1245 e 1253, voltando, depois para Portugal, onde D. Afonso III lhe confiou funções de governador no Norte do País”.

É, pois, difícil estabelecer o local onde os trovadores e os jograis exerceram, exclusiva ou predominantemente, suas atividades, podendo elas não coincidir com a origem do poeta, pois trovadores e jograis viajavam muitos por motivos quase sempre diversos. Os primeiros moviam-se por motivos bélicos ou questões políticas; os últimos, por causas profissionais.

Costa Pimpão (1959, p. 115-116) faz um agrupamento nacionalístico dos 153 trovadores e jograis, partindo das convivências poéticas de cada autor. São poetas portugueses: D. Pedro de Portugal, Afonso Lopes de Baião, Aires Peres Vuiturom, Fernão Velho, Gonçalo Eanes do Vinhal, João Velho de Pedrogais, Martim Soares. Dos portugueses temos o grupo galego, cujo grande foco literário foi Santiago de Compostela e ao qual pertencem Afonso Eanes do Coton, Alvaro Gomes, Fernan Pais de Talamancos, Pai Gomes Charinho, Pero da Ponte. Provavelmente, são também galegos Fernan'd Esquio, Pedr' Eanes Solaz. Temos em nosso *corpus* cantigas de trovadores que não eram nem portugueses nem galegos, mas que cultivavam a poesia galego-portuguesa. Nesse grupo, se encontram Afonso X (rei de Castela), João Servando (Picardom).

No entanto, o número de poetas agrupados por Casta Pimpão, de acordo com a origem, é bem maior. Apenas listamos desse grupo os poetas que fizeram parte do *corpus* deste Trabalho.

2.4 TROVADORES E SUAS CANTIGAS SATÍRICAS

A obra poética dos trovadores tem sua importância tanto por seu valor literário quanto, pelo seu valor histórico, pelos dados relevantes que nos levam ao ambiente, à ideologia reinante na Época Medieval; bem como aos costumes e ao século em que a poesia se desenvolveu. Porém, de alguns trovadores se sabe pouco, como ressalta Souza (1997, p. 6):

[...] determinar, com certeza, a origem nobre de alguns poetas é uma tarefa difícil, face à escassez ou inexistência de documentação. O investigador não se pode apoiar, com segurança, nos textos das cantigas, uma vez que estes, muitas vezes, mais confundem que esclarecem, tanto pelo seu caráter de ficção, como muito provavelmente pelo fato de não se ter, durante o período de florescimento da lírica peninsular, formulações muito claras desses papéis.

Ressaltamos que os trovadores cujas cantigas foram objetos de desse Estudo viveram em meados do século XIII e início do século XIV, com exceção de Fernan Paez de Talamancos, que, provavelmente, desenvolveu a sua atividade poético-musical no período anterior a meados do século XIII (OLIVEIRA, 1994, p. 343). Enfatizamos que há, nos textos, dificuldade no que tange à sua interpretação, devido à própria linguagem das sátiras, que “prioriza” o equívoco e a sutileza com que o tema é versado pelos trovadores. Observam-se lexias que designam partes do corpo, assim como expressões “metafóricas” que fazem alusão ao ato sexual. Seguem o perfil biográfico dos poetas¹⁴ e uma abordagem das composições selecionadas de cada trovador. Para tal, será considerada a ordem das cantigas apresentadas por Rodrigues Lapa (1970). Em seguida, será analisado o texto editado por Graça Videira Lopes (2002).

¹⁴ Lanciane e Tavani (1993) asseguram que cantiga é toda a composição que seja constituída por letra e música interligadas e que se subdivide em gêneros: de conteúdo amoroso; de conteúdo satírico e burlesco; de conteúdo religioso. Ressalta-se, ainda, que, ao lado desses três gêneros, se assinala a existência de outros subgêneros, como a cantiga de vilão, de seguir, tenção, descordo, pranto, pastorela. Para Moisés (2004), a cantiga foi, durante a Idade Média, meio para designar a forma poética vernácula equivalente à *canso* provençal ou à *chanson* francesa. Dispunha-se de três estrofes, cada uma apresentando quatro ou sete versos.

2.4.1 Afonso X

Rei de Castela e de Leão desde 1252, autor, inspirador e promotor de obras em prosa castelhana e em poesia galego-portuguesa, Afonso X compôs, além de 422 Cantigas de Santa Maria, textos profanos em galego-português. Sob as rubricas “Rei D. Afonso de Leão” e “Rei D. Afonso de Castela e de Leão”, foram conservadas quarenta e quatro composições, sendo distribuídas em três cantigas de amor, uma de amigo, vinte e oito de escárnio, uma cantiga jocosa, cinco sátiras políticas, uma cantiga de desconforto e quatro tenções (TAVANI, 2002, p. 384)¹⁵.

Do leque de composições profanas do Rei Trovador, apenas, iremos abordar as duas cantigas referentes à sexualidade de religiosos ambas editadas por Lapa (L 23; 29)¹⁶. Uma delas é a cantiga *Ao daian de Cáliz eu achei* (L 23), um texto de mestria¹⁷, com cobras¹⁸ dobras. Nessa composição, o trovador vai atacar o deão de Cáliz, a propósito de seu gosto por livros eróticos, aliado às práticas de feitiçaria. Na verdade, trata-se de livros que, segundo o autor, vão instruir o religioso na “arte de foder”¹⁹: “[...] con estes livros que vós veedes dous/e conos outros que el ten dos sous,/fod’el per eles quanto foder quer”. Segue o autor, dizendo que o religioso, com o pretexto de fazer milagres, colocava em prática os ensinamentos desses livros com todas as mulheres que passassem por perto. O milagre a que se refere o autor é praticado através do ato sexual realizado pelo religioso, que se propunha a curar todas as mulheres que se sentissem possuídas pelo Demo.

Já a segunda composição, *Penhoremos o daian* (L 29), é uma cantiga de refrão, com cobras singulares. Entretanto, também está dedicada ao *daian* que, provavelmente, é o mesmo *daian* de Cáliz, já citado na cantiga (L 23). Nessa cantiga, o trovador acusa, diretamente, o *daian* de ser o responsável pelo sumiço de um de seus cães de caça. Ele afirma que o religioso sofrerá as consequências desse ato. O trovador não aceita tal ousadia do *daian* e vai combatê-lo, penhorando o que o religioso tem de melhor: sua cadela, o que se vê em: “[...] e penhorar-

¹⁵ Afonso X já havia reunido a seu redor uma qualificada corte de trovadores e poetas, mesmo antes de subir ao trono, em 1252. Encontravam-se ao seu lado alguns nobres de origem portuguesa ou galega, como Gonçal’ Eanes do Vinhal, Pero Garcia d’Ambroa, D. Afonso Lopes de Baian.

¹⁶ Salienta-se que a identificação das cantigas será feita, no corpo deste trabalho, considerando a primeira letra do nome do editor crítico, seguido da numeração que a cantiga recebe na respectiva edição. Assim, Para Manuel Rodrigues Lapa, será utilizado “L 23”; para Graça Videira Lopes, “G 293”.

¹⁷ Cantiga de mestria é a forma estrófica que se caracteriza pela ausência de estribilho (BELTRÁN, 1993a).

¹⁸ Cobra, sinônimo de estrofe, na poética medieval galego-portuguesa. Quando cada estrofe apresenta rimas próprias, recebe o nome de *cobra singular*. Quando a rima é igual em todas as estrofes, recebe o nome de *cobra unísona*, e de *cobra dobla*, se a rima for idêntica a cada grupo de duas estrofes (BELTRÁN, 1993b).

¹⁹ Lapa afirma que se trata de uma cantiga “obsceníssima” que visava ao deão de Cáliz, que exercia sua arte de fazer amor pelos livros, livros de magia, e que colocava, em seu poder, as mulheres que desejava (LAPA, 1970, p. 42).

lh'-ei, de pran,/e filhar-lh'ei a maior/sa cadela, pólo can". Segundo Lapa (1970), a cadela que o Rei se propõe a penhorar seria uma barregã do daian, mais precisamente a melhor das suas barregãs. O autor segue lamentando-se do roubo de seu melhor "podengo" e propõe-se a ser condescendente, se houver uma troca voluntária do seu cão pela barregã. Porém, se o daian não aceitar, perderá sua "cadela", da qual ele, o rei, irá se servir bem, tomando-a como sua barregã. Observem-se os versos: "pero querrei-mi avïir/con el[e], se consentir;/mais, se o el non comprir,/os seus penhos ficar-mi-an,/e querrei-me ben servir/da cadela, pólo can".

2.4.2 Afons' Eanes do Coton

Afons'Eanes do Coton, trovador, talvez escudeiro ou cavaleiro, provavelmente galego, ativo no segundo terço do século XIII (reinado de Fernando III e primeiros anos de Afonso X), foi alvo de críticas jocosas que o taxaram de libertino. Sabe-se pouco do seu estado social. Alguns autores consideram-no de classe social elevada e outros, de condição humilde. Sua produção poética abrange, segundo Tavani (2002, p. 380), vinte e quatro textos, sendo quatro cantigas de amor, três de amigo, quatorze de escárnio e maldizer, uma sátira literária, duas tenções com Pero da Ponte. Dentre as cantigas de escárnio e maldizer de Afonso Eanes do Coton, a cantiga *Abadessa, oí dizer* (L 37) é a única que faz alusão ao comportamento sexual de uma religiosa.

Nessa cantiga, o trovador apresenta-se como recém-casado e, dizendo-se órfão à procura de ensinamentos, apela para a experiência de uma abadessa na arte do amor, pois se considera "ignorante" nessa arte. Ela é qualificada como "sabedor de todo ben"; parece especializada na arte sexual, conhecedora de todas as formas de uma boa relação sexual: "Abadessa, oí dizer/que érades mui sabedor/de todo ben; e, por amor/de Deus, quere-vos doer/de min, que ogano casei,/que ben vos juro que non sei/mais que um asno de foder".

Ao longo da cantiga, vão sendo expressas lexias que caracterizam, ironicamente, a inabilidade do trovador no ofício do amor ("ogano casei" v. 5); ("asno de foder" v. 7); ("fiqu' i pastor" v. 14). A mistura do "sagrado e o profano", elucidada por Lapa, é também, durante toda cantiga, bem marcada, através da referência a orações ("Pater Noster" v. 20), ao culto ("reino de Deus" v. 23; "amor de Deus" v. 4-5), ao rito (jajũar v. 25), contrapondo-se com o mundano, que seria, no caso, o ato sexual ("foder" v. 7, 10, 17, 19; "ambrar" v. 28).

2.4.3 Afonso (ou Alvaro) Gomes de Sarria

Jogral galego da segunda metade do século XIII, Afonso Gomes de Sarria é autor de uma única composição que chegou até nós, uma cantiga de maldizer, dirigida ao trovador Martim Moya. Essa cantiga constitui, assim, a única fonte de informação de que dispomos para estabelecer sua identidade (OLIVEIRA, 1994, 303-304).

Na cantiga *Martín Moxa*²⁰, *a mia alma se perca* (L 55), o jogral chufa, de maneira aparentemente divertida, o clérigo Martin Moxa. Ele satiriza o clérigo-trovador, que bebia porções de uma erva “mágica”, que Lapa chama de “elixir da longa vida”, para obter longevidade²¹. O poeta brinca com a “juventude” do clérigo, dizendo: “[...] mais avedes pecado pola erva/que comestes, que vos faz viver/tan gran tempo, que podedes saber/mui ben quando nasceu Adan e Eva”. O jogral chufa do “pecado” praticado pelo clérigo, colocando em evidência a vida de fornicador do religioso, quando afirma que: “Nen outrossi dos fillos barvados/non vos acho i por [gran] pecador,/se non dos tempos grandes transpassados,/que acordades, e sodes pastor”. Coloca-se, no entanto, em dúvida se, realmente, o maior pecado do clérigo seria a prática de seitas mágicas – tão censuradas e combatidas pela Igreja Católica – ou a vida sexual levada pelo religioso, pois o mesmo já tinha “filhos barvados”.

A cantiga é obscura, quanto à “real” intenção crítica do autor. Entretanto, ressalta-se que a cantiga *De Martim Moia profaçam as gentes*, editada criticamente por Graça Videira Lopes, sob o número (G 246), de autoria duvidosa, aparecendo apenas como “Martim”, é direcionada a Martin Moxa, com acusações semelhantes às expostas na cantiga anterior, e que, segundo Lopes, pode ser entendida como um “auto-escárnio”²², onde Martin Moxa se desculpa da acusação de incontinência, ao mesmo tempo em que ataca o pecado maior da “maledicência”. Acredita-se, portanto, que pode ser pertinente a abordagem realizada anteriormente, quanto à prática de fornicação do clérigo-trovador.

²⁰ O nome Martin Moxa aparece em outras composições como Martin Moia ou Moya, porém, Lapa prefere a grafia Moxa. No entanto, a esse respeito, diz Maleval (1995, p. 15), que a “tendência dos especialistas é considerar Moya a forma legítima e Moxa a sua alcunha galego-portuguesa”. Deduz-se, portanto, que as duas formas são usadas e aceitas pelos críticos. Além disso, Martin Moxa é também conhecido como clérigo-trovador.

²¹ Segundo Maleval (1995, p. 15), nessa cantiga, “procede-se a minimização do pecado do ‘foder’ e do ‘fazer fillos’ de que acusam Martim Moxa, [...] pelo confronto com um seu ‘pecado’ maior: o de comer da ‘erva’ milagrosa da longa vida”. No entanto, ressalta-se que essa é uma das possibilidades de leitura dessa cantiga.

²² A leitura autobiográfica, ainda que um pouco estranha, talvez seja igualmente possível, até que se possa fazer luz sobre o assunto (LOPES, 2002, p. 300).

2.4.4 Afonso Lopez de Baian

Trovador português da segunda metade do século XIII, Afonso Lopez de Baian é representante de uma das principais linhagens medievais portuguesas. Quanto à sua produção poética, encontram-se, segundo Tavani (2002, p. 380-381) dez textos: duas cantigas de amor, quatro de amigo, duas de escárnio, uma sátira política, uma paródia literária.

Como se sabe, a produção satírica de Baian inclui quatro textos, de conteúdo diversificado. Dois desses textos, são sátiras políticas que têm como alvo o nobre Men Rodrigues de Briteiros. O outro trata de um tal Alvelo, que, apesar de já ter certa idade e de estar, há muito, prometido a uma mulher, não tem nenhuma intenção de se casar. E a última cantiga que é alvo desse Estudo, trata de uma religiosa do Mosteiro de Arouca.

A cantiga *En Arouca ãa casa faria* (L 59) é, sem dúvida, dirigida a uma abadessa do Mosteiro de Arouca. Para alguns investigadores, é uma cantiga de caráter obsceno, porém com sentido velado e de difícil interpretação, devido à ambiguidade de algumas lexias²³.

Acredita-se que o ponto marcante da cantiga de Baian reside justamente na metáfora da expressão “madeira nova”, cujo sentido se acredita estar relacionado ao órgão sexual masculino, o “pênis”. O contexto da cantiga, através de suas metáforas, sugere-nos um sentido erótico-sexual. As metáforas “madeirar”, “telhá-la”, “revolvê-la”, “cobri-la”, “descobri-la”, dentre outras, levam-nos ao imaginário sexual, ou seja, à simbologia dos movimentos de cobrir, descobrir, marcando os movimentos do ato sexual, apontados nos seguintes versos: “[...] e cobri-la; e descobri-la-ia/e revolvê-la, se fosse mester;/e se mi a mi a abadessa der/madeira nova, esto lhi faria”.

2.4.5 Fernan Paez de Talamancos

Trovador galego, Fernan Paez de Talamancos é um dos mais antigos trovadores já documentados. Provavelmente, deve ter nascido antes de 1180. A primeira referência documental é de 1204, quando testemunhou a venda do priorato do Sar, em Santiago. Foi tenente do castelo de Búbal, entre 1216 e 1242, cuja circunscrição pertence à povoação de Tamallancos. Após 1242, nada se sabe sobre sua produção poética (OLIVEIRA, 1994, p.

²³ Alguns estudiosos da lírica trovadoresca galego-portuguesa, entre os quais Carolina Michaëlis (1990, p. 402), confessaram-se incapazes de descobrir as ironias e gracejos que a cantiga esconde. Graça Videira Lopes enfatiza que ela possui sentido obscuro, porém acredita que o trovador zomba do ambiente, a seu ver, devasso, pelo qual a abadessa seria responsável, sendo a chave da cantiga a expressão “madeira nova” (LOPES, 2002, p.112).

343). Sua obra consta de oito textos: cinco cantigas de amor (duas delas jocosas) e três cantigas de escárnio e maldizer, sendo as últimas de número 134; 135, cantigas de mestria, com cobras uníssonas, e a de número 136, cantiga de refrão, com cobras singulares.

Fernan Paez de Talamancos apresenta uma obra relativamente pequena. No que tange a este Trabalho, apenas, as três composições de escárnio e maldizer serão abordadas. Esses textos foram recolhidas em Lapa (1970) sob os números: (L 134)²⁴ *Com vossa graça, mia senhor*; (L 135) *Non sei dona que podesse*; (L 136) *Quan'd eu passei per Dormãa*.

As cantigas (L 134; 135) apresentam uma curiosa relação temática e estilística. Ambas abordam um tema amoroso, mais especificamente, uma traição por parte do “senhor”. Elas apresentam, para alguns estudiosos, uma ambiguidade estilística, podendo ser denominadas como “cantares de amor” ou “escárnios amorosos”. A cantiga *Com vossa graça, mia senhor* é, para Carolina Michaëlis, uma cantiga de amor, tanto que ela a edita no Cancioneiro da Ajuda como tal. Porém, Lapa a edita, em sua segunda edição (1970), como um “cantar d’amor, que é, ao mesmo tempo, e mais ainda, um cantar de maldizer”²⁵ (LAPA, 1970, p. 216).

Não se tem dúvida de que as duas cantigas participam das mesmas características temáticas, mostrando dois momentos do mesmo trovador, assumindo, dessa forma, uma relação de continuidade e interdependência. Essa analogia é, também, percebida, nitidamente, na cantiga *Quand' eu passei per Dormãa* (L 136), composição considerada de escárnio e maldizer. Essa última cantiga assume perfeitamente o papel elucidatório das duas anteriores, aclarando a significação das cantigas e identificando o nome do “senhor traedor”, que aparece agora de cara descoberta, na qualidade de “abadessa” do convento de Dormãa.

Portanto, percebe-se que as três cantigas fazem um ataque malicioso contra os costumes sexuais de uma abadessa, que é prima do trovador. A crítica ao local não passa despercebida, pois, tratando-se de um mosteiro, o que se percebe com os textos é que aquela sociedade considerava que os mosteiros seriam um local livre de injúrias e de maus costumes.

²⁴ Segundo Pereira (1992, p. 63), “esta é a cantiga que inicia o ciclo dos escárnios de amor formado por este poema e os dous que o seguem. O motor da cantiga é o desengano e o desejo de vingança do trovador perante a traizón da dama, que culminará co descobrimento da sua personalidade na cantiga VI”. Ressaltamos que a cantiga VI é indicada em Lapa sob o número (L 136). Para Lopes (2002, p. 28), o “tom das cantigas vai-se tornando, progressivamente, mais escárnio. [...] esta primeira, são ainda utilizadas muitas expressões próprias do amor cortês. Mas se trata já, de qualquer forma, como anunciam os primeiros versos, de uma cantiga de despedida”. Lopes ainda acrescenta que a abadessa referenciada nas três cantigas é, provavelmente, uma prima do trovador.

²⁵ A cantiga *Com vossa graça, mia senhor* (L 134) não foi publicada na 1ª edição de Lapa pelo seu tom mais cortês, porém pertence efetivamente a esse ciclo de maledicências e revela-nos um dado importante: o rival do trovador era um cavaleiro vilão.

2.4.6 Fernan Velho

Segundo o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, teria sido Fernan Velho um trovador português, filho ilegítimo de Gonçalo Pires Velho, da família dos Velhos, da média nobreza de entre o Douro e o Minho. Porém, põe-se em dúvida a credibilidade do testemunho. Prefere-se identificá-lo como um galego ligado à corte do “magnata de Trastâmara”. Deve ter passado pela corte de Afonso X, onde participou do coro de maledicências poéticas contra Balteira, a famosa cortesã, alvo de muitas sátiras (OLIVEIRA, 1994, p. 346-347).

A obra do trovador Fernan Velho é composta de onze textos: nove cantigas de amor, uma de amigo, uma de escárnio e maldizer, caracterizada por uma sólida unidade retórica (TAVANI, 2002, p. 395). A cantiga de escárnio e maldizer *Maria Pérez se maenfestou* (L 146), que será abordada neste Estudo, é uma cantiga de mestria, com cobras uníssonas. Essa cantiga, como afirma a rubrica, é dirigida à famosa soldadeira Maria Pérez, que se vê atormentada por tantos pecados, pedindo, então, perdão ao Senhor pelo mal que sempre fez (fornicação), implorando que permitisse que ela tivesse um clérigo para se confessar e sempre a seu lado, a fim de não cair na tentação do Demo, que sempre a acompanhou a seu lado, como se observa nesses versos: “[...]noutro dia, ca por [mui] pecador/se sentiu, e log’a a Nostro Senhor/prometeu, polo mal en que andou,/que teves’ un clérig’a seu poder,/polos pecados que lhi faz fazer/o Demo, com que x’ela semp’andou”. Essa cantiga poderia ser tomada, então, como mais uma cantiga de chacota contra a soldadeira Maria Perez. No entanto, ela representa mais que uma simples confissão de uma “mulher pecadora” ao seu confessor. A mistura do sagrado “Nostro Senhor/Deus” com a vida mundana da soldadeira faz-se presente em toda a cantiga, estando sempre em oposição Deus, o “Salvador”, e o Demo, instigador dos maus vícios.

O trovador dá indícios de como o clérigo salva a soldadeira dos seus vícios e da tentação do Demo, nesses versos: “[...] de as mort’ ouv’ ela gran pavor/e d’ esmolnar ouv’ ela gran sabor;/e logu’ enton um clérigo filhou/e deu-lh’ a cama en que sol jazer/e diz que o terrá, mente viver;/e est’ afan todo por Deus filhou!”. Ao que parece, a soldadeira teria o clérigo ao seu “lado”, noite e dia, para que ela não se deixasse levar pelas tentações do Demo e tornasse a cair em pecado. Assim, ela estaria salva da sua dor, pois o clérigo a libertaria dos pecados, livrando-a do Demo. Essa salvação estaria relacionada à prática do ato sexual²⁶.

²⁶ Tal cantiga lembra outra de Afonso X, *Ao daian de Cáliz eu achei* (L 23), que faz alusão ao tratamento que o religioso dava às mulheres que por ele passavam. Ele as livrava da tentação do Demo através do ato sexual mantido com essas mulheres, pois, assim, elas estariam salvas do pecado. Do mesmo modo, nessa cantiga, o

2.4.7 Fernand' Esquio

Fernand'Esquio foi um trovador de origem galega, possivelmente da região de el Ferrol, onde sua família possuía propriedades. Era representante da linhagem dos Esquios, uma família da pequena nobreza galega, ligada ao Mosteiro de S. Martinho de Jubia. É difícil estabelecer a localização cronológica desse trovador, devido à falta de dados históricos ou de referências, na sua obra, a acontecimentos contemporâneos. Sua colocação nos cancioneiros remete à sua atividade como poeta e compositor, nos fins do século XIII e principio do XIV (OLIVEIRA, 1994, p. 336). Sua produção poética consta de nove textos: duas cantigas de amor, quatro de amigo, três de escárnio e maldizer (TAVANI, 2002, p. 391). Das cantigas de escárnio e maldizer do trovador Fernand' Esquio, duas fazem alusão ao comportamento sexual de religiosos: *A un frade dizen escaralhado* (L 147) e *A vós, Dona abadessa* (L 148). Trata-se de cantigas de mestria, com cobras singulares.

Acomposição *A un frade dizen escaralhado* é uma sátira, com lexias bastante ofensivas, contra um religioso prevaricador. A cantiga (147) já faz, no seu primeiro verso, uma alusão a um frade que se fazia passar por impotente, porém engravidava tantas mulheres que três delas pariram no mesmo dia, fato narrado nos versos: “[...] mais que traje ant’o caralho arreite,/ao que tantas molheres de leite/ten, ca lhe pariron três en un dia/e outras muitas prenhadas que ten”. O poeta joga com a semelhança gráfica e a diferença de significado das palavras “escaralhado” e “encaralhado”, provocando, assim, um efeito cômico. As expressões “caralho arreite” e “pissa arreite” sugerem que o frade não sofria de impotência alguma.

Já em outra cantiga do trovador, *A vós, Dona abadessa* (L 148), o alvo de crítica é, também, uma religiosa, tratando-se, porém, de uma abadessa. Nessa cantiga, o trovador Fernand'Esquio presenteia uma abadessa, que ele qualifica, ironicamente, de amiga, com quatro “caralhos franceses”, e uma prioresa, com dois, nos versos: “A vós, Dona abadessa,/de min, Don Fernand' Esquio,/estas doas vos envio,/por que sei que sodes essa/dona que as merecedes:/quatro caralhos franceses,/e dous aa prioressa”, pois as considera merecedoras e dignas de recebê-los. Observa-se, no entanto, que não eram quaisquer “caralhos”. Eram franceses e eram “quatro caralhos de mesa,/que me deu ãa burguesa,/dous e dou ena bainha”, o que os tornavam mais valiosos. O trovador parece insinuar que a abadessa é uma mulher insaciável, desejosa de praticar o sexo.

trovador mostra “encobertamente” que o clérigo se utiliza de um “ritual” parecido, para livrar a soldadeira das tentações do Maligno.

O contexto das cantigas (L 147; 148) possibilita a compreensão de traços que marcam, de forma concisa e clara, os costumes, tidos como “obscenos”, praticados pelas religiosas, levando-nos a uma interpretação pejorativa dos textos. Vale ressaltar, porém, que o trovador pode empregar esse tipo de artifício, não só para criticar o comportamento de alguns religiosos, mas também para mostrar ou insinuar aspectos políticos, sociais, morais e econômicos de uma sociedade que estava em constantes mudanças, no seu contexto sócio-histórico-cultural.

2.4.8 Gonçal’ Eanes do Vinhal

Trovador português, mas de família de origem toledana, descendente de Men Gomes Ibáñez, Gonçal’ Eanes do Vinhal é o quarto senhor de Vinhal. No primeiro terço do século XIII, participou da conquista de Múrcia (1243) e de Servilha (1248) e, mais tarde, foi vassalo e conselheiro de Afonso X, que lhe concedeu como feudo a cidade de Andaluza de Aguiar. Casou-se com D. Joana Rodrigues, em 1243, ligando-se, assim, aos Castros. Após a morte de Joana, casou-se com a aragonesa D. Berengária, filha de um poderoso senhor catalão (OLIVEIRA, 1994, p.353-354). Encontram-se, sob sua autoria, dezessete textos: nove cantigas de amigo, oito cantigas de escárnio e maldizer, que revelam uma veia satírica de extraordinária eficácia. E é justamente uma dessas cantigas satíricas, denominada *Abadessa, Nostro Senhor* (L 173), que será abordada neste Estudo.

Como se percebe é uma coposição dirigida a uma abadessa. No tocante à personagem da abadessa, essa cantiga de Gonçal’ Eanes do Vinhal é mais uma crítica dirigida a uma personagem religiosa cujo comportamento era inadequado e, até mesmo, luxurioso. A razão da cantiga está justamente nos agradecimentos de um determinado “comendador” pelos cuidados recebidos durante sua estada no mosteiro; agradecimentos bem enfocados na cantiga, nos versos: “[...] vos gradesca, se lhi prouguer,/por que vos nembrastes de mi,/a sazón que m’era mester:/u cheguei a vosso logar/que tan ben mandastes pensar/i do vosso comendador!”. A expressão “nembrastes-vos ben de mi”, agradecimentos que se repetem em todo o poema, enfatiza, em cada estrofe, os “bons” cuidados da abadessa recebidos pelo comendador. A abadessa o recolheu no convento, quando ele chegou ao povoado, depois de

uma longa viagem, muito cansado e necessitando de cuidados que poderiam ter sido estendidos ao deleite corporal da anfitriã²⁷.

Enfim, é um cantar bastante sutil e indireto. Acredita-se que a sua malícia esteja justamente nas argumentações dos agradecimentos do comendador aos cuidados carniais da abadessa.

2.4.9 Johan Servando

Nada se sabe a respeito de Johan Servando, além do que se pode inferir de suas composições. É um dos autores do cancionero de jograis e galegos, o que reforça a sua posição de jogral galego, cantor oficial do santuário de San Servando, em meados do século XIII. Possui vinte e dois textos: duas cantigas de amor, dezesseis cantigas de amigo (quase todas de romaria), quatro cantigas de escárnio e de maldizer (TAVANI, 2002, p. 406). Dentro do seu conjunto satírico, será abordada a cantiga *Don Domingo Caorinha* (L 227), que se apresenta, infelizmente, bastante fragmentada. É uma cantiga de refrão, com cobras singulares.

O texto é dirigido ao clérigo Don Domingo Coroinha. Logo no início, percebe-se o motivo de um escárnio tão voraz: o jogral faz alusão à impotência sexual do clérigo, impedido de satisfazer o desejo de sua amiga Marinha Caadoe, situação descrita já nos primeiros versos: “Don Domingo Caorinha/non á proe/de sobir em[a] Marinha/Caadoe;/quand’ ela jaze, sobinha,/mal a roe”. O clérigo não consegue manter relação sexual com sua “amiga”, porque seu membro viril parece estar em mau estado.

O trovador descreve cenas de vida sexual do clérigo, marcando, através de lexias e expressões, como “pissa tragedes”, “moa fodedes”, “sen cea”, “cansou essa cordovea”, a incapacidade sexual de Don Domingo, que é exposta em toda a cantiga.

2.4.10 Martin Soarez

Trovador português, natural de Riba de Lima, Martin Soarez é considerado o melhor entre os trovadores. Vassalo de Martim Garcia da Parada, participou da Guerra Civil de 1245-

²⁷ Lapa (1970, p. 269) diz a esse respeito que “da efusão do agradecimento parece concluir-se maliciosamente que a abadessa pusera tudo à sua disposição, até as suas graças corporais”.

1247, ao lado de D. Sancho II, e se exilou para Castela, onde frequentou as cortes de Fernando III e de Afonso X, voltando para Portugal, depois de muito tempo (OLIVEIRA, 1994, p. 386). Sua produção poética é composta por trinta e nove textos: vinte e duas cantigas de amor, dezesseis cantigas de escárnio e maldizer e uma tenção. Das cantigas de escárnio e maldizer do trovador Martin Soárez, apenas, a composição *Ûa donzela jaz [preto d]aqui* fará parte deste Estudo. É uma poesia de mestria, com cobras singulares.

A cantiga aborda, de forma maliciosa, os desvios comportamentais do Clero, sobretudo, no que tange às relações sexuais²⁸. As críticas direcionam-se a um clérigo, que vem qualificado por Don Caralhote, e a uma “donzela”, que se torna “dona” e barregã do religioso. A cantiga transcorre a partir da queixa de uma jovem “donzela” contra seu amante, um clérigo, que a teria desonrado e não queria mais assumi-la como sua amante.

É uma produção de caráter pejorativo. Todo o texto é desencadeado sob uma situação imagística da cópula entre os personagens. Várias são as referências alusivas à relação sexual, como “colheu Don Caralhote nas mãos, Caralhote viu antre sãs mãos, ouv’en gran sabor, Caralhote ouv’en seu poder, soube o que d’el[e] fazer, meteu-o em um cárcer atal”. Fica evidente a satisfação da mulher em ter o caralhote (pênis) nas mãos e ter sobre “ele” o poder de fazer o que quiser, só permitindo se afastar do caralhote, apenas, se desfalecer. Vejam-se os últimos versos: “[...] e nunca i, tan fort’ e preso jaz,/[quer] que en saia, meios de morrer”²⁹.

2.4.11 Pai Gomez Charinho

Trovador, descendente de uma linhagem galega da região de Pontevedra, sem grande projeção social e política, Pai Gomez Charinho pertencia a uma nobre família aparentada com os Marinós. Quanto às suas composições, podem lhe ser atribuídas, segundo Tavani (2002, p. 422-423), vinte e oito produções, sendo dezenove cantigas de amor, seis de amigo, um sirventês, uma tenção e um cantar de escárnio e maldizer contra Afonso Lopes de Baian, sendo esse último de mestria, com cobras dobradas.

²⁸ Segundo Lapa (1970), para se compreender o sentido do escárnio da cantiga, é necessário entender a rubrica, que só vem completa no *Cancioneiro da Vaticana* (CV) e que diz assim: “Esta cantiga que se aqui acaba fez Martin Soárez a ùa sa irmã, por que lhi fez ela querela dun clérigo que a fodia ca a firia; e o clérigo non quis a ela tornar, até que ela foi por el a sa casa e o trouxe para a sua”.

²⁹ Ressalta-se, no entanto, que há outras hipóteses interpretativas dessa cantiga de Martin Soárez. Souza (2003) apresenta, em sua tese de Doutorado, algumas hipóteses, dentre elas, a abordada por Elza Paxeco e José Pedro Machado: de que talvez esse escárnio fosse uma sátira ‘disfarçada como paródia de romance bretão’.

A composição *Don Afonso López de Baian quer* (L 304) é uma resposta de Charinho à cantiga de Baian *En Arouca ãa casa faria* (L 59)³⁰. Segundo Michaelis de Vasconcellos (1990, p. 427), “Charinho chasqueia discretamente do fidalgo literato Afonso Lopes de Baião, imitando as suas rimas sobre madeiras de construção”. Para Lopes (2002, p. 330), esse texto “é uma glosa-comentário à cantiga de Afonso Lopes de Baian. Assim como a primeira, essa representa também um equívoco erótico”. Aí o trovador, o trovador refere-se ao colega, de forma jocosa, maliciosa, zombando do trovador, que deseja ter “madeira nova”, ou seja, o um membro viril novo. Acredita-se que tal cantiga, além de ter um sentido malicioso, apresenta um aspecto sarcástico. Nela, o trovador se refere ao comportamento da abadessa de Arouca, no que diz respeito à sexualidade.

2.4.12 D. Pedro de Portugal

Conde de Barcelos, desde 1314, D. Pedro de Portugal foi o primeiro filho bastardo do rei D. Dinis criado na corte portuguesa. Foi trovador, historiador, mecenas de poetas, organizador e o compilador do cancionero (perdido) legado, por ele, ao rei Afonso XI de Castela, no seu testamento, em 1350, que deu origem, provavelmente, ao ramo da tradição manuscrita da lírica galego-portuguesa. Possui, em seu legado poético, dez textos: quatro cantigas de amor, cinco de escárnio e maldizer – sátiras de escudeiros, notários, jograis, alguns deles, também, escarnecidos por Estevan da Guarda – um servêntes moral (OLIVEIRA, 1994, p. 402-405). Dentre as cinco composições de escárnio e maldizer do Conde D. Pedro apenas a cantiga *Natura das animalhas* (L 327) será abordada nesta Pesquisa.

A cantiga³¹ é uma aguda composição sobre uma religiosa que atende pelo apelido de “Camela” e que, ao que parece se uniu a um tabelião de Braga que chamavam “Bodalho”. O trovador inicia a cantiga mostrando que é natural que os pares semelhantes façam filhos, desde que estejam aptos para isso, o que mostra nestes versos: “Natura das animalhas/que som d’ũa semelhança/é de fazerem criança,/mais dêe que som fodimalhas”. No entanto, causa suposto estranhamento o par “Camela” (freira) e “Bodalho” (tabelião), enfatizando o descompasso dessa união, o que se pode observar nos versos: “[...] Vej’ ora estranho

³⁰ Vale observar que o próprio título da cantiga de Pai Gomez Charinho faz uma clara alusão à cantiga de Afonso Lopes de Baian. A cantiga de Charinho é uma espécie de afirmação irônica aos desejos de Baian.

³¹ Segundo Brea (1996), essa “cantiga foi feita a uma dona da ordem que chamavam Moor Martinz, por sobrenome Camela, e a um homem que se chamava Joham Mariz, por sobrenome Bodalho, que era tabelião de Braga”. (Tradução nossa)

talho/qual nunca cuidei que visse:/que empenhass'e parisse/a camela do bodalho [...]e por em me maravilho/de bodalho fazer filho,/per natura, na camea". Ele aponta que seria natural a junção dos "iguais". Os da mesma "espécie" poderiam se unir e ter filhos. Essa seria a regra. Segundo Mattoso (2004, p. 39), o "enquadramento social [...] da relação sexual deve unir dois indivíduos do mesmo nível e associados por alguma proximidade"³².

É uma cantiga curiosa, pois se destacam, dentro desse aparente divertimento satírico, alusões não só ao envolvimento carnal de uma freira com um tabelião, mas também procura mostrar as emblemáticas diferenças sociais traçadas, muitas vezes, através do preconceito etário, econômico, político, religioso e, principalmente, da disparidade, no que tange à sexualidade, e, de maneira especial, ao comportamento sexual dentro do meio eclesiástico.

2.4.13 Pedr' Eanes Solaz

Pedr' Eanes Solaz é, provavelmente, um trovador galego de meados do século XIII. O apelido Solaz foi interpretado, como alcunha jogralesca, e, portanto, alusivo à sua profissão, sendo, também, um topônimo galego. Oliveira (1994) destaca que a colocação dos seus textos nos cancioneiros parece apontar para uma origem nobre. Sua produção poética é composta por sete textos: quatro cantigas de amor, três de amigo. Ressalta-se que a cantiga *Nom [é] est'a de Nogueira* (G 293), inclusa no conjunto das cantigas de amor, é, na verdade, uma sátira de amor que será, abordado nesse Trabalho. É uma cantiga de refrão, com cobras singulares.

A cantiga *Nom [é] est'a de Nogueira* parece ser, à primeira vista, um cantar de amor, onde o trovador sofre e morre por sua amada, que, no caso, é uma freira. Porém, ao longo da cantiga, percebe-se que, por trás do aparente cantar de amor, se esconde um jogo satírico contra uma freira do mosteiro de Nogueira.

O trovador está à procura de uma freira que ele diz amar e por quem morreria, situação enfatizada em toda a cantiga, através dos versos do refrão: *[e] mouro-m'eu póla freira/mais nom póla de Nogueira*. O autor faz alusão a outra freira, que ele não considera digna de seu amor, pois procura uma mais "fremosa", e, não, a de "Nogueira". O trovador faz menção à possível existência de uma freira digna de seu amor, porém distante.

³² "Qualquer espécie de oposição entre os pares suscita a crítica, a censura ou o riso. [...] as diferenças sociais deviam impor barreiras intransponíveis (MATTOSO, 2004, p. 39).

Deve-se enfatizar, por fim, que a poesia trovadoresca galego-portuguesa constitui um dos fenômenos culturais mais ricos e originais da história da Península Ibérica. O texto como já se afirmou anteriormente, retratam, implicitamente, aspectos políticos, sociais e morais de uma sociedade em constante mudança de pensamentos e de valores. O conjunto das cantigas forma um painel significativo da época.

Refletir sobre a sexualidade é compreender as formações de saberes que a ela se referem os sistemas de poder que regulam a sexualidade e, também, as formas como os indivíduos podem e devem reconhecer-se, enquanto sujeitos de uma sexualidade. Assim, também, podem ser estruturadas as lexias em campos, nas diversas cantigas que retratam as práticas sexuais do indivíduo religioso, em que são celebradas, em tom jocoso, personagens aos quais se atribuem “vícios contra a natureza”. Assim, na perspectiva de uma estruturação do campo lexical relacionado ao comportamento sexual de religiosos, segue-se, no próximo capítulo, uma abordagem linguística dos pressupostos teóricos referentes ao assunto.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

As palavras são criações humanas e, ao mesmo tempo, como a maior parte das criações do homem, elas têm vida própria; nós as criamos e elas se criam (GUIRAUD, 1975, p. 40).

3.1 O LÉXICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O léxico, como um conjunto em que os falantes buscam as palavras e expressões que vão expressar suas idéias e sentimentos, é algo complexo, pois representa o mundo real, dinâmico, heterogêneo e está em constante mudança. Corresponderia à “*langue*” apresentada por Saussure.

Como estabelecer o relacionamento do léxico com o mundo, é uma das questões mais antigas. Não se pode imaginar que a língua seja um instrumento simples, acabado e eficiente para representar um mundo que tampouco está aí pronto, descrito, mobiliado. Embora tanto a Sintaxe como a Fonologia disponham de um conjunto fechado de possibilidades básicas de realização em uma língua, o léxico é infinito e, todo dia, não só surgem novos termos, como antigos desaparecem.

O léxico de uma língua pode ser visto como “dicionário” ideal de uma língua ou como o saber interiorizado por parte dos falantes de uma comunidade linguística³³. Para Biderman (2001b p. 179), ainda que “o léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática, são os usuários da língua – os falantes – que criam e conservam o vocabulário dessa língua³⁴”, pois, como assegura a mesma autora, “o léxico constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos”. Percebe-se, então, que o léxico é o domínio cuja aprendizagem jamais cessa, durante toda a vida do indivíduo.

Segundo Dubois³⁵ (1973, p. 364), o léxico, como termo linguístico geral, “designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade

³³ Todo falante de uma língua possui um determinado vocabulário, que compreende seu vocabulário ativo e seu vocabulário passivo. Em Linguística, geralmente, não se fala do vocabulário de uma determinada língua e, sim, de seu léxico, o inventário total de palavras disponíveis aos falantes (TRASK, 2004, p.155).

³⁴ Biderman (2001b, p.179) afirma que os falantes, “ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, podem agir sobre a estrutura do léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que afirmamos que o indivíduo gera a semântica de sua língua”.

³⁵ O léxico, na perspectiva lexicográfica, pode “evocar dois tipos de obras: um livro que compreenda a lista dos termos utilizados por um autor, por uma ciência ou uma técnica, ou um dicionário bilíngue reduzido à colocação, em paralelo, das unidades lexicais das duas línguas confrontadas.

humana, de um locutor etc. Por essa razão, o léxico entra em diversos sistemas de oposição, conforme o modo pelo qual é considerado o conceito”. Portanto, conforme o ponto de vista adotado pelo estudo, a descrição léxica resulta no que Dubois (1973) e Martinet (1976) vão chamar de um “léxico fundamental”³⁶ ou “vocabulário fundamental”, ou de um “tesouro”³⁷. Segundo Biderman (2001b), é o próprio sujeito o principal responsável pela semântica de sua língua, estruturando-se esse universo em torno de dois polos opostos: o “indivíduo” e a “sociedade”, daí surgindo o “léxico”. Biderman vai chamar de **L** o léxico global de uma determinada língua, o que Dubois (1973) e Martinet (1976) chamam de “tesouro”. Cada membro da comunidade que fala essa língua global domina, apenas, uma pequena parte dessa língua. Portanto, vai chamar de **I₁** o léxico total desse sujeito, o que Dubois e Martinet chamam de “fundamental”. Outro indivíduo dominará um repertório **I₂**, que vai coincidir parcialmente com o léxico de **I₁**, um terceiro sujeito dominará um **I₃** e, assim, sucessivamente. Teríamos, assim, um $L = I_1 + I_2 + I_3 + \dots + I_n$.

Segundo Abbade (2006, p. 213),

a linguagem é expressa por palavras, e essas palavras irão constituir o sistema lexical de uma língua e, conseqüentemente, de um povo. Assim, estudar o léxico de uma língua é estudar também a história do povo que a fala.

O léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar, linguisticamente, o que há de novo, pois, conforme Martinet (1976, p. 202), o “léxico é o nível da língua que emerge com mais facilidade na consciência dos locutores, visto estar em relação direta com a significação e mais estreitamente ligado à evolução cultural. Por isso, é no léxico que se refletem, mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas. Segundo Biderman (2001b, p. 179),

as mudanças sociais culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer..., porém podem ser ressuscitados termos, que voltam à circulação, geralmente, com novas conotações.

³⁶ Interseção dos diversos conjuntos lexicais.

³⁷ Reunião dos diversos conjuntos lexicais.

O léxico é o terceiro grande pilar da língua³⁸. Sem ele não há língua propriamente dita. O léxico é o nível da realização linguística tido como o mais instável, irregular e, até certo ponto, incontrolável, pois o léxico de uma língua se modifica constantemente (MARCUSCHI, 2004, p. 270). Portanto, não é o léxico uma lista de produtos do mundo a serviço de uma relação de correspondência, cujo resultado seria a verdade. Segundo Martinet³⁹ (1976, p. 192),

é vulgar pensar-se que o léxico de uma língua corresponde a uma simples lista de ‘palavras’ e que basta para passar de uma língua a outra, mudar de etiqueta, [...] ou pensar-se que as unidades lexicais se correspondem sempre, de forma biunívoca, de uma língua para outra.

Daí a dificuldade de se traduzir um texto de uma língua para outra com a maior fidelidade e sem ferir as estruturas da língua-alvo. Isso significa que não há uma língua pronta e acabada, podendo ser usada para espelhar e representar o mundo.

Observar o léxico de um dado período da língua é, assim, possibilitar a apreensão de sua história, modelada pela dinâmica das comunidades linguísticas, em seus processos de socialização, visto ser a história do léxico, como acredita Lüdtke (1974, p. 31), “uma parte da própria história” em que “todas as mudanças no vocabulário se relacionam, de algum modo, com mudanças políticas e culturais”. Segundo Oliveira e Isquierdo (1998, p.7),

o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. [...]. O léxico representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

Os falantes registram, pois, através do léxico, o conhecimento do mundo. Portanto, na língua, é o léxico entendido como um conjunto de unidades linguísticas básicas comuns aos falantes. Nele, está consagrada a verdade de uma dada sociedade, isto é, o paradigma geral

³⁸ Precedido da Sintaxe e da Fonologia.

³⁹ Segundo Martinet, é necessário se chegar a um acordo sobre o que se chama “léxico”. Para Martinet, o léxico “trata das unidades de primeira articulação ou monemas, “unidades significativas de primeira articulação”. Poder-se-iam denominar lexicais todos os monemas que figuram nos dicionários correntes a título de artigo particular, quer dizer, tudo aquilo que vulgarmente chamamos palavras, incluindo unidades, tais como as preposições e as conjunções”.

segundo o qual se estruturam os múltiplos saberes de um povo. Dessa forma, “[...] a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo” (BIDERMAN, 2001a, p. 13).

Através do léxico de uma língua natural, o homem denomina os seres e objetos, classificando-os, ao mesmo tempo. Os objetos são comparados e divididos em grupos, observando suas semelhanças e diferenças. Processa-se um conhecimento da realidade, resultando em palavras. Pode-se concluir que foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais.

Segundo Martinet (1976, p. 203), “o léxico de uma língua não surge, sob um ponto de vista sincrônico⁴⁰, como um mosaico de campos lexicais que se delimitam reciprocamente, mas como um conjunto desarmônico, dotado de zonas mais densas⁴¹, de lacunas e de sobreposições, podendo as unidades polissêmicas pertencer a vários campos”.

3.2 LEXICOLOGIA: UMA CIÊNCIA DO LÉXICO

Há três ramos do saber que se ocupam do estudo do léxico: a *Lexicologia*, a *Lexicografia* e a *Terminologia*. Embora complementares entre si, essas ciências possuem objeto de estudo, metodologia e pressupostos teóricos distintos. A *Lexicologia*⁴² é o estudo científico do léxico; a *Lexicografia* é a ciência dos dicionários, enquanto a *Terminologia* tem como objeto de estudo o termo, a palavra especializada, os conceitos próprios de diferentes áreas de especialidades.⁴³ Considerando os objetivos deste Trabalho, seguem-se, algumas linhas a respeito da *Lexicologia*.

⁴⁰ Qualificam-se de sincrônicos os estudos que visualizam a língua, num momento dado, como um sistema estável (DUBOIS, 1973).

⁴¹ Essas zonas correspondem aos centros de interesse da comunidade linguística.

⁴² A *Lexicologia* é a ciência que estuda o léxico em todas as suas relações linguísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais. A *Lexicologia* não pode ser confundida, pois, com a *Lexicografia*. Embora ambas tenham o léxico como objeto de seus estudos, preocupando-se em descrevê-lo, sua abordagem é feita distintamente (VILELA, 1994).

⁴³ Além das ciências supracitadas, existem outras áreas de estudos do léxico, como: a *Etimologia*, disciplina que se preocupa com a formação das palavras, explicando a sua evolução, a partir da busca de seu étimo; a *Semântica*, que se preocupa com o estudo das significações linguísticas; a *Onomasiologia*, estudo semântico das denominações, que parte do conceito e busca os signos linguísticos que lhe correspondem; a *Semasiologia*, ciência do estudo do sentido das palavras, partindo do significante para explicar o significado, em oposição à *Onomasiologia*, que parte do signo em busca da determinação do conceito.

A Lexicologia tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra⁴⁴, a categorização lexical e a estruturação do léxico (BIDERMAN, 2001a, p. 16). Vilela (1994, p. 9-10) a define como a ciência que

[...] estuda as palavras de uma língua, em todos os seus aspectos [...] pode incluir a etimologia, a formação de palavras, a importação de palavras, a morfologia, a fonologia, a sintaxe, mas tem uma ligação especial com a semântica⁴⁵. A lexicologia costuma ser definida como a ciência do léxico de uma língua. Isto é, a lexicologia tem como objeto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo na análise da estrutura interna do léxico nas suas relações e inter-relações. [...], entendemos e analisamos a lexicologia como semântica lexical.

A Lexicologia tem uma função. E, como tal, deve, segundo Vilela (1994, p. 10),

[...] fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico duma língua, apresentando, assim, as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso, e caracterizar a estrutura do léxico, tanto no aspecto conteúdo como no aspecto forma.

Portanto, não se deve perder de vista que essa ciência do léxico não pretende catalogar todo o universo lexical de uma língua, e, sim, fornecer diferentes perspectivas teóricas e procedimentos metodológicos que coordenam o léxico.

No século XX, os estudos lexicológicos diversificaram-se, aliados às várias correntes linguísticas, em oposição a três teorias predominantes no século em vigor, a saber: a teoria estruturalista, através da qual a língua é estudada sob o ponto de vista formal e social⁴⁶; a teoria gerativista, sendo o léxico estudado sob o ponto de vista cognitivo⁴⁷ e a teoria funcionalista, através da qual o léxico é analisado sob o ponto de vista social⁴⁸ (ABBADE, 2006, p. 216-217). Sendo assim, pode-se dizer, em conformidade com Almeida (2006, p. 231), que “os estudos lexicológicos compreendem várias perspectivas, abrangendo uma gama de enfoques, como: formação do léxico, campos léxicos, relações de sentido, entre outras possibilidades”.

⁴⁴ Ressalta-se que a unidade básica da Lexicologia é a palavra, a que se atribui a terminologia “léxia”, dada por Pottier, geralmente apresentada como critério para designar a “palavra” (VILELA, 1994).

⁴⁵ Biderman (2001a, p.16) afirma que “embora se atribua à Semântica o estudo das significações linguísticas, a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa”.

⁴⁶ Nessa perspectiva, o “léxico de uma língua pode formar estruturas em que conjuntos de palavras formam outros subconjuntos, ligados entre si por diversos laços” (ABBADE, 2006, p. 216).

⁴⁷ O léxico, na visão gerativa, é um conjunto de elementos lexicais. Busca-se conhecer a organização e o funcionamento do léxico no sistema cognitivo.

⁴⁸ Nessa perspectiva, tem-se como objetivo determinar o modo como as pessoas conseguem comunicar-se pela língua.

Habitualmente, os estudiosos da Lexicologia têm-se ocupado da problemática da formação de palavras, preocupando-se ainda não só com o estudo da criação lexical, como também com o domínio da Semântica. Vale lembrar que a Lexicologia tem outros interesses, além do estudo do significado. Ela faz fronteiras com outras ciências, promovendo o diálogo entre diversas áreas, como a Dialectologia, a Etnolinguística e a Sociolinguística e com outras esferas do saber, como a Estatística, a Filosofia e a Psicologia (ALMEIDA 2006, p. 229).

O lexicólogo tem um leque de diversidade de estudo do léxico, podendo realizar um estudo sincrônico ou um estudo com enfoque diacrônico, examinando seu percurso histórico. Ressalta-se, porém, que, para realizar um estudo de uma dada língua em qualquer sincronia, o lexicólogo deve ter como ponto de partida um texto fidedigno. Só assim o lexicólogo não correrá o risco de deturpar os resultados de sua pesquisa (ALMEIDA, 2006).

No tocante a este Trabalho, será feita uma abordagem sobre o conteúdo dos signos linguísticos, enfocando as estruturas paradigmáticas, mais especificamente, os campos léxicos.

3.3 A SEMÂNTICA E O SIGNIFICADO

Definir a natureza, as tarefas e a amplitude da Semântica não é fácil. Podem-se encontrar definições do tipo: semântica é o “termo técnico usado para designar o estudo do significado” (PALMER, 1979, p. 11); “semântica tudo o que se refere ao sentido de um sinal de comunicação e, principalmente, tudo o que se refere às palavras” (GUIRAUD, 1975); já Vilela considera a Semântica como o “estudo do ‘conteúdo’ dos signos linguísticos” (VILELA, 1994, p. 9). Para melhor definir a Semântica, é necessário que se defina o conceito de “significado”⁴⁹. Não há, no entanto, um consenso entre os estudiosos da Semântica sobre esse conceito. Não há uma teoria semântica que seja considerada unanimemente satisfatória. As respostas são múltiplas, pois, como se sabe, o trabalho científico, como de qualquer outra disciplina científica, não é uma ação direta sobre os fatos. A observação e a descrição sempre ocorrem mediadas por pressupostos teóricos gerais, ou seja, aproximam-se dos fatos orientados por uma teorização prévia. Nesse sentido, não deve causar estranheza o fato de que para um mesmo evento haja mais de uma descrição ou hipótese explicativa, já que o normal,

⁴⁹ “Infelizmente, o termo “significado” abrange múltiplos aspectos da linguagem e não se chegou, por enquanto, a qualquer acordo, quer acerca do seu significado, quer acerca da maneira como deveria ser descrito (PALMER, 1979, p. 11).

na atividade científica, é justamente a existência simultânea e/ou sucessiva de diferentes quadros teóricos. Segundo Marques (2003, p. 7), a “Semântica é um dos domínios da linguagem que têm apresentado sérias dificuldades para a investigação científica. Essas dificuldades estão intimamente ligadas à amplitude e à complexidade inerentes aos fenômenos relativos ao significado”.

Sendo assim, para Oliveira (2003, p. 18) existem “númeras maneiras de descrever o significado, havendo, portanto, várias semânticas”. Cada tipo de semântica possui sua maneira de conceber o “significado”, respondendo, cada uma à sua maneira, à relação entre linguagem e mundo, variando aquela segundo as correntes de pensamento, a época, suas finalidades ou a área de conhecimento em que é empregada. Por exemplo, o estruturalismo saussuriano define o “significado” como uma “estrutura de diferenças com relação a outros significados”⁵⁰. Na perspectiva da Semântica Formal, o “significado” é um termo complexo que se compõe de sentido e referência⁵¹. Para a Semântica da Enunciação, “herdeira do estruturalismo”, o significado é o “resultado do jogo argumentativo criado na linguagem e por ela”⁵². Já a Semântica Cognitiva defende a hipótese de que ele seja central, na investigação sobre a linguagem. A significação emerge das significações corpóreas, dos movimentos dos corpos, em interação com o meio em que circunda⁵³, assim afirma Oliveira (2003, p. 18-19).

Diante dos diversos significados a respeito do conceito semântico, pode-se julgar pertinente definir a Semântica como “uma disciplina linguística que tem por objeto a descrição das significações próprias às línguas e à sua organização teórica” (TAMBA-MECZ, 2006, p. 8)⁵⁴.

A concepção de Semântica como o estudo do “sentido” é o elo principal entre os semanticistas; é o ponto comum entre eles. Ressalta-se, contudo, que as questões relativas à

⁵⁰ Quando os estudiosos em Linguística se voltaram para o estudo descritivo ou sincrônico da linguagem, esperava-se o desenvolvimento de uma réplica descritiva ou sincrônica da Semântica. Na realidade, os pontos de vista do linguista Saussure favoreceram a inclusão do estudo do significado em Linguística Sincrônica. Saussure fez uma nítida distinção entre o significado e o significado de uma forma linguística e levou ao estudo do significado sua teoria geral das oposições linguísticas, fornecendo uma pista para determinar o significado linguístico através da associação e do contraste das formas linguísticas (CAMARA JR., 1975, p. 235).

⁵¹ A Semântica Formal descreve o problema do significado a partir do postulado de que as sentenças se estruturam logicamente. (OLIVEIRA, 2003, p. 19).

⁵² Ressalta Oliveira (2003, p. 18), “[...] na Semântica da Enunciação, que o significado de uma palavra abrange as diversas possibilidades de encadeamento argumentativo das quais a palavra pode participar. Seu significado é a somatória das suas contribuições em inúmeros fragmentos do discurso”.

⁵³ Segundo Oliveira (2003, p. 34), “[...] o significado é natural e experimental, sustentando-se que ele se constrói a partir das interações físicas, corpóreas, com o meio ambiente em que vivemos. O significado, enquanto corpóreo, não é nem exclusiva nem prioritariamente linguístico”.

⁵⁴ Assegura Tamba-Mecz (2006, p. 21) que “nenhum objeto de estudo científico, fato amplamente reconhecido hoje, tem existência a priori. O sentido enquanto objeto da ciência das significações não poderia ser exceção. E, por não ter sido explicitamente definido pelos pioneiros da Semântica, o sentido linguístico permaneceu tributário das teorias anteriores, vinculando as palavras às ideias que elas exprimem”.

significação têm sido motivo de cogitações e sempre estiveram no centro das atenções de filósofos, psicólogos, historiadores e estudiosos da linguagem. Porém, mesmo havendo uma reflexão comum de determinado ponto, não se deve esquecer de que cada um desses estudiosos concebe o sentido de um modo diferente um do outro⁵⁵. De fato, segundo Ullmann (1987, p. 549), “a linguagem é uma força de tal modo central na vida humana, e o significado, um fator de tal modo central na linguagem que as ramificações da Semântica são virtualmente ilimitadas”. Para Guiraud (1975, p. 8-9), que “[...] há três ordens de problemas semânticos: um psicológico, um lógico e um linguístico”. Verifica-se, então, que a Semântica participa de três ciências distintas: a “Psicologia, a Lógica e a Linguística, estudando cada ciência, a seu modo, o problema da significação e do sentido dos signos”⁵⁶. Contudo, o conceito de significado não é simples de ser elaborado de forma consensual, tornando-se, assim, a causa principal das controvérsias na Semântica.

3.3.1 A Semântica: um breve percurso histórico

O estudo científico da Semântica ocorre a partir da metade do século XIX, época em que as reflexões sobre a linguagem se firmam no campo das ciências, consolidando-se no século XX. Segundo Gomes (2003, p. 27), “isso não significa que só no século XIX os estudiosos tenham se voltado para a investigação do significado das palavras. Na Antiguidade, o interesse por esse estudo foi, muitas vezes, até maior que o interesse pelo estudo de sua função sintática”. Deduz-se, assim, que os filósofos gregos foram os primeiros a abordar questões relacionadas ao significado. Segundo Ullmann (1987, p. 12), “as idéias greco-romanas acerca das palavras e do seu emprego exerceram assim uma influência, se nem sempre benéfica, pelo menos vigorosa, sobre a semântica moderna”⁵⁷. Vale lembrar que o termo “semântica” tem origem na palavra grega *sêmainô* – significar (GUIRAUD, 1975, p. 8).

⁵⁵ Há uma confusão reinante nos livros de Semântica. As definições dadas, respectivamente, por Bréal – a ciência das significações – e por Darmesteter – a ciência das mudanças de significação nas palavras – dão testemunho da divergência fundamental que há entre eles, nesse ponto (TAMBA-MECZ, 2006, p. 21).

⁵⁶ “[...] tendo o conceito de significação se mostrado impreciso e heterogêneo, tem a Semântica tratado, muitas vezes, de forma atomizante o significado, procurando as relações entre significado/realidade/pensamento no nível lógico/filosófico/psicológico para além do linguístico” (GOMES, 2003, p. 23-24).

⁵⁷ Ullmann, apesar de confirmar a importância das idéias greco-romanas, salienta que o “impulso para a criação de uma ciência do significado veio de dois fatores decisivos, na primeira metade do século XIX: um deles foi o nascimento da filologia comparada e, de modo geral, da linguística científica. [...]. o outro foi a influência do movimento romântico na literatura” (ULLMANN, 1987, p. 12).

Pode parecer estranho tentar fornecer uma periodização da situação dos estudos do significado, pois, como se sabe, a Semântica teve um desenvolvimento pouco linear. As “[...] discussões acerca da natureza do significado e da situação da Semântica desenvolvem-se em nível teórico, muito abstrato e controvertido, a partir de diretrizes variadas e procedimentos metodológicos complexos [...]” (MARQUES, 2003, p. 12), não se prestando, assim, facilmente, a uma divisão em períodos. Porém, Marques (2003, p. 31-33), em sua obra *Iniciação à Semântica*, faz uma abordagem de algumas correntes teóricas que, possivelmente, contribuíram para diferentes vertentes semânticas. A primeira corrente é denominada de “linguística comparada”; é vista sob uma perspectiva “evolucionista”, de natureza predominantemente historicista, marcando uma época de mudança decisiva na história da Semântica⁵⁸. Destaca-se, nessa fase, a proximidade do tratamento ‘científico’ da linguagem. Nesse período, exatamente em 1833, o termo “semântica” é utilizado pela primeira vez por M. Bréal, em um artigo intitulado *As leis intelectuais da linguagem: fragmento de semântica*.

Uma das principais preocupações de Saussure foi delimitar claramente o objeto de estudo da Linguística, objeto este que, em sua visão, deveria ser homogêneo e concreto, para dar à Linguística um caráter científico. A língua é, portanto, segundo a tese saussuriana, um “sistema”. Presencia-se o nascimento de uma semântica de descrição sincrônica dos significados, dando lugar à corrente denominada de Linguística Estrutural, desenvolvida na sequência do *Curso de linguística geral*, publicado em 1916, por Bally e Sechehaye, com base em anotações de cursos ministrados por Saussure, na Universidade de Genebra. Isso seria o ponto de partida da visão estruturalista da linguagem e da ciência linguística (CARVALHO, 2003, p. 25-26).

Muitos semânticos passam, nas primeiras décadas do século XX, a “dar ênfase à natureza psicológica da linguagem, a relacioná-la com fenômenos históricos e socioculturais” (MARQUES, 2003, p. 33). Ullmann (1987, p. 19) corrobora essa assertiva, quando diz que surge, nas três primeiras décadas do século XX, “uma emancipação gradual das antiquadas categorias herdadas da retórica, voltando-se assim, para as disciplinas vizinhas – filosofia, psicologia, sociologia, história da civilização –, cujo objetivo seria uma compreensão mais ampla dos processos semânticos”. Iniciam-se, portanto, estudos diversificados sobre a natureza e objeto da Semântica, e, que se encontra condicionada à perspectiva historicista e ao

⁵⁸ “[...]. Ao longo desse período, passam a surgir as propostas para a criação de um campo definido de investigação do significado, [...] propostas que não chegam a atingir a amplitude e a generalização que já existiam nos campos da Fonética, da Morfologia e da Sintaxe [...]” (MARQUES, 2003, p. 32). Em 1931, surgiu o primeiro estudo de J. Trier sobre os campos semânticos, abrindo assim caminho para a Semântica Estrutural.

plano lexical. Dessa forma, pode-se dizer que a Semântica desse período se caracteriza por sua postura sistemática ou estrutural, sincrônica e lexical. Ressalta-se, porém, que a Semântica Sincrônica não estabelece totalmente uma doutrina de práticas unificadas, correspondendo, muito mais, a um quadro teórico onde se enfrentam várias correntes complementares ou divergentes, destacando-se como correntes dominantes na Europa dessa época a teoria de *campos semânticos* e a *análise sêmica* (TAMBA-MECZ, 2006, p. 28-29).

Por fim, Marques (2003, p.37) aponta, de forma simplificada, outras diretrizes que delinearão e direcionaram diversos estudos semânticos postos em prática, atualmente, e que, segundo a autora, não “mais se concentram na perspectiva historicista ou tomam as causas e a classificação dos processos de evolução do significado das palavras como tema central”. Nesse momento, opera-se com trabalhos semânticos em função de seu campo e de seu objetivo.

Afirmou-se, no início desse item 3.3.2, que o significado começou a ser estudado pelos filósofos, na Grécia Antiga. De lá para cá, a filosofia nunca parou de influenciar os estudos semânticos,⁵⁹ sendo a Semântica Formal⁶⁰ reflexo dessa influência. Outra linha semântica também importante é a que trata das ligações entre as estruturas semânticas e cognitivas, denominada de Semântica Cognitiva.

Diante de pontos de vista teóricos diversos, de direções multifacetadas, a Semântica tem sido o obstáculo teórico mais desafiador para os especialistas da linguagem. Parece não se chegar a um consenso, não emergindo dessas divergentes visões teóricas nenhuma teoria dominante⁶¹. Entretanto, Gomes (2003, p. 14-24) destaca a importância de fazer semântica, quando diz que “fazer semântica é representar a extrema humildade e perícia metodológica de compreender que a significação completa escapa a qualquer teoria e que o máximo a ser conseguido é descrever algumas propriedades do significado modestamente construído”. Assinala, ainda, a autora, que “[...] tratar do significado, hoje, se estende do nível lexical às

⁵⁹ “Desde a mais remota antiguidade, o bom uso da linguagem, os efeitos expressivos de uma adequada escolha de palavra, a eficácia do dizer decorrente do emprego de recursos da língua apropriados à veiculação de dados cognitivos, afetivos, estéticos, de acordo com princípios lógicos e meios retóricos, são explorados tanto para a elaboração de textos quanto para a sua interpretação” (MARQUES, 2003, p. 37-38).

⁶⁰ A Semântica Formal “afirma que o significado de uma sentença é o tipo de situação que ela descreve e que a descrição dessas situações possíveis é equivalente às condições de verdade da sentença” (MÜLLER; VIOTTI, 2003, p. 139).

⁶¹ Ullmann (1987, p. 544), em *A estrutura do vocabulário*, destaca que “o futuro da semântica dependerá, em larga medida, do seu *status* dentro da Linguística. Não há dúvida de que todo o progresso nesse campo foi retardado e quase paralisado, devido ao clima da opinião linguística nos anos de 1930 e de 1940, quando tudo o que se relacionava com o significado era visto com maus olhos ou com desconfiança por alguns dos principais estruturalistas”.

relações paradigmáticas, dessas, à interação de significados no plano sintagmático e dos mecanismos de interpretação de frases, à análise da enunciação” (GOMES, 2003, p. 14-24).

Antes de se concluírem essas breves considerações, devem-se levar em conta os trabalhos desses semanticistas, pois eles servirão como base para novas pesquisas e novas descobertas.

Uma vez que o objeto do Trabalho é o campo léxico, faz-se necessária uma abordagem, nas próximas linhas, sobre alguns estudos feitos, até então, sobre esse tema.

3.4 PROPOSTAS DOS CAMPOS LEXICAIS

A estrutura do vocabulário de uma língua é, geralmente, muito complexa. É muito mais fácil conhecer as estruturas gramaticais de uma língua do que a do seu vocabulário, com toda a sua carga semântica. Os métodos aplicados à Fonologia, à Morfologia, à Sintaxe parecem, a princípio, não ser aplicáveis à Semântica. Já que, por exemplo, os recursos fonológicos de uma língua são limitados e finitos, permitindo uma maior precisão na descrição dos mesmos. Já as unidades semânticas não apresentam o mesmo tipo de organização dos fonemas, possibilitando, assim, ilimitadas combinações em qualquer idioma, constituindo-se em inventários abertos.⁶² O método mais viável que se encontrou foi distribuir as unidades significativas em um dicionário, em ordem alfabética (ULLMANN, 1987, p. 495). No entanto, essa situação mudou radicalmente, a partir do “momento em que a teoria dos campos e outras experiências mostraram que o vocabulário tem uma organização própria e que pode ser descrita em termos estruturais” (ULLMANN, 1987, p. 548).

Nas primeiras décadas do século XX, linguistas interessados no assunto tentaram descobrir alguns princípios sob os quais se organiza o vocabulário. Tais pesquisas abordaram três planos diferentes: o das “palavras isoladas”⁶³, o “plano que abrange conceitos” e o “vocabulário”⁶⁴ como um todo”. São, portanto, pesquisas que poderiam servir de base para o desenvolvimento de estudos semânticos (ULLMANN, 1987, p. 498).

⁶² Vale lembrar a complexidade que permeia o plano do significado, até mesmo porque o próprio conceito de significado é flutuante e impreciso.

⁶³ A cada palavra se associam outras ou pelo sentido ou pela forma ou, ainda, pelo sentido e forma. Foi Charles Bally, discípulo de Saussure, quem introduziu o conceito de “campos associativos”, com base na Semântica.

⁶⁴ Quanto à estrutura geral do vocabulário, pode ser estudada por métodos estatísticos e por métodos puramente linguísticos.

Foi certamente no estudo das esferas conceituais que a Semântica Estrutural mais se desenvolveu ⁶⁵. Segundo Humboldt (apud ULLMANN, 1987, p. 508), “cada língua distinta, até o mais ínfimo dialeto, devia ser considerada como um todo orgânico, diferente das demais e exprimindo a individualidade do povo que a fala.” Cada povo apresenta um modo peculiar de realizar sua fala.

Essas esferas conceituais de campo semântico foram designadas, a partir de 1924, por G. Ipsen. Ele é o primeiro a formular, de maneira explícita, a idéia de campo tal como é adotada por Trier e Humboldt. Em 1931, em uma série de importantes artigos, Trier elaborou a sua concepção dos campos como setores estreitamente entrelaçados do vocabulário nos quais uma esfera particular está devidamente classificada e organizada de tal modo que cada elemento contribui para delimitar os seus vizinhos e é por eles delimitado. Atualmente, a concepção de campo é um dos ramos mais ativos da Semântica, tanto no plano teórico, como no prático. Algumas línguas, como o russo, a língua dos navajos, a da tribo índia norte-americana, apresentam uma relação de cores diferente, própria, com uma diversidade muito grande. No campo do parentesco, também há muitas particularidades interessantes, comparando-se as várias línguas. Em latim, por exemplo, havia duas palavras para a relação de pai: *pater* e *genitor*, com diferenças semânticas. No domínio das idéias abstratas, tudo dependerá do número e natureza dos conceitos que tivermos, de como os delimitarmos e classificarmos, como, por exemplo, no campo dos termos intelectuais estudados por Trier⁶⁶.

A teoria dos campos concentrou-se, até o presente, no estudo de alguns poucos setores: cores, relações de família, qualidades intelectuais, processos mentais etc. Segundo Ullmann (1987), apesar de suas limitações, essa teoria exerceu um triplo papel no desenvolvimento dos estudos semânticos, introduzindo um método verdadeiramente estrutural.

O conceito dos “campos associativos” centrava-se nas palavras individualmente; interpretava a transformação de todo um sistema, com todas as suas implicações e abordava a influência da linguagem no pensamento. ⁶⁷ Nesse último ponto, a teoria dos campos toca a

⁶⁵ Esse desenvolvimento em sua “maioria está, direta ou indiretamente, ligado com a teoria dos campos semânticos” (ULLMANN, 1987, p. 508).

⁶⁶ Por volta de 1200, os termos alemães *Wisheit*, *Kunst* e *List*, que hoje significam “sabedoria”, “arte” e “astúcia”, respectivamente, estavam ligados ao feudalismo e à universalidade. Mais tarde, o termo *List* foi substituído por *Wizzen*, porque o primeiro trazia consigo uma carga pejorativa. Com a desintegração do feudalismo, os termos deixaram de ter sentido nesse contexto (ULLMANN, 1987, p. 518).

⁶⁷ Segundo Ullmann (1987, p. 523), um campo semântico “não reflete apenas as idéias, os valores e as perspectivas da sociedade contemporânea; cristaliza-as e perpetua-as também; transmite às gerações vindouras uma análise já elaborada da experiência, através da qual será visto o mundo, até que a análise se torne tão palpavelmente inadequada e antiquada que todo o campo tenha que ser refeito”.

hipótese de Sapir Whorf sobre a influência da linguagem no pensamento. Já Bacon afirma que o pensamento é comandado pela linguagem.

As noções de Trier sobre campo, por serem revolucionárias, provocaram e continuam provocando diversas críticas⁶⁸. Algumas dessas críticas deram origem às novas definições do campo semântico, baseadas em diferentes critérios⁶⁹. A partir dos anos 50 do século XX, vem-se desenvolvendo um novo conceito dos “campos semânticos”, graças ao linguista francês Georges Matoré⁷⁰. Esses campos, apesar de semelhantes aos da escola de Trier, diferem deles, por darem maior importância aos critérios sociais. As palavras não são mais consideradas como objetos isolados, mas como elementos dentro de conjuntos mais importantes, que são classificados, hierarquicamente, partindo de uma análise das estruturas sociais⁷¹. Portanto, para Martoré, é possível se explicar uma sociedade partindo do estudo do vocabulário (ULLMANN, 1987, p. 525).

Ainda que alguns estruturalistas façam restrições à Semântica, deve-se ressaltar que

[...] a nova concepção da linguagem como uma estrutura altamente integrada produziu resultados rápidos na fonologia e na gramática, porém parecia inaplicável à Semântica. [...] a situação mudou radicalmente, desde o momento em que a teoria dos campos e outras experiências mostraram que o vocabulário tem uma organização própria, que pode ser descrita em termos estruturais. Essa tendência já revitalizou os estudos semânticos e pode vir a produzir resultados valiosos, nos anos vindouros (ULLMANN, 1987, p. 548).

Apesar das limitações que circundam todas as teorias, a noção de campo apresenta um perfil metodológico que permite a sua utilização como classificador conceitual que explica as diversas escalas ou níveis organizacionais das unidades léxicas.

⁶⁸ Guiraud (1975, p. 86) afirma que a idéia de campo linguístico definida por Trier “constituía a grande revolução da Semântica moderna, porém era inevitável que tal noção suscitasse críticas e reações”. Vale dizer que essas críticas vão desde as advertências, para não se valorizar exageradamente a teoria dos campos, até aos seus resultados propriamente ditos (ULLMANN, 1987, p. 520-521).

⁶⁹ Ipsen, em 1924, define o campo a partir de critérios formais e linguísticos, ocorrendo o mesmo com os “campos associativos” de Bally, que expõe sua teoria a partir da palavra *boi*.

⁷⁰ Segundo Guiraud (1975, p. 87, tradução nossa), “a Lexicologia de Matoré constitui um dos mais recentes avanços da Semântica Estrutural”. Porém Coseriu (1991, p. 36-37, nota 21), em seu artigo *Para uma semântica diacrônica estrutural*, afirma que a teoria de Matoré de campo nacional não é um estudo propriamente linguístico e, sim, sociológico, nem tampouco estrutural, pois não parte do princípio das oposições funcionais.

⁷¹ Segundo Abbade (2003, p. 27), as palavras estão organizadas “[...] em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual, a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. [...]. Elas não têm sentido se lhes faltam outras semelhantes ou opostas, pois necessitam sempre de um *campo conceitual*”. Portanto, o seu valor não é medido individualmente.

Por fim, salienta Almeida (2007, p. 62), todos os estudos dos campos são válidos “desde os campos associativos de Bally, os nacionais de Matoré, os semânticos, desde Trier, todos são tentativas de compreender o sistema léxico-semântico. Portanto, acredita-se que são todas válidas, embora com graus de aceitação maior ou menor entre os linguistas”. Como ressalta Almeida (2007, p. 97), o próprio Coseriu reconhece a “importância dos diferentes estudos sobre o léxico e não nega o valor e a validade dos diferentes pontos de vista lexicológicos”.

Assim afirma Coseriu (1991, p. 92-93):

[...] se puede sin más admitir que las determinaciones ‘semánticas’ en el dominio léxico son, a primera vista, de una multiplicidad y de una heterogeneidad que asustan: estilos y estratos de la lengua, variedades dialectales, lenguas especiales y terminologías técnicas, [...], relaciones etimológicas y de derivación, etc., todo se mezcla en el dominio léxico y todo puede ser importante en tal o qual contexto o en tal o cual situación. Por consiguiente, son posibles muchas clasificaciones ‘semánticas’ de las palabras, según el tipo de determinación que se adote como criterio. [...] ⁷².

Vilela (1979, p. 79-158) assegura que vários trabalhos exploram o plano do conteúdo, apresentando-os como estruturados em campos. Entre esses estudiosos dos campos se destacam: B. Pottier, que apresentou a análise sêmica das unidades que compõem o campo “assento”, em francês; Greimas, com a análise do sistema sêmico da “espacialidade” e E. Coseriu, que apresenta uma proposta que revela uma reinterpretação da teoria dos campos, no enfoque lexical. Coseriu, partindo do léxico, associa as concepções fundamentais da “teoria dos campos” de Trier e de Weisgerber⁷³ à noção das oposições funcionais e à análise do conteúdo, a partir de traços distintivos.

Foram esses, entre outros estudiosos, referências para a composição de importantes trabalhos de Semântica Estrutural, na Europa, e é a partir dos estudos clássicos de Pottier e

⁷² Pode-se admitir que as determinações ‘semânticas’ no domínio léxico são, à primeira vista, de uma multiplicidade e de uma heterogeneidade que assustam: estilos e estratos da língua, variedades dialetais, línguas especiais e terminologias técnicas, relações etimológicas e derivacionais etc., tudo se mescla no domínio léxico e tudo pode ser importante, em qualquer contexto e situação. Por conseguinte, são possíveis muitas classificações ‘semânticas’ das palavras, segundo o tipo de determinação que se adote como critério (COSERIU, 1991, p. 92-93, tradução nossa).

⁷³ A teoria dos campos foi proposta por Trier, mas coube a L. Weisgerber, seguidor dos estudos de Trier, o mérito de tê-la incluído em uma ampla teoria linguística e, nessa teoria, ter concebido o conceito de *campo linguístico*, que abarca tanto os campos léxicos como os campos sintáticos (ABBADE, 2003, p. 29). Coseriu, em seu artigo *Introducción al estudio estructural del léxico* (1991, p. 88), destaca que a teoria em torno do linguista Weisgerber parece, até o momento, ser a mais importante teoria linguística dos significados léxicos, e, mesmo sem ser propriamente estrutural, apresenta importantes sugestões para qualquer análise estrutural do léxico.

Coseriu que extraímos embasamento que servirá como ponto de partida para o desenvolvimento deste Trabalho.

3.4.1 Campos lexicais: algumas referências

Alguns métodos oferecem modelos e sugestões que podem servir de orientação no estudo do sentido. A teoria dos campos lexicais constitui a base teórico-prática da análise componencial⁷⁴ do estruturalismo europeu no domínio do léxico. Ela foi primordialmente apresentada por J. Trier, com base nas idéias de articulação e de sistema (Saussure), continuada nas idéias de figuras, de redução das classes abertas do léxico a classes fechadas e de comutação, com Hjemslev, desenvolvida, com a aplicação dos métodos da Fonologia ao plano do conteúdo por Coseriu e Pottier e utilizada por alguns lingüistas.

Por volta dos anos 60, mais especificamente em 1962, na Europa, E. Coseriu, B. Pottier e A. J. Greimas, trabalhando de modo independente uns dos outros, elaboraram métodos muito semelhantes de análise léxica. Almeida (2007, p. 63-64), em sua Tese de Doutorado, intitulada *Contribuição para o estudo do campo semântico ‘trabalhador’ no português arcaico*, afirma que os linguistas europeus E. Coseriu, B. Pottier, A. J. Greimas, além de seguirem, a princípio, modelos da Fonologia⁷⁵, possuíam em comum

[...] o fato de conceberem o léxico como uma organização estrutural e de crerem que o significado de um signo léxico poderia ser analisável em elementos menores – semas, traços distintivos menores do significado. Os campos acabaram por se constituírem em uma base teórica – prática da análise sêmica do estruturalismo europeu, no domínio semântico, e o conteúdo de uma unidade léxica passou a ser examinável, através de sua decomposição em traços mínimos (ALMEIDA, 2007, p. 63-64)⁷⁶.

Portanto, o campo lexical é, na perspectiva estrutural, um paradigma lexical formado pela articulação e distribuição de um contínuo de conteúdo lexical por diversas unidades

⁷⁴ A descrição denominada análise sêmica ordena, da maneira mais explícita, os conteúdos focalizados dentro de um “campo lexical”, pondo à mostra o que esses itens lexicais possuem em comum, bem como aquilo que faz a especificidade de uns e outros. Em outras palavras, essa análise “visa a estabelecer a composição semântica de uma unidade lexical, considerando os traços semânticos ou semas, unidades mínimas da significação, não susceptíveis de realização independente (DUBOIS, 1973, p. 535).

⁷⁵ No entanto, Coseriu (1991, p. 173), em seu artigo *Las estructuras lexemáticas*, afirma que: “La analogía con la fonología puede proseguirse en otros sentidos, pero analogía no quiere decir identidad. [...], es preciso observar que hay diferencias muy notables entre los campos léxicos y los sistemas de vocales o consonantes [...].

⁷⁶ Coseriu (1991, p. 171-172) afirma que, apesar de eles terem pontos em comum, na prática diferem tanto de Pottier, que propõe analisar os campos inteiros, a partir de domínios objetivos da realidade extralingüística, quanto de Greimas, que aspira a chegar, desde o começo, aos elementos distintivos mínimos dos lexemas.

existentes na língua e que se opõem entre si por meio de simples traço de conteúdo. Afirma-se, assim, que um campo léxico compreende um conjunto de unidades lexicais que divide entre si uma zona comum de significação, com base em oposições imediatas. Pode-se afirmar, pois, que o léxico não é uma lista de unidades isoladas.

É a partir da teoria dos campos lexicais e com um tratamento estrutural que se constrói uma teoria apropriada para análise paradigmática do léxico. Essa teoria e o método estrutural permitem a construção de uma Semântica Estrutural, graças aos esforços dos renomados linguistas europeus E. Coseriu, B. Pottier, A. J. Greimas.⁷⁷

A Semântica Estrutural parte da análise do conteúdo considerado como estruturado, com base nas oposições funcionais. É uma semântica essencialmente paradigmática e que efetua uma análise dos significados lexicais, através da decomposição do conteúdo em elementos menores (traços distintivos ou semas). O conteúdo distintivo de um lexema, funcionando em um campo lexical, resulta da estrutura dos seus traços distintivos de conteúdo (semas e classemas), estrutura obtida no todo do campo lexical (VILELA, 1979, p. 47-49). Os campos lexicais são, portanto, classes relativamente abertas e implicam uma delimitação interior (identificada interiormente dentro do campo pela existência de oposições) e exterior (de um campo relativamente a outro).

3.4.1.1 Campo lexical na perspectiva coseriana

Na perspectiva coseriana, um campo lexical é uma estrutura paradigmática constituída pela repartição de um contínuo de conteúdo (lexical), por diversas unidades existentes na língua (lexemas), unidades que se opõem entre si por traços mínimos de conteúdo (semas). Os traços comuns a todos os lexemas do campo constituem um arquilexema, que pode ter, ou não, uma correspondência lexemática na língua. Nota-se que há uma relação hiponímica⁷⁸ entre o arquilexema e os lexemas do campo.

Os semas funcionam em um mesmo campo lexical, enquanto os classemas podem funcionar em um campo lexical único ou em vários campos lexicais. Dessa forma, as

⁷⁷ Outros pesquisadores contribuíram para a construção de uma Semântica Estrutural, como J. Lyons e os pesquisadores da América do Norte, Bendix, E. Nida e A. Lehrer (VILELA 1979, p. 47). Coseriu (1991, p. 171) faz alusão ao linguista J. Lyons, porém com ressalvas.

⁷⁸ Hiponímia é a relação de significado existente entre um lexema mais específico ou subordinado e outro lexema mais geral ou superordenado, como, por exemplo, no par: boi – animal, em que boi é hipônimo de animal e animal é superordenado de boi.

oposições, em um campo lexical, podem ser por *semas* ou por *classemas*⁷⁹, traços comuns a toda uma série de lexemas, são imensamente recorrentes, e, a princípio, podem ser independentes dos campos léxicos.

A análise do léxico em campos, afirma Coseriu (1991), é realizada através de traços distintivos. Os termos mais importantes apontados para essa análise são as noções de: arquilexema, lexema, sema e dimensão. Arquilexema é a unidade que corresponde ao conteúdo total de um campo lexical. Lexema é a unidade de conteúdo expressa no sistema da língua e que ocupa uma parte do conteúdo do campo lexical. Semas são unidades menores constituídas por traços distintivos de conteúdo, e constitutivas dos lexemas (COSERIU, 1991, p. 171). Quanto às dimensões, o critério estabelecido é o ponto de vista de uma determinada oposição. Em um campo léxico, podem funcionar diferentes dimensões, que se configuram em campos: unidimensionais (antonímicas, constituídas por campos bipolares, graduais, seriais, constituídas por oposições multilaterais equipolentes: ordinais/não-ordinais⁸⁰); e pluridimensionais (bidimensionais, subdivididos em campos correlativos, se as dimensões formarem correlações, e não-correlativos, se as duas dimensões forem paralelas ou contíguas; multidimensionais, com dois subtipos: hierarquizantes, se as dimensões se aplicam de modo sucessivo correlativos/não-correlativos; seletivos, se as dimensões funcionam todas ao mesmo tempo, podendo ser simples ou compostos) (VILELA, 1979, p. 65-67).

3.4.1.1 Lexemática e Fonologia: oposições análogas

A Lexemática⁸¹, ao definir os campos lexicais como uma estrutura paradigmática de lexemas, partilha uma zona de significação contínua e comum em que os lexemas se encontram numa oposição imediata entre si, prevendo ainda que essa oposição imediata se possa estabelecer entre uma arquiunidade e um lexema, ou entre arquiunidades. Em outras palavras, os campos lexicais são análogos aos microssistemas e macrossistemas da Fonologia e da Gramática (VILELA, 1979, p. 62).

⁷⁹ Para Pottier, o clasema é constituído pelo conjunto dos semas genéricos.

⁸⁰ Os ordinais constituem séries fechadas, com os lexemas dispostos numa ordem fixa: os nomes dos dias da semana ou meses. Os não-ordinais englobam séries não organizadas e abertas em que os lexemas são de natureza substantiva: nomes de árvores, flores, peixes etc.

⁸¹ “A apresentação da Lexemática como modelo de tratamento do léxico deve-se ao fato de esse modelo não só ter muito de comum com o de Pottier e Greimas, como ainda porque Coseriu delimita, de modo mais coerente, o objeto de análise e prevê, além da análise das estruturas paradigmáticas, estruturas sintagmáticas ou solidariedades lexicais” (VILELA, 1979, p. 53-54). Porém, iremos enfocar, por ora, neste Trabalho, a análise das estruturas paradigmáticas.

Em relação às analogias entre a Fonologia e a Lexemática, há todo um trabalho feito por Coseriu que permite tomar conhecimento dessas semelhanças e diferenças e extrair princípios metodológicos importantes.

Coseriu foi o primeiro a elaborar o conceito de oposição no domínio léxico, levando à Lexemática os distintos tipos de oposições desenvolvidos, na Escola de Praga, para a Fonologia. O princípio geral é o de que, tanto no plano fonológico como no plano lexical, haja estruturas oposicionais (as classes léxicas e fonológicas opõem-se com base em traços distintivos). Em ambos os domínios, há unidades que têm traços comuns e traços diferentes. Tanto no fonológico, como no léxico, há neutralização, embora se verifique que as neutralizações fonológicas dependem do contexto fônico, ao passo que as neutralizações léxicas dependem do contexto semântico e/ou da situação real.

Os tipos de oposições do sistema fonológico são, também, encontráveis no sistema léxico. As oposições graduais são as estabelecidas entre unidades que contêm a mesma propriedade, mas em graus diferentes, encontrando-se, por exemplo, nas designações adjetivas de avaliação de temperatura: gelado/frio/fresco. As oposições equipolentes são aquelas cujos membros não estão ordenados e em que cada termo se opõe a todos os outros. Verifica-se esse tipo de oposição numa secção das designações elementares dos adjetivos de cor. Por fim, há as oposições privativas, que são aquelas em que um membro da oposição está caracterizado pela existência de traço, e o outro, pela ausência desse traço, como, por exemplo, os adjetivos de idade (jovem-novo/velho) (COSERIU, 1991, p. 215).

3.4.1.1.1 Princípios da Lexemática

A Lexemática é, como sabemos, essencialmente, o estudo da significação lexical e situa-se no nível da língua, investigando as invariantes de significação.

Esse método trata das relações entre os significados. As estruturas lexicais de uma língua respeitam o conteúdo linguístico, a linguagem primária, a técnica do discurso; nessa, a sincronia (língua funcional), o plano do sistema e as relações entre os significados, não considerando a realidade extralinguística, o discurso repetido, a diacronia nem as relações de designação entre signos e seus objetos (VILELA, 1979, p. 57-58).

Os fundamentos da análise léxica podem formular-se através dos seguintes princípios: da “funcionalidade”, baseando-se na natureza da língua como tal; da “oposição”, apoiando-se nos modos de existência e funcionamento das unidades linguísticas, a partir do

qual a chamada análise componencial ganha sentido e coerência; da “sistematicidade”, princípio de expectativa empírica através do qual as mesmas oposições podem se repetir no sistema da língua.

Com base nesses princípios básicos, podem-se estabelecer as estruturas paradigmáticas e as estruturas sintagmáticas (ou solidariedades). As estruturas paradigmáticas estão subdivididas em primárias e secundárias. As primárias compreendem os campos lexicais e as classes lexicais, enquanto as secundárias compreendem os diversos modos de formação de palavras. As sintagmáticas abrangem afinidade, seleção e implicação (VILELA, 1979, p. 58-59). Vamo-nos ater, neste Trabalho, às estruturas paradigmáticas, pois são mais diretamente consideradas em uma análise sêmica.

3.4.1.4 Proposta de campo por Pottier

Como se sabe, Pottier⁸² foi referência para a composição de produtivos trabalhos de Semântica Estrutural, na Europa, sendo inegável sua importância no percurso teórico-metodológico do tema aqui proposto. Ele parte da hipótese de que o significado das formas linguísticas é decomponível em traços mínimos, concebendo o signo linguístico, na linha saussuriana. Para ele, o signo linguístico compõe-se de um “significante”, que constitui o plano da expressão, e de um “significado”, que se subdivide em “substância do conteúdo” e “forma do conteúdo”. O traço semântico ou *sema* será o traço pertinente da significação; o *semema* será o conjunto de semas de uma unidade lexical; o *arquissemema* será o conjunto dos traços pertinentes, em caso de neutralização.

Pottier (1968, p. 93), ao tratar das substâncias semânticas, afirma que há dois tipos de estudos semânticos: o estudo dos morfemas que integram as classes fechadas ou limitadas (prefixos, sufixos, desinências, artigos, preposições) e o estudo dos morfemas que integram as classes relativamente abertas ou não-limitadas (lexemas de substantivos, adjetivos, verbo).

Os traços semânticos distintivos que formam a substância do significado são designados *semas* (traços pertinentes ou distintivos), cujo conjunto forma o *semema*. O sema é o traço de afinidade que se usa, intuitivamente, para estabelecer os campos semânticos. A palavra é considerada como um conglomerado de traços significativos relativamente constantes. Nesse sentido, temos três componentes sêmicos. Esses componentes são os semas.

⁸² Pottier juntamente com Coseriu foram referências para importantes trabalhos na Europa, sendo, até hoje, considerados como clássicos para os que enveredam pelo caminho dos estudos semânticos.

O *sema* é o traço significativo mínimo que entra na constituição do conteúdo de uma palavra e pode ser “específico”, “genérico” ou “virtual”. Os “semas específicos” distinguem os morfemas de um mesmo campo; os “semas genéricos” incluem o morfema numa determinada classe conceitual. São chamados também de *classemas*. Por fim, temos os *semas virtuais*, que correspondem às possibilidades de associações e à sua atualização no discurso. Assim, pode-se dizer que o conjunto dos “semas básicos” (genéricos e específicos)⁸³ e virtuais da palavra constitui o *semema*.

Com relação ao significante e ao significado, Pottier (1967, p. 190-191) engloba os seguintes elementos significativos: **s** (sema), traço significativo mínimo; **S** (semema), conjunto de semas; **lexema**, morfema, que se caracteriza por constituir inventários abertos; Σ (arquissemema), interação de um conjunto de semas com significante próprio; **C** (classema), conjunto de semas genéricos; **V** (virtuema), possibilidade de associação na língua (variáveis), que se liga ao conceito de conotação, em contraposição a denotação.

Salienta-se que certas terminologias criadas por Pottier foram amplamente divulgadas e aceitas entre os semanticistas. O próprio Coseriu (1991, p. 135) menciona nomenclaturas pottierianas.

3.4.1.5 Idéias de Greimas

“O mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação” (GREIMAS, 1966, p. 11). Percebe-se diferenças e, graças a essa percepção, o mundo ‘toma forma’, diante de nós e para nós (GREIMAS, 1966, p. 28). Percebe-se, assim, que, para o autor a significação só é possível ao nível da percepção exterior ao homem, pertencente ao plano do conteúdo, pressupondo significante e significado reciprocidade.

Para fazer uma análise dentro da Semântica Estrutural, Greimas (1966, p. 24-26) considera a linguagem em quatro níveis diferentes: “linguagem natural” (língua- objeto), “linguagem descritiva”, ou metalinguagem científica; “linguagem metodológica”, ou metalinguagem; “linguagem epistemológica”. Greimas propõe que o significado seja analisado no nível do discurso.

Greimas (1966, p. 28-29) propõe a elaboração de um modelo de análise partindo de uma estrutura elementar, definida primeiramente como a “presença de dois termos e a relação

⁸³ O conjunto de semas específicos e estáveis constitui o sematema. Já o conjunto de semas também estáveis, porém genéricos, constitui o classema.

entre eles existentes”, pois um só termo-objeto não possui significação. Essa relação pode ser de conjunção ou disjunção. A descrição das relações de conteúdo dos lexemas pode ser feita a partir do eixo semântico, enfocando o que têm em comum (substância) ou pode partir da articulação sêmica, abordando o que têm de diferente (forma).

Algumas terminologias greimasianas precisam ser conceituadas, para que se possa fazer uma análise estrutural, como, por exemplo, *conjunto significante*, que é a reunião de significante e significado. Para Greimas, conjunto significante equivale a significação, assim como a significação equivale a significado. Lexema⁸⁴ é o nome dado ao termo-objeto que pertence à língua-objeto e se realiza no discurso. Lexia é a unidade de sentido. Sema é definido por Greimas como a unidade mínima de significação, presente em todos os níveis de análise. Cada lexema caracteriza-se por certo número de semas e pela ausência de outros. A diferença entre semas e lexemas reside em que o autor interpreta o lexema como sendo uma série de relações heteronímicas⁸⁵, enquanto as relações entre sema e lexema são hiponímicas⁸⁶. Greimas acredita que o lexema tem um *núcleo sêmico* e que a variação de sentido decorre dos semas contextuais (denominador comum a toda classe de contextos). Semema é o efeito do sentido, isto é, a combinação do núcleo sêmico mais os semas contextuais.

Pode-se concluir que a teoria greimasiana parte de uma unidade mínima de significação, podendo organizar e descrever conjuntos, cada vez maiores, de significação. No entanto, essa unidade mínima, que é o sema, não possui existência própria e só é válida na medida em que forma parte de uma estruturação da significação. O sema relaciona-se com dois universos significantes, denominados universo da imanência e universo da manifestação, formando esses o universo semântico, que pode ser denominado de linguagem (GREIMAS, 1966, p. 159).

3.4.2 Trabalhos que empregaram um estudo teórico-metodológico dos campos

Diversos trabalhos seguiram as orientações teórico-metodológicas dos campos. Tem-se conhecimento de várias teses de Doutorado, dissertações de Mestrado e artigos que foram

⁸⁴ Greimas (1966, p. 52) completa a definição do termo dizendo que o “lexema é o ponto de manifestação e de encontro de semas provenientes de categorias e de sistemas sêmicos diferentes que, no entanto, mantêm entre si relações hierárquicas”.

⁸⁵ Relações heteronímicas vão da totalidade às partes.

⁸⁶ Relações hiponímicas vão das partes ao todo.

elaborados em diferentes instituições universitárias. Serão feitas, a seguir, breves incursões de alguns estudos produzidos no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Na Universidade Federal da Bahia, em 1997, a professora Samantha Maranhão apresentou a dissertação de Mestrado intitulada *O Vocabulário das receitas de medicamentos e dos regimentos relativos à saúde do Livro da Cartuxa*. Nesse Estudo, Maranhão examinou parte do vocabulário da obra de Dom Duarte, organizando-o por campos semânticos, apresentando catorze paradigmas lexicais.

Em 1998, em sua Dissertação de Mestrado, e, em 2003, em sua Tese de Doutorado, Celina Abbade dedicou-se à análise do vocabulário do *Livro de Cozinha da Infanta Dona Maria* de Portugal, sendo tratados, a partir dos ensinamentos de Coseriu, três macrocampos lexicais: *utensílios, unidades de peso e medida e condimentos*. Já em seu Doutorado, ampliou o estudo desenvolvido, modificando os campos que, anteriormente, já haviam sido enfocados e acrescentando mais três campos: *manjares, processos e métodos e qualificadores*.

Em 2007, Aurelina Ariadne D. Almeida, em sua Tese de Doutorado, apresentou o trabalho intitulado *Contribuição para o estudo do campo semântico ‘trabalhador’ no português arcaico*. Seu Estudo abordou uma parcela do campo semântico “trabalhador”, no português arcaico, delimitando um período, séculos XII e XIV. Sua Tese embasou-se nos discursos literários e não-literários, a partir de um *corpus* constituído pelas cantigas de escárnio e maldizer, pelo texto doutrinário *Orto do Esposo* e por documentos notariais.

Também em 2007, Eliana C. Brandão Gonçalves defendeu sua Tese de Doutorado, intitulada *Homens e armas: um estudo semântico em Crônicas de Fernão Lopes*. Nesse Estudo, Gonçalves abordou o campo semântico “Homens e armas”, mostrando aspectos sócio-históricos e a estrutura dos campos semânticos (núcleo da Tese).

As breves referências apresentadas, apenas, traduzem uma abordagem sucinta de trabalhos representativos do tema, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Salienta-se que há outros trabalhos monográficos importantes fora do Brasil, dentro da perspectiva dos campos⁸⁷.

⁸⁷ Almeida (2007, p. 68), em sua tese de Doutorado, apresenta alguns desses trabalhos, como, por exemplo, a obra de Herrera del Castillo *el campo léxico ‘recordar’ en el español y portugués medieval y clásico*; e a obra clássica do renomado Trujillo intitulada *El campo de la valoración intelectual en español*. Outro nome de grande relevo é o de Gregório Salvador, com seu artigo *Estudio del campo semântico ‘arar’ en Andalucía*, dentre outros exemplos.

3.5 PASSOS PARA O ESTUDO DO CAMPO LEXICAL DA ‘SEXUALIDADE’ DOS RELIGIOSOS

Propõe-se, neste Trabalho, um estudo sincrônico estrutural do léxico da sexualidade dos religiosos, fundamentado na teoria de campos lexicais proposta por Eugenio Coseriu, determinando o campo lexical, dentro de estruturas lexemáticas, no qual os lexemas integram um sistema de oposições. O léxico da sexualidade dos religiosos nas cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores medievais galego-portugueses é trabalhado sob esse ponto de vista lexemático, buscando os significados lexicais no sistema linguístico, podendo esses significados ser unitários ou plurais.

Segundo Coseriu (1991), um campo léxico é, desde o ponto de vista estrutural, um paradigma léxico que se origina pela distribuição do conteúdo léxico em diferentes unidades, dadas na língua como palavras, que estão, reciprocamente, em oposição imediata, diante de traços distintivos de conteúdo simples.

Tais registros podem ser vistos nos textos satíricos de língua portuguesa, pois essa decorre de um trabalho social e histórico, como uma unidade composta por um material linguístico que vai ser utilizado por diferentes comunidades. Assim, diferentes sincronias, diferentes comunidades, mediante as necessidades (valores sociais, ideológicos, culturais) dos falantes, configurarão parâmetros da sua variedade de língua, obviamente, com sua estruturação lexical.

Dessa forma, partindo-se dos princípios lexemáticos, faz-se a estruturação dos campos lexicais propostos, obedecendo às seguintes etapas:

- a) levantamento dos campos lexicais, a partir do fichamento das lexias entre as dezoito cantigas satíricas editadas por Lapa (1970) e Graça Videira Lopes (2002);
- b) análise do contexto em que estão inseridas as referidas lexias;
- c) consulta a obras lexicográficas em língua portuguesa, pois testemunham, em parte, uma civilização e refletem conhecimento e o saber linguístico e cultural de um povo, com seus valores, em um determinado momento de sua história.⁸⁸ Dentre os dicionários sincrônicos e etimológicos consultados se destacam: *Raphael Bluteau* (1712-1713), *Domingos Vieira* (1871), *Antônio de Moraes e Silva* (1949-1959),

⁸⁸ Deve-se observar que nenhum dicionário, por mais volumoso que seja, dará conta integral do léxico de uma língua de civilização, pois o léxico cresce em progressão geométrica, visto que a língua não é algo pronto e acabado, estando em contínuo movimento, mudando, sempre, em um processo lento, contínuo e gradual. Como assegura Faraco (1991, p.35), a história da língua é um processo “complexo e melindroso”, sobretudo em virtude da grande aceleração das mudanças socioculturais e tecnológicas.

Elucidário de Viterbo (1983), *José Pedro Machado* (1967), *Antônio Geraldo da Cunha* (1986), *Caldas Aulete* (1881), *Corominas e Pascual* (1991). No que tange ao português arcaico, abundam os glossários e os vocabulários, pois não foi feito ainda um dicionário relativo a essa época. Assim, há algumas obras de caráter lexicográfico relativas ao galego-português. Entre as obras existentes, recorreu-se, fundamentalmente, ao *Vocabulário das Cantigas de Escárnio e de maldizer*, preparado por Manuel Rodrigues Lapa (1970), por assumir um caráter especial, pois apresenta, de forma sistemática, parte do vocabulário do cancionero satírico galego-português;⁸⁹

- d) organização do *corpus* em macrocampos e, conseqüentemente, sua divisão em microcampos, a partir das relações hierárquicas entre os lexemas;
- e) análise sêmica do “campo lexical”, que colocará à mostra o que os itens lexicais possuem em comum, bem como aquilo que faz a especificidade de cada.

Essa última etapa visa a estabelecer, assim, a composição semântica de uma unidade lexical, levando-se em consideração os traços semânticos ou semas (unidades menores, traços distintivos de conteúdo e constitutivas de um lexema, funcionando dentro da dimensão como diferenciadores de conteúdo).

Com base na proposta coseriana, apresenta-se, no capítulo seguinte, a análise sêmica do campo lexical da sexualidade dos religiosos, do ponto de vista linguístico.

⁸⁹ Geralmente, essas obras acompanham as edições críticas e ajudam no entendimento dos textos editados, além de favorecerem ao estudo lexical, como, por exemplo, o *Glossário do Cancioneiro da Ajuda* editado por Vasconcelos (1920), *Glossário da Demanda do Santo Graal* produzido por Magne (1944) e o *Glossário das Cantigas de Amigo e de Amor* de Nunes (1973), entre outros.

4 ANÁLISE SÊMICA DE SUBCAMPOS DO “CAMPO LEXICAL DA SEXUALIDADE DOS RELIGIOSOS”⁹⁰

A análise sêmica visa a estabelecer a composição semântica de uma unidade lexical, ou seja, caracteriza-se por determinar os semas (unidades menores, traços distintivos de conteúdo e constitutivas de um lexema) que constituem o conteúdo dos signos de um sistema, estabelecendo as relações entre esses semas e auxiliando a descrição de sua estrutura interna.

Identificaram-se vinte e oito lexias que, de alguma forma, se relacionavam com o conteúdo referente à sexualidade de religiosos. Em seguida, classificaram-se as referidas unidades em seis subcampos independentes⁹¹, estabelecendo-se o arquissemema de cada um, seguidos das lexias que o compõem, como ‘indivíduo que pratica relações sexuais’ (“abadessa”, “capelão”, “clérigo”, “daian”, “frade”, “freira” e “prioressa”), ‘órgãos sexuais’ (“caralho”, “caralhoto”, “colhões”, “madeira2” e “pissa”, “cono” e “casa2”), ‘ato sexual’ (“ambrar”, “cavalgar2”, “cobrir”, “foder”, “madeirar2”), ‘ação relacionada à procriação’ (“emprenhar” e “parir”), ‘artifício para estimulação do prazer sexual’ (“caralhos franceses”, “caralhos de mesa”, “caralhos asnaes”, “dedo”), ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’ (“encaralhado”, “escaralhado” e “fodimalhas”). Dessa forma, a análise sêmica do conteúdo das lexias do campo da ‘sexualidade dos religiosos’ faz com que se possam apresentar os traços sêmicos que unem e, ao mesmo tempo, distinguem o conteúdo de suas unidades.

Para tal análise sêmica, foi necessário recorrer, além do contexto em que estavam inseridas as unidades léxicas, às obras lexicográficas, por serem os dicionários instrumentos de conhecimentos, funcionando, neste Estudo, como pontos de partida. Além do mais, eleger os semas e apresentar uma análise sêmica sem o auxílio dessas obras seria um tanto quanto difícil. Entre os vocabulários se sobressai o VCEM⁹² de Lapa (1970), pois, em se tratando dos sentidos oferecidos para as lexias empregadas em textos medievais, o mesmo é, sem dúvida, uma fonte de referência importante, por tratar das primeiras sincronias da língua portuguesa.

⁹⁰ As unidades lexicais que fazem parte do ‘campo lexical da sexualidade de religiosos’ foram transcritas no corpo do Trabalho como se encontram nas devidas obras críticas de Lapa (1970) e Lopes (2002). Salienta-se ainda, que foram coletadas do *corpus* as unidades léxicas mais representativas, no que tange ao tema tratado.

⁹¹ Segundo Almeida (2007), pode-se afirmar que os subcampos podem ser analisados independentemente uns dos outros, caracterizando-se por ser um estudo particular e pormenorizado de cada subsistema, bem como se pode assegurar que há uma relação que os agrupa, até fazê-los integrantes de uma só estrutura geral’.

⁹² Ressalta-se que o Vocabulário das *cantigas de escárnio e maldizer*, elaborado por Lapa (1970), será representado em todo corpo do trabalho pela sigla VCEM. Um glossário é quase indispensável em uma edição crítica, sobretudo, se o texto for de sincronias pretéritas.

Fez-se, ainda, uso do modelo da fórmula sêmica (FS) apresentado por Almeida (2007), no qual os semas específicos são contemplados e apresentados entre chaves {} e representados pela letra S, em maiúscula, acompanhados por um algarismo, em ordem crescente (S1, S2,...S42). Ao final da análise de cada subcampo, apresenta-se uma tabela onde constam as lexias que formam o subcampo, organizadas verticalmente, e os semas que formam o semantema das unidades léxicas, em sentido horizontal, acompanhados ou pelo sinal positivo (+), que confirma a presença de certo traço semântico, ou pelo sinal opositivo (-), que indica a sua ausência, ou, ainda, por (+/-), indicando as duas possibilidades.

A seguir, cada subcampo aparece catalogado, seguido das lexias que o integram, com suas respectivas análises.⁹³

4.1 SUBCAMPO ‘INDIVÍDUO QUE PRÁTICA RELAÇÕES SEXUAIS’

As lexias “abadessa”, “capelão”, “clérigo”, “daian”, “frade”, “freira” e “prioressa” são unidades lexicais do subcampo ‘indivíduo que pratica relações sexuais’. Essas lexias estão documentadas e contextualizadas em uma produção poética profana que faz alusão, através da sátira, ao comportamento sexual de religiosos. As referidas lexias aparecem nas cantigas atreladas a contextos que registram a utilização de unidades lexicais pertencentes à ‘esfera sexual’ (“colhão”, “caralho”, “foda”). Assim, permite-se conjecturar que o conteúdo das unidades lexicais referidas faça parte do campo lexical ‘sexualidade de religiosos’ e, conseqüentemente, do subcampo ‘indivíduo que pratica relações sexuais’.

Ao que parece, é pertinente dizer que a lexia “religioso” funciona como arquilexia do subcampo ‘indivíduo que pratica relações sexuais’, sendo, assim, hiperônimo das unidades lexicais em destaque nesse subcampo, que, por sua vez, são hipônimos da unidade arquiléxica “religioso”.

⁹³ Em cada subcampo, são relacionadas as lexias em ordem alfabética.

4.1.1 *Abadessa*

A lexia “abadessa” é um signo de origem latina (do lat. tardio *ābbātīssā*,⁹⁴ CUNHA, 1986). Há seis registros dessa unidade lexical, distribuídos em cinco cantigas, em todo o *corpus*. Os usos contextuais oportunizam a obtenção de informações a respeito do conteúdo léxico da unidade *ābbātīssā*:

Abadessa, oí dizer/que érades mui sabedor/de todo ben; e, por amor/de Deus, queredes-vos doer/de min, que ogano casei,/que bem vos juro que non sei/mais que um asno de foder [...]. (L 37, v.1, L 59, v. 20, L 136, v.6, 12, L 148, v. 1, L 173, v. 1).

Percebe-se que o trovador faz alusão à figura da abadessa de forma irônica, pois, ao que parece, é uma religiosa sabedora do ofício da arte de fazer amor carnal. O uso da lexia “*abadessa*”, no contexto das cantigas de escárnio e maldizer, revela-se imprescindível para se aferir o traço sêmico conjuntivo ‘indivíduo que pratica relações sexuais’, estabelecendo, assim, uma relação arquissemêmica com as lexias do subcampo do qual é parte constitutiva. Percebe-se, porém, que o contexto não é suficiente para se apreenderem todos os traços semânticos constitutivos do seu significado.

Diante da insuficiência de traços contextuais, recorre-se a algumas obras de referências que definem o sentido da lexia “abadessa” como:

[...] a prelada superiora de algum convento de freiras [...] (VIEIRA, 1871).

[...] prelada maior ou superiora de uma comunidade de monjas ou religiosas (VITERBO, 1983).⁹⁵

[...] prelada de um convento de religiosas [...] (BLUTEAU, 1712).

[...] prelada, superiora de algum convento ou comunidade religiosa; [...] (AULETE, 1881).

As acepções referentes à lexia “abadessa” destacadas nos dicionários têm sua relevância, porém são definições praticamente iguais, dificultando a apreensão do traço

⁹⁴ Cunha (1986) data a lexia do século XIII.

⁹⁵ Viterbo (1983) acrescenta uma informação complementar a respeito das abadessas: ‘mulheres que se consagravam inteiramente à vida religiosa, viviam em suas casas e só começaram a reunir-se em conventos a partir do séc. IV. O título de abadessa foi introduzido por analogia a **abbas**, no séc. VI. O título de abadessa foi, primeiramente, dado às superiores dos mosteiros de beneditinas, tendo sido aplicado depois às dos conventos de outras ordens, como a de cônegos e das franciscanas’.

disjuntivo da unidade⁹⁶. No entanto, em observância às acepções descritas, verificou-se que o substantivo feminino “prelada”, usado em todas as acepções, apresentava uma carga semântica que devia ser analisada, pois iluminaria na apreensão do sema disjuntivo da lexia em questão. Assim, se procedeu com o estudo da lexia “prelada”⁹⁷, nas obras de referência, com a finalidade de obter subsídios que ajudassem a desvelar, com maior precisão, o traço sêmico opositivo da unidade léxica “abadessa”. Portanto, a partir das análises dicionarísticas, julgou-se pertinente assinalar o traço sêmico opositivo da lexia “abadessa” como ‘título hierárquico de ordem eclesiástica que recebe uma religiosa superiora de um convento ou mosteiro’, além de favorecer a inclusão do sema conjuntivo: ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’.

Enfim, pode-se dizer que o conteúdo sêmico da lexia “abadessa” se forma pelos traços:

S1 = ‘indivíduo que pratica relações sexuais’;

S2 = ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’;

S3 = ‘título hierárquico de ordem eclesiástica que recebe uma religiosa superiora de um convento ou mosteiro’.

FS = {S1 + S2 + S3}

4.1.2 Capelão

O signi Capelão é datado do século XIII, (do ant. prov. *capelan*, deriv. do baixo lat. *cappellanus*, CUNHA, 1986). No *corpus* do Trabalho, essa unidade léxica apresenta-se registrada cinco vezes, na cantiga (L 250) do trovador Joan Velho de Pedrogaz.

[...] E díxi-lh’ eu: - Mui gran fiúza tenho,/pois que en vós filhastes o seu feito,/de dardes cima a todo seu preto./E diss’ ela: - Eu de tal logar venho,/que, poi-lo **capelan**, per boa fé,/sobre min filh’, e seu feit’ en min é,/ajudá-l’-ei, poi-lo obre min tenho [...]. (L 250, v. 5, 12, 17, 21, 23).

⁹⁶ Vale ressaltar que não se quer desmerecer a importância das obras de referência no estudo em questão. Apenas se quer mostrar que, nem sempre, uma obra de referência contempla todo o conteúdo sêmico de uma unidade léxica.

⁹⁷ A definição da lexia “prelado” pode ser resumida a partir da descrição apresentada por Vieira (1871), ‘superior eclesiástico constituído em alguma das dignidades da igreja’.

O contexto em que é inserida essa unidade léxica dá indícios do envolvimento sexual do capelão com uma dona, pois se acredita que o verbo ‘filhar’ se inseriu, no contexto, com o sentido de ‘tomar com objetivo de manter relações sexuais’. Nessa perspectiva, podem-se observar, no contexto, mesmo que veladamente, os semas conjuntivos do subcampo: ‘indivíduo que pratica relações sexuais’ e ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’.

Quanto às obras de referências, observa-se que a unidade léxica é definida da seguinte forma:

Sacerdote⁹⁸ assalariado que tem obrigação de fazer missa na oratória da Igreja,/capelão que tem cuidado com a capela de alguém [...]. (BLUTEAU, 1712).

[...] administrador da capela [...]. (VITERBO, 1983).

[...] encarregado de dizer missa e celebrar ofícios divinos em alguma capela //beneficiado titular de alguma capela [...]. (MORAES, 1949-1959).

[...] beneficiado titular de uma capela [...]. (VIEIRA, 1871)⁹⁹.

A partir da análise das acepções apresentadas nos dicionários, julgou-se pertinente inferir, na unidade léxica, os traços sêmicos disjuntivos: ‘padre que recebeu ordens sacerdotais e que ministra os sacramentos da Igreja’, ‘responsável titular assalariado de uma capela’.

Conclui-se que o conteúdo sêmico constitutivo do signo *capelan* se organiza pelos seguintes traços:

S1 = ‘indivíduo que pratica relações sexuais’;

S2 = ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’;

S4 = ‘padre que recebeu ordens sacerdotais e que ministra os sacramentos da Igreja’;

S5 = ‘responsável titular assalariado de uma capela’.

FS = {S1 + S2 + S4 + S5}

⁹⁸ Padre que já recebeu as ordens sacerdotais e tem seu cargo a serviço religioso de uma capela. (Aulete, 1881).

⁹⁹ A definição oferecida por Bluteau abarca os sentidos oferecidos por Vieira, Viterbo e Moraes.

4.1.3 Clérigo

A lexia “clérigo” tem sua origem no lat. tard. *clēricus*, deriv. do gr. Klērikós (CUNHA, 1986)¹⁰⁰. A unidade lexicográfica apresenta-se cinco vezes, em duas cantigas satíricas dos trovadores Fernan Velho e Joan Servando. Como observar-se na cantiga “*Maria Pèrez se maenfestou*” do trovador Fernan Velho:

[...] E pois que ben seus pecados catou,/de as mort’ ouv ela gran pavor;/e d’ esmolnar ouv’ ela gran sabor;/e logu’ enton un **clérigo** filhou/e deu-lh’ a cama en que sol jazer;/e diz que o terra, mentre viver;/e est’ afan todo por Deus filhou![...]. (L 146, v. 5, 13, 18, 26, L 227, v.16).

No contexto, é claramente perceptível o envolvimento sexual do clérigo com uma mulher que, provavelmente, estava confessando seus pecados e que ele logo tratou de perdoar, deitando-se com ela. Sendo assim, diante do contexto, pode-se inferir o sema conjuntivo ‘indivíduo que pratica relações sexuais’.

Procuraram-se, no entanto, nas obras lexicográficas, elementos que pudessem fornecer indícios de outros traços conjuntivos e disjuntivos da unidade léxica. Assim se encontra definida a lexia “clérigo”, nessas obras:

[...] o nome clérigo se estende a todos os que exerciam na Igreja algum ministério [...] (BLUTEAU, 1712).

[...] todo e qualquer ministro da igreja, iniciado, admitido ou assumpto, prescindindo de estar em grau superior ou inferior [...] (VITERBO, 1983).

[...] indivíduo que pertence à classe eclesiástica [...] (VIEIRA, 1871).

[...] aquele que tem todas ou algumas ordens sacras / sacerdote secular ou regular [...] (MORAES, 1949-1959).

Diante das acepções dicionarísticas e, em especial, da definição fornecida por Bluteau, pode-se atribuir o traço sêmico disjuntivo ‘designação dada a todo e qualquer ministro da Igreja Santa’. Todavia, percebem-se outros traços sêmicos que podem fazer parte dessa unidade léxica, pois, em se tratando de um religioso que faz parte do corpo eclesiástico,

¹⁰⁰Cunha (1986) data a lexia do século XIII.

como afirma Vieira (“indivíduo que pertence à classe eclesiástica”), fica evidente a inclusão do sema: ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’. Assim, conclui-se que o conteúdo sêmico da lexia “clérigo” é formado pelos traços:

S1 = ‘indivíduo que pratica relações sexuais’;

S2 = ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’;

S6 = ‘nome dado a todo ministro da Igreja’.

FS = {S1 + S2 + S6}

Tudo indica que a lexia “clérigo” é sinônimo de religioso, que funciona como arquilexia do subcampo ora tratado.

4.1.4 *Daian*

“Daian”, lexia originária do ant. fr. *deien* (atual *doyen*) e este, do lat. *decānus*, (CUNHA, 1986)¹⁰¹, acha-se registrada cinco vezes, em duas produções poéticas:

Ao **daian** de Cález eu achei/livros que lhe levaran d’aloguer;/e o que os tragia perguntei/por eles, e respondeu-m’el: - Senher,/con estes livros que vós veedes dous/e conos outros que el ten dos sous,/fod’el per eles quanto foder quer [...]. (L 23, v. 1, L 29, v. 1, 9, 17, 25).

O contexto corrobora a apreensão do sema conjuntivo: ‘indivíduo que pratica relações sexuais’, pois, segundo Lapa (1970), ao que parece, o “daian” exercia a arte de fazer o amor pelos livros, colocando em seu poder as mulheres que desejava. No entanto, o contexto não favorece a apreensão de outros indicadores sêmicos da unidade léxica.

Diante desse impasse, procurou-se observar e analisar as definições da referida unidade em alguns dicionários, a saber:

[...] nas igrejas católicas Deão é o primeiro das dignidades (BLUTEAU, 1712).

[...] dignitário eclesiástico que preside ao capítulo // o mais velho de uma corporação (MORAES, 1949-1959).

¹⁰¹ Cunha (1986) data a lexia do século XIII.

[...] dignidade eclesiástica imediata ao bispo ou ao arcebispo, e que preside ao cabido¹⁰² [...] (VIEIRA, 1871).

[...] título de dignidade eclesiástica logo abaixo do bispo ou arcebispo, e que preside ao cabido [...] (AULETE, 1881).

É necessário destacar que os dicionários são de grande importância para se obterem os traços sêmicos de uma unidade léxica, pois apresentam dados pertinentes à compreensão de seu conteúdo sêmico. As definições do lema confirmam, de modo geral, a inclusão do sema conjuntivo ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’, além de auxiliar na apreensão do traço sêmico opositivo ‘autoridade eclesiástica imediata ao bispo e arcebispo, que lidera o corpo dos cônegos de uma catedral’.

Pode-se afirmar que o conteúdo sêmico constitutivo da lexia “daian” se compõe dos traços:

S1 = ‘indivíduo que pratica relações sexuais’;

S2 = ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’;

S7 = ‘autoridade eclesiástica imediata ao bispo e arcebispo, que lidera o corpo dos cônegos de uma catedral’.

FS = {S1 + S2 + S7}

4.1.5 *Frade*

“Frade” é um signo de origem latina (*frater –tris*); ‘nome que se dá aos religiosos de certas ordens’, datado do século XIII – (CUNHA, 1986). Tal lexia encontra-se duas vezes, na poesia do trovador Fernand’ Esquio. No fragmento da cantiga, é exposto claramente o comportamento sexual de um religioso que se fazia passar por impotente, porém engravidava muitas mulheres. O contexto, portanto, evidencia a inclusão do sema específico nuclear ‘indivíduo que pratica relações sexuais’.

¹⁰² Vieira (1871) refere-se ao cabido como o corpo dos cônegos de uma catedral.

A un **frade** dizen escaralhado,/e faz creúd' a quen lho vai dizer,/ca, pois el sabe arreitar de foder,/cuid'eu que gaj' é de piss' arreitado;/e pois emprenha estas con que jaz/e faze filhos e filha assaz,/ante lhe digu'eu ben encaralhado [...]. (L 147, v. 1, 20).

No entanto, o cenário é pouco ilustrativo para se perceberem, com mais exatidão, outros traços sêmicos. Assim, diante de um contexto pouco esclarecedor, se recorreu a fontes dicionarísticas, que apresentaram as seguintes definições para a lexia “frade”:

[...] nome dado aos religiosos de capela, por contração se diz frei¹⁰³ (BLUTEAU, 1712).

[...] religioso de ordem mendicante (VIEIRA, 1871).

[...] homem que faz parte de uma ordem religiosa cujos membros seguem certa ordem e vive separado do mundo social [...] (AULETE, 1881).

[...] religioso que faz parte de uma ordem cujos membros seguem certa regra e vivem separados do mundo [...] (MORAES, 1949-1959).

Em observância às definições oferecidas pelas obras de referência, percebe-se, inicialmente, que Moraes (1949) e Aulete (1881) trazem definições idênticas e de maior alcance. Já as de Bluteau (1712) e Vieira (1871) são mais restritas. No entanto, no conjunto dessas acepções, detecta-se o traço sêmico opositivo ‘designação dada a um homem que faz parte de alguma ordem religiosa’, além de se poder confirmar o traço sêmico conjuntivo: ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’.

Por fim, assinala-se que o conteúdo sêmico de “frade” se forma pelos traços:

S1 = ‘indivíduo que pratica relações sexuais’;

S2 = ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’;

S8 = ‘homem que faz parte de alguma ordem religiosa’.

FS = {S1+ S2 + S8}

¹⁰³ Destaca-se que frei é a abreviatura de *frade* ou *frater* (irmão da Igreja Santa), em latim.

4.1.6 Freira

A lexia “freira” aparece datada do século XIII, derivada da forma apocopada *freire*, do ant. prov. *fraire* (CUNHA, 1986). Apresenta-se nove vezes na cantiga do trovador Pedro Eanes Solaz, editada criticamente por Graça Videira Lopes (2002). No fragmento da cantiga *Nom [é] est’a de Nogueira* (G 293), o trovador, através do jogo de negação, deixa transparecer que a freira de Nogueira é uma religiosa que transgride as normas da Igreja:

Nom [é] est’a de Nogueira/a **freira** que quero bem,/mais é outra mais fremosa/a que mi em poder tem./E mouro-m’eu póla **freira**/mais nom póla de Nogueira/Nom [e] est’a de Nogueira/a **freira** ond’eu hei amor,/mais [é] outra mais fremosa/a que mi quer’eu melhor./[...]. (G 293, v.2,5,8,11,13,17,19,23,29)¹⁰⁴.

O contexto em que se encontra inserida a lexia “freira” não deixa dúvida de que o trovador faz referência a uma religiosa que, provavelmente, não cumpre com seu voto de castidade. É, portanto, confirmada, através do contexto, a presença do sema conjuntivo ‘indivíduo que pratica relações sexuais’.

Percebe-se, no entanto, que o contexto poético não é o suficiente para que se determinem, com mais presteza, outros traços sêmicos constitutivos da referida unidade. Por isso, recorre-se às obras de referência, como dicionários e vocabulários. Vale ressaltar que o VCEM (LAPA, 1970) não traz uma definição da unidade léxica em referência; apenas apresenta, em sua entrada, o contexto da cantiga.

Os dicionários apresentam o signo assim definido:

[...] religiosa professa [...] (AULETE, 1881).

[...] religiosa professa [...] (VIEIRA, 1871).

[...] religiosa que vive em comunidade, recolhida em convento ou mosteiro [...] (MORAES, 1949-1959).

Ao se analisarem os verbetes dos dicionários, observa-se que as definições pouco se diferenciam entre si, destacando-se a acepção fornecida por Moraes (1945), onde se apresenta uma contextualização da lexia mais abrangente. No entanto, pode-se assegurar, diante das

¹⁰⁴ A identificação da cantiga editada por Graça Videira Lopes será marcada no corpo do Trabalho pela letra maiúscula do seu primeiro nome (G), seguida do número de sua cantiga e, não, pela primeira letra do seu último nome, que, no caso, seria (L), para evitar a semelhança de nomenclatura entre Lapa e Lopes..

acepções expostas, que se trata de uma religiosa que faz parte de alguma ‘ordem religiosa’, fazendo-se, portanto, presente o sema ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’. Porém o sema que confirma o traço disjuntivo da unidade léxica é o traço ‘mulher que se dedica à religião, recolhendo-se em uma comunidade religiosa’.

Conclui-se, diante do exposto, que o conteúdo sêmico da unidade léxica “freira” se define pelos traços:

S1 = ‘indivíduo que pratica relações sexuais’;

S2 = ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’;

S9 = ‘mulher que se dedica à religião, recolhendo-se em uma comunidade religiosa’.

FS = {S1 + S2 + S9}

4.1.7 *Prioressa*

A lexia “prioressa”, datada do século XIII e de origem latina – *prior-essa* – (CUNHA, 1986) e (MACHADO, 1873), é apresentada no *corpus* apenas uma única vez, na cantiga do trovador Fernand’ Esquio:

A vós, Dona abadessa,/de min, Don Fernand’ Esquio,/estas doas vos envio,/por que sei que sodes essa/dona que as merecedes:/quatro caralhos franceses,/e dous aa **prioressa** // Pois sodes amiga minha,/non quer’ a custa catar,/quero-vos já esto dar, [...]. (L 148, v. 7).

A partir do contexto, percebe-se que o trovador faz alusão à religiosa de forma irônica, pois, ao que parece, a considera sua amiga, portanto merecedora e digna de receber os “caralhos franceses”. Observa-se que a lexia ‘amiga’ é empregada pelo autor em tom sarcástico, levando-se a imaginar que a “prioressa” mantinha uma aproximação mais íntima com o trovador. Assim, com base contextual, pôde-se depreender o sema conjuntivo do subcampo ‘indivíduo que pratica relações sexuais’. No entanto, a análise do contexto não é suficiente para que se possam delinear outros traços sêmicos da referida unidade léxica. Apesar de o contexto poético dar margem a inúmeras interpretações, mostra-se, nesse caso específico, um pouco limitado, não evidenciando outros traços constitutivos do conteúdo sêmico da lexia “prioressa”.

Com o intuito de ampliar os traços constitutivos da unidade léxica, procurou-se analisar as acepções oferecidas nas obras lexicográficas:

[...] superiora de certo conventos de religiosos (BLUTEAU, 1712).

[...] superiora em um convento de certas ordens religiosas, abadessa (AULETE, 1881).

[...] superiora de certas ordens religiosas (VIEIRA, 1871).

Abadessa (LAPA, 1970).

As definições oferecidas nos dicionários não oferecem, de modo geral, maiores informações sobre a lexia “prioressa”. No entanto, fica claro que “prioressa” é uma designação dada a uma abadessa que possui uma hierarquia maior junto a outra abadessa, com cargo de autoridade, ou seja, a “prioressa” é a superiora maior entre duas superiores de um convento ou ordem religiosa, pois, segundo José Pedro Machado (1967) a lexia “prioressa” vem do lat. *prior*, que significa ‘está mais adiante (em referência a duas pessoas ou duas coisas), o primeiro de dois’ [...]. Dessa maneira, pode-se pensar no sema opositivo da unidade, como: ‘a primeira entre duas superiores de um convento ou ordem religiosa’, o que, conseqüentemente, leva à inclusão do sema: ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’.

Em síntese, pode-se assegurar que o conteúdo sêmico da lexia “prioressa” é constituído pelos traços:

S1 = ‘indivíduo que pratica relações sexuais’;

S2 = ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’;

S10 = ‘a primeira entre duas superiores de um convento ou ordem religiosa’.

FS = {S1 + S2 + S10}

4.1.8 Síntese do subcampo ‘indivíduo que pratica relações sexuais’

Com a análise sêmica do subcampo ‘indivíduo que pratica relações sexuais’, verificou-se que os seus signos se compõem dos traços:

S1 = ‘indivíduo que pratica relações sexuais’;

S2 = ‘indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico’;

S3 = ‘título hierárquico de ordem eclesiástica que recebe uma religiosa superiora de um convento ou mosteiro’;

S4 = ‘padre que recebeu ordens sacerdotais e que ministra os sacramentos da Igreja’;

S5 = ‘responsável titular assalariado de uma capela’;

S6 = ‘nome dado a qualquer ministro da Igreja’;

S7 = ‘autoridade eclesiástica imediata ao bispo e arcebispo, que lidera o corpo dos cônegos de uma catedral’.

S8 = ‘homem que faz parte de alguma ordem religiosa’;

S9 = ‘mulher que se dedica à religião, recolhendo-se em uma comunidade religiosa’;

S10 = ‘a primeira entre duas superioras de um convento ou ordem religiosa’.

| | S1 | S2 | S3 | S4 | S5 | S6 | S7 | S8 | S9 | S10 |
|-----------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|
| Abadessa | + | + | + | - | - | - | - | - | - | - |
| Capelão | + | + | - | + | + | - | - | - | - | - |
| Clérigo | + | + | - | - | - | + | - | - | - | - |
| Daian | + | + | - | - | - | - | + | - | - | - |
| Frade | + | + | - | - | - | - | - | + | - | - |
| Freira | + | + | - | - | - | - | - | - | + | - |
| Prioressa | + | + | - | - | - | - | - | - | - | + |

Quadro 2: Análise sêmica do subcampo ‘indivíduo que pratica relações sexuais’

4.2 SUBCAMPO DOS ‘ÓRGÃOS SEXUAIS’

Outro subcampo importante que faz parte do ‘campo lexical da sexualidade dos religiosos’ é o campo dos ‘órgãos sexuais’, que se constitui das lexias “caralho”, “caralhote”, “casa”, “colhões”, “cono”, “madeira2”, “pissa”, que têm em comum o sema específico nuclear ‘órgãos sexuais’, que, por sua vez, estabelece uma relação arquissemêmica, pois funda uma inclusão conjuntiva entre os signos dos microcampos do referido subcampo.

4.2.1 Caralho

Segundo Corominas, Pascual (1991), Cunha (1986), “caralho” – ‘pênis, membro viril’ é uma unidade léxica cujo primeiro registro em galego-português é datado do século XIII, oriunda do latim *caracūlu*. No *corpus* do Trabalho, encontra-se registrada sete vezes, em cantigas de Fernand’ Esquio e Martin Soárez.

No contexto da cantiga, o trovador faz referência a unidades lexicais do campo da ‘sexualidade’ – “escaralhado”, “pariron”, “prenhadas”, “encaralhado” –, o que corrobora para se aferir a ligação da lexia “caralho” à tal esfera semântica, sendo, então, pertinente pensar-se no traço conjuntivo do subcampo ‘órgão sexual’ e do microcampo ‘órgão sexual masculino’.

[...]. Escaralhado nunca eu diria,/mais que traje ant’ o **caralho** arreite,/ao que tantas molheres de leite/ten, ca lhe pariron três em um dia,/e outras muitas prenhadas que tem;/e atal frade cuid’ eu que mui ben/encaralhado per esto seria. [...]. (L 147, v. 9, L 148, v. 6, 12, 19, L 299, v. 5, 8, 16).

No entanto, percebe-se que a referência contextual não favorece uma maior abrangência para depreensão dos traços sêmicos disjuntivos da lexia. Desse modo, com o propósito de apreender outros traços do conteúdo sêmico da unidade léxica, foram consultadas as obras lexicográficas, verificando-se as seguintes acepções para o lema¹⁰⁵ “caralho”:¹⁰⁶

¹⁰⁵ Lema é uma unidade significativa que abre um verbete nos dicionários, também conhecido pelos termos *entrada* ou *palavra-entrada*. Geralmente, toma-se o lema na forma de infinitivo dos verbos, do singular masculino dos substantivos e dos adjetivos (WELKER, 2004).

¹⁰⁶ A título de informação, registra-se que não consta em Bluteau, Vieira e Lapa nenhuma entrada para a lexia “caralho”.

[...] membro viril (COROMINAS; PASCUAL 1991)

[...] pênis (AULETE, 1881).

[...] pênis humano (MORAES, 1949-1959).

Pelo que parece, Aulete e Moraes fazem uso do substantivo “pênis” para definir o lema em questão, pois, ao que parece, “pênis” e “caralho” são sinônimos. Além disso, as acepções dicionarísticas confirmam os semas propostos anteriormente. Entretanto, fez-se necessário recorrer às obras de referência, a fim de se obterem informações que esclarecessem o conteúdo sêmico da lexia “pênis”, para, assim, ser possível uma delimitação mais segura do conteúdo constitutivo da unidade lexia “caralho”. Dessa forma, procedeu-se ao estudo da lexia “pênis”, que, por sua vez, se apresentou, em algumas entradas dicionarísticas através de outros sinônimos, como se observa:

Pissa – [...] membro dos meninos destinados para urinar (VIEIRA, 1871).

Pissa – [...] diz-se do órgão dos meninos destinados por natureza para deitar a urina (BLUTEAU, 1712).

Pênis – [...] órgão copulador masculino (AULETE, 1881).

Pixa – [...] o pênis (AULETE, 1881).

Pênis – [...] o órgão da cópula do homem que tem por função levar o esperma às partes genitais da mulher (MORAES, 1949-1959).

Pisso – ‘pênis’ (LAPA, 1970 - VCEM).

Assim modo, após a análise das definições das unidades sinonímicas apresentadas para a lexia “caralho”, delimitaram-se os traços ‘órgão copulador’, ‘órgão excretor’, ‘condutor dos gametas masculinos à parte genital feminina’. Por fim, pensando-se em todos os traços sêmicos ora apresentados para a lexia “caralho”, julgou-se talvez não tão necessário, porém prudente, acrescentar ao conteúdo o traço ‘órgão de formato cilíndrico que, dilatado, fica em estado de ereção’.

Verifica-se, assim, que o conteúdo da lexia “caralho” é constituído pelos traços:

S11 = ‘órgãos sexuais’;

S12 = ‘órgão sexual masculino’;

S13 = ‘órgão copulador’;

S14 = ‘órgão excretor’;

S15 = ‘condutor dos gametas masculinos à parte genital feminina’;

S16 = ‘órgão de formato cilíndrico, que, dilatado, fica em estado de ereção’.

FS = {S11 + S12 + S13 + S14 + S15 + S16}

4.2.2 Caralhote

“Caralhote” é um substantivo formado pela adição do sufixo “-ote” à base da lexia “caralho” (COROMINAS; PASCUAL, 1991). Essa unidade léxica aparece registrada três vezes, na composição de Martin Soárez.¹⁰⁷

A cantiga direciona-se a um clérigo que vem qualificado, de forma chula, como Don Caralhote e a uma “donzela”, que se torna “dona” e barregã do religioso. Assim transcorre a cantiga, partindo da queixa da jovem “donzela” contra seu amante, um clérigo que a teria desonrado e não queria mais assumi-la como sua amante. Ela vai à sua procura, com o intuito de trazê-lo para si. Várias são as referências à relação sexual, como: “colheu Don Caralhote nas mãos, Caralhote viu antre sãs mãos, ouv’en gran sabor, Caralhote ouv’en seu poder, soube o que d’el[e] fazer, meteu-o em um cárcer Atal”. Fica evidente a satisfação da mulher em ter o “caralhote” nas mãos e ter sobre “ele” o poder de fazer o que quiser, só permitindo se afastar apenas se ele desfalecer¹⁰⁸.

O fragmento a seguir contextualiza, claramente, a referida unidade, na esfera da sexualidade:

[...] – O falso treedor/que m’ogano desonrou e feriu,/praz-me con el, pero trégoa lhi dei,/que o non mate; mas trosquiá-l-ei/come quen trosquia falso treedor [...]. [...] A boa dona, molher mui leal,/pois que **Caralhote** ouv’ em seu poder,/mui bem soube o que d’el[e] fazer:/e meteu-o logu’ em um cárcer atal,/u muitos presos jouveron assaz;/e nunca i, tan fort’ e preso jaz,/ [quer] que em saia, meios de morrer. (L 299, v. 5, 8, 16).

¹⁰⁷ Segundo Lapa (1970), para se compreender o sentido desse escárnio, é necessário entender a rubrica, que só vem completa no *Cancioneiro da Vaticana* (CV) e que diz assim: “Esta cantiga que se aqui acaba fez Martin Soárez a ãa sa irmã, por que lhi fez ela querela dun clérigo que a fodia ca a firia; e o clérigo non quis a ela tornar, atá que ela foi por el a sa casa e o trouxe para a sua”. Observa-se que, na própria rubrica, já se menciona a quem as críticas são dirigidas.

¹⁰⁸ Ressalta-se, no entanto, que há outras hipóteses interpretativas dessa cantiga de Martin Soárez. Souza (2003) apresenta, em sua tese de Doutorado, algumas hipóteses, dentre as quais a abordada por Elza Paxeco e José Pedro Machado: de que talvez esse escárnio fosse uma sátira ‘disfarçada como paródia de romance bretão’.

A partir dessa análise contextual, podem-se aferir os traços sêmicos conjuntivos do subcampo ‘órgão sexual’ e do microcampo ‘órgão sexual masculino’. Como já foi mencionado, a lexia “caralhote” é formada a partir da base “caralho”, que significa ‘pênis’, mais o sufixo “-ote”, que acrescenta também à lexia uma carga semântica pejorativa. Segundo Pascual e Corominas (1991), “caralhote” significa ‘pênis de grande dimensão’.

Enfim, pode-se concluir que a lexia “caralhote” compartilha dos mesmos conteúdos semânticos da lexia “caralho”, apresentando apenas o traço opositivo ‘pênis de grande proporção’¹⁰⁹. São, pois, os seguintes os traços dessa lexia:

S11 = ‘órgão sexual’;

S12 = ‘órgão sexual masculino’;

S13 = ‘órgão copulador’;

S14 = ‘órgão excretor’;

S15 = ‘condutor dos gametas masculinos à parte genital feminina’;

S16 = ‘órgão de formato cilíndrico, que, dilatado, fica em estado de ereção’;

S17 = ‘de grande proporção’.

FS = {S11 + S12 + S13 + S14 + S15 + S16 + S17}

4.2.3 Colhão

“Colhão”, substantivo masculino com datação no século XIII, é oriundo do lat. tardio *cōleō-eonis* (CUNHA, 1986). No *corpus*, a lexia é registrada apenas duas vezes, nas cantigas dos trovadores Joan Servando e Fernand’ Esquio:

[...] Mui ben vos semelharan,/ca se quer levan cordões/de senhos pares de **colhões**;/agora vo-los daran:/quatro caralhos asnaes,/êmanguado en coraes,/com que colhades o pan. (L 148, v. 17).

¹⁰⁹ Não foi encontrada em Bluteau (1712), Vieira (1871), Moraes (1949), Aulete (1881), Viterbo (1983) nenhuma entrada para a lexia “caralhote”, o que é de se estranhar, pois a lexia está registrada em uma cantiga versada entre os séculos XIII e XIV. Salienta-se que Moraes registra a entrada “carallete” - ‘pênis de pequena dimensão’ - como diminutivo irregular da lexia “caralho”.

[...] Don Domingos, non podedes/[...] /que com a pissa tragedes/
 [...]/mais como moa fodedes/[...]e sobides e decedes,/ [que] brand'i
 [vosso] **colhões**. [...]. (L 227, v. 30).

Nas duas composições (L 147; 227), o trovador faz alusão ao comportamento das práticas sexuais dos religiosos, referindo-se à impotência sexual do clérigo Don Domingo Coroinha, impedido de satisfazer a necessidade sexual de sua amiga Marinha. Assim, a partir do contexto, fica evidente que a lexia “colhão” se encaixa na esfera do campo da sexualidade de religiosos. Em toda a cantiga se encontram textualizadas expressões como “caralhos asnaes”, “pissa tragedes”, “mao fodedes”, que confirmam a inclusão dos traços conjuntivos ‘órgão sexual’ do subcampo e ‘órgão sexual masculino’ como traços constitutivos de conteúdo da unidade léxica “colhões”.

Entretanto, a lexia “colhão” constitui-se também por outros semas, encontrados em alguns dicionários,¹¹⁰ na tentativa de identificar os traços seguintes:

[...] designação vulgar do testículo do homem e dos animais (MORAES, 1949-1959)

[...] testículo (AULETE, 1881).

Verificou-se que Aulete e Moraes apresentam a lexia “testículo” para definir seu sinônimo “colhão”, dificultando, assim, a apreensão dos semas disjuntivos da lexia em análise. Diante da dificuldade de se obterem traços para constituir o conteúdo da referida unidade, julgou-se necessária a consulta às obras de referência, para se efetuar a análise das significações atribuídas ao lema “testículo”, com a finalidade de se encontrarem elementos que aclarassem traços de conteúdo da lexia “colhão”. Assim, destacam-se algumas acepções para o verbete “testículo”:

[...] ovada, glandulosa, cavernosa, que serve para aperfeiçoar a matéria genital [...] (BLUTEAU, 1712).

[...] glândula sexual masculina [...] (CUNHA, 1986).

[...] Ant. órgão glandular a que incube a importante função, nos machos, de segregar o elemento primordial do esperma, os espermatozoides: [...]. (MORAES, 1949-1959).

¹¹⁰ Bluteau e Vieira não apresentam entradas para o verbete “colhão”. Porém, encontra-se registrada em Bluteau uma entrada para a lexia “testículo”, que caracteriza o conteúdo sêmico de “colhão”, sendo, assim, sinônimos.

Em conjunto com o estudo do contexto e com todos os dados alcançados na Pesquisa, torna-se pertinente afirmar que a unidade “colhão” possui os traços ‘gônada sexual masculina responsável pela produção de espermatozóide’, ‘órgão de formato ovóide’.

Conclui-se que o conteúdo sêmico constitutivo da lexia “colhão” compreende os seguintes traços:

S11 = ‘órgão sexual’;

S12 = ‘órgão sexual masculino’;

S18 = ‘gônada sexual masculina responsável pela produção de espermatozóide’;

S19 = ‘órgão de formato ovoide’.

FS = {S11 + S12 + S18 + S19}

4.2.4 Madeira2

“Madeira2” é uma unidade formada no latim *matĕrĭa*, com datação no século XIII (CUNHA, 1986), registrada nove vezes, em duas cantigas satíricas¹¹¹.

No *corpus*, as cantigas que registram a lexia fazem parte do conjunto de composições que se referem ao comportamento sexual de religiosos. Trata-se de duas composições dos trovadores Paai Gómez Charinho e Afonso Lopes de Baian, nas quais esses trovadores se reportam em suas produções do mesmo ponto temático, o erótico-sexual, referindo-se à abadessa de Arouca. Nas duas composições, o comportamento da abadessa no que diz respeito à sexualidade, é sempre escarnecido¹¹².

¹¹¹ Devido à ambiguidade interpretativa do signo *madeira*, julgou-se pertinente a existência das unidades “madeira2” e “madeira1”. Portanto, a partir do contexto da *equivocatio* (recurso poético utilizado quase sempre pelos trovadores) e das obras de referência, pode-se inferir que o conteúdo da unidade “madeira2” apresentada nas composições se atrela ao subcampo ‘órgão sexual’ e ao sema conjuntivo do microcampo ‘órgão sexual masculino’. No entanto, o contexto possibilita também outra leitura para a lexia “madeira”, que chamaremos de “madeira1”, cujo sentido faz parte do paradigma léxico ‘material utilizado em construção’, que não se faz representativo para análise no presente Trabalho.

¹¹² Além da possibilidade de leitura ligada à esfera sexual à qual os textos estão expostos, há, por trás de toda essa problemática, outros sentidos um tanto obscuros, como interferências políticas, sociais e linhagísticas. Acredita-se que a cantiga *Don Afonso López de Baian quer* seja uma resposta de Charinho à cantiga de Baian, *Em Arouca ùa casa faria* (L. 59). Segundo Vascancelos (1990, p. 427), “Charinho chasqueia discretamente do fidalgo literato Afonso Lopes de Baião, imitando a prosaica chateza das suas rimas sobre madeiras de construção”. Para Lopes (2002, p. 330), essa cantiga “é uma glosa-comentário à cantiga de Afonso Lopes de Baian. Assim como a primeira, essa representa também um equívoco erótico”. Assim, crê-se que a leitura direcionada para a sexualidade seja, no momento, a mais pertinente.

Para alguns investigadores, é uma cantiga de carácter obsceno, porém com sentido velado e de difícil interpretação, devido à ambiguidade de algumas lexias. Como afirma Lapa (1970), “tudo aqui está tomado em duplo sentido”. Como é conhecido, o equívoco e a ambiguidade de palavras nas cantigas de escárnio e maldizer são características desse gênero. Acredita-se que o sentido da lexia “madeira2”, no contexto, esteja obscuramente direcionado ao sema conjuntivo ‘órgão sexual’ do subcampo e ‘órgão sexual masculino’ do microcampo¹¹³:

[...] E, pois o fundamento aberto for/alt’e ben batuto, pode lavar / en salvo sobr’el; e, pois s’ acabar,/estará da **madeira** sen pavor;/e do que diz que a revolverá,/ant’ esto faça, se non, matar-s’-à,/ca est’ é o começo do lavor. [...]. (L 304, v. 3, 5, 8, 18, 28).

[...] E, meus amigos, par Santa Maria,/se **madeira** nova podess’ aver,/logu’ esta casa iria fazer/e cobri-la; e descubri-la-ia/e revolvê-la, se fosse mester;/e se mi a mi a abadessa der/**madeira** nova, esto lhi faria. (L 59, v. 7, 10, 16, 21).

O contexto é, na maioria das vezes, fator de grande relevância para se depreender o traço semântico de uma unidade léxica. No entanto, percebe-se que há contextos, como no caso ora tratado, que apresentam certa obscuridade, quanto ao seu sentido, dificultando, assim, se obter detecção mais abrangente de seu conteúdo. Observa-se que o uso da lexia “madeira2” se encontra empregada próxima a signos como “cobrir”, “descobrir”, “revolver”, que contextualizam a referida lexia no campo da ‘esfera sexual’, pois se acredita que, contextualmente, essas unidades pertençam ao campo do ‘ato sexual’. Dessa forma, deduz-se que são partes constitutivas da unidade os traços ‘órgão sexual’ e ‘órgão sexual masculino’. O contexto, entretanto, não torna claro outros semas constitutivos do conteúdo, fazendo-se necessário um levantamento mais cauteloso do sentido da lexia “madeira1”, dentro de algumas obras de referência, para, assim, se tentar abarcar outros traços da referida unidade:

114

[...] o mesmo que toda e qualquer lenha para fornos e fogões //

¹¹³ A lexia “madeira” também já foi utilizada por outros trovadores, com o sentido de “pênis”, como Afonso X, na cantiga -“*Joan Rodrigues foi osmar a Balteira / sa midida, per que colha sa madeira*”(L 11).

¹¹⁴ Embora o uso conotativo não se aplique à metodologia aqui proposta, faz-se necessária sua análise, pois, ao desvelar o sentido da referida unidade, se pode tentar entender as cantigas em seu espaço e tempo, não descartando, porém, suas variações interpretativas.

[...] madeira de construção (VITERBO, 1983)

[...] substância compacta, sólida, fibrosa que se diz lenhosa // Gir. Bras. Bengala, cacete, pau (MORAES, 1949-1959).

[...] substância compacta e sólida que compõe a raiz, o tronco e os ramos das árvores e dos arbustos [...] porrete, bengala, pau (AULETE, 1881).

[...] todo corpo líneo // paus e raboados para edificar (BLUTEAU, 1712).

Órgão sexual masculino (LAPA, 1970 - VCEM).

Observa-se que as acepções dicionarísticas, especialmente aquelas constantes do Moraes e do Aulete, trazem, de modo geral, a descrição da lexia “madeira” como ‘substância compacta e sólida’ relacionada a algumas unidades específicas, como “pau” e “cacete” o que foge ao estudo ora apresentado. Já o VCEM define a lexia “madeira”, explicitamente, como ‘pênis’, o que permite assegurar que o sentido da referida unidade registrada, nas cantigas, se refere ao ‘órgão sexual masculino’, haja vista ser Lapa o editor crítico das cantigas de escárnio e maldizer, além de ser uma referência indiscutível para compreensão do sentido dessas cantigas. No entanto, fez-se necessário, para melhor clareza de sentido, investigar o que trazem os dicionários, quanto aos sinônimos “pau” e “cacete”, apresentados para a lexia “madeira”. Após essa investigação e com a análise das acepções, pode-se observar que as acepções trazem detalhes da substância “madeira”, o que induz fazer inferências, quanto a algumas características da lexia ‘pênis’, que, como já vimos, faz parte do sistema genital masculino, podendo, assim, se conjecturar o traço ‘órgão de formato cilíndrico, que, dilatado, fica em estado de ereção’. Porém, mesmo não levando, diretamente, nas acepções, subsídios suficientes para se afirmarem os semas ‘órgão copulador’, ‘órgão excretor’ e ‘condutor dos gametas masculinos a parte genital feminina’, é fundamental incluí-los como parte constitutiva do significado da unidade “madeira2”.

Portanto, pode-se afirmar que os semas que fazem parte do conteúdo do signo “madeira1” são os traços:

S11 = ‘órgão sexual’;

S12 = ‘órgão sexual masculino’;

S13 = ‘órgão copulador’;

S14 = ‘órgão excretor’;

S15 = ‘condutor dos gametas masculinos à parte genital feminina’;

S16 = ‘órgão de formato cilíndrico, que, dilatado, fica em estado de ereção’.

FS = {S11 + S12 + S13 + S14 + S15 + S16}

4.2.5 Pissa¹¹⁵

A unidade léxica “pissa” possui uma origem um tanto controversa. Segundo Bluteau (1712), essa lexia é derivada do francês *piççer*. Já Machado (1967) registra a possibilidade de tratar-se de uma derivação regressiva da palavra “pissota”; “peissota”, com formação por via popular, com base na pronúncia de “pissota”, no século XIII.

A lexia “pissa” encontra-se registrada três vezes, em cantigas dos trovadores Joan Servando e Fernand’ Esquio. Essas produções fazem referência ao comportamento sexual de dois religiosos: um que se fazia passar por impotente, para não assumir os filhos que fazia, e outro que, realmente, parecia ser impotente, pois não conseguia satisfazer sexualmente sua amante Marinha. Percebe-se, então, que, por um lado, a incapacidade sexual e, por outro, a potência e vivacidade sexual de religiosos estão cruelmente expostas:

A un frade dizen escaralhado,/e faz creúd’ a quen lho vai dizer,/ca,
pois el sabe arreitar de foder,/cuid’eu que gaj’ é de **piss**’ arreitado;/e
pois emprenha estas com que jaz/e faze filhos e filha assaz,/ante lhe
digu’eu bem encaralhado [...]. (L 147, 4)

[...] Don Domingo, vossa vida/é com peã,/pois Marinha jaz transsida/e
sem cea,/per que vos aa sobida/cansou essa cordovea:/ficou-vo-la
pissa espida,/que já xe vos [non] enfea [...]. (L 227, v, 27, 42).

Não se tem dúvida de que o contexto apresenta lexias e expressões, como “*piss*’ arreitado”, “pissa espida” e “escarahado”¹¹⁶, que favorecem a percepção e apreensão dos semas específicos ‘órgão sexual’ do subcampo e ‘órgão sexual masculino’ do microcampo. Deduz-se, ainda, a inclusão de um sema que explicita a forma do órgão em questão. Julgou-

¹¹⁵As cantigas apresentam a lexia “pissa” e “pixa” como sinônimos de ‘pênis’. No entanto, optou-se por analisar apenas a unidade *pissa*, pois se encontra registrada três vezes nas produções, sendo, assim, mais recorrente que *pixa*, que aparece, apenas, uma vez. Segundo Machado (1967), as lexias “pissa” e “pixa” podem ser de formação popular, com base nas pronúncias de “pissota” e “pixota”, no século XIII.

¹¹⁶Arreitar, ‘excitar os apetites sexuais, causar ereção’ (VIEIRA 1871); (MORAES, 1949-1959), é definido por Lapa (1970 - VCEM) como ‘ter potência sexual’. Já “espida” é apresentada em Moraes como ‘nu, despido’, e “encaralhado”, em Lapa (1970, VCEM), como ‘provido de bom membro viril’.

se, assim, pertinente a inclusão do sema ‘órgão de formato cilíndrico, que, dilatado, fica em estado de ereção’.

Entretanto, achou-se necessário investigar, em algumas obras de referência, outros traços que pudessem aclarar o sentido da lexia “pissa”, que, contextualmente, se conjecturou definir por ‘pênis’. Assim, observou-se que as fontes de referência definem o signo “pissa” da seguinte forma:

[...] termo obscuro, membro dos meninos destinado para urinar (VIEIRA, 1871).

[...] chulo, o mesmo que pênis’ (MORAES, 1949-1959).

[...] membro dos meninos destinados para urinar (BLUTEAU, 1712)

[...] pênis, o mesmo que piça (AULETE, 1881)

Pênis [...] (LAPA, 1970 - VCEM)¹¹⁷

Os sentidos oferecidos pelos dicionários para a lexia “pissa” confirmam os semas específicos do subcampo e do microcampo apontados anteriormente. Verifica-se que a acepção, oferecida por Vieira e Bluteau (‘membro dos meninos destinado para urinar’), favorece a apreensão do sema ‘órgão excretor’. Além disso, observa-se, a partir das acepções expostas, que o signo “pissa” tem uma relação sinonímica com a lexia “pênis”. Portanto, pode-se assegurar que se trata, igualmente, dos mesmos traços sêmicos atribuídos à unidade léxica “caralho”, já tratado, anteriormente, nesse microcampo.

Dessa forma, concluímos que a unidade léxica “pissa” apresenta os seguintes traços constitutivos de conteúdo:

S11 = ‘órgão sexual’;

S12 = ‘órgão sexual masculino’;

S13 = ‘órgão copulador’;

S14 = ‘órgão excretor’;

S15 = ‘condutor dos gametas masculinos à parte genital feminina’;

S16 = ‘órgão de formato cilíndrico, que, dilatado, fica em estado de ereção’.

¹¹⁷ Lapa (1970), em seu VCEM, apresenta a lexia “pissa” na forma masculina “pisso”. Acredita-se ser apenas uma variação ortográfica.

FS = {S11 + S12 + S13 + S14 + S15 + S16}

4.2.6 Cono

A unidade léxica “cono” é oriunda, segundo Corominas e Pascual (1991), do latim *cōnus*, com registro em documento no ano de 1438. Porém, fica evidente, através da cantiga em análise, que essa suposta datação não condiz com o registro dessa lexia, pois esse signo se encontra documentado na produção poética de Joan Servando, trovador atuante no século XIII.

Na cantiga *Don Domingo Caorinha*¹¹⁸, o trovador faz alusão à impotência sexual do clérigo Don Domingo. O religioso não consegue manter relação sexual com sua “amiga”,¹¹⁹ porque seu membro viril parece estar em mau estado. Percebem-se, em toda cantiga, referências a expressões e unidades léxicas, como “grossa pixa”, “pissa”, “moa fodedes”, “colhões”, direcionando a interpretação basicamente à esfera sexual¹²⁰:

Don Domingo Caorinha/non à proe/de sobir en[a] Marinha/Caadoe;
/quand’ela jaze, sobinha,/ mal a roe/a grossa pixa misquinha,/que lhi
no seu **cono** moe [...]. (L 227, v. 8, 19).

Apesar de ser uma cantiga com grandes lacunas, são perceptíveis, a partir de sua leitura e análise, as sequências de imagens que fazem alusão ao que se pode chamar de erótico-sexual. O contexto sugere que a lexia “cono” está direcionada ao órgão sexual feminino. Assim, é perfeitamente pertinente a inclusão dos traços conjuntivos ‘órgão sexual’ do subcampo e ‘órgão sexual feminino’ do microcampo.

No entanto, achou-se prudente se fazer um estudo, em algumas obras de referências, sobre a léxica “cono”, com o objetivo de visionar outros traços sêmicos.

Assim se encontra definido o signo:

¹¹⁸ A cantiga encontra-se incompleta, apresentando grandes lacunas, o que dificulta uma maior abordagem. Ressalta-se que o tema se faz presente em muitas outras cantigas trovadorescas. Esse era um típico motivo para frequentes burlas no gênero satírico, pois a impossibilidade de demonstrar a virilidade em uma cultura extremamente masculina e guerreira era um feito altamente “traumático” para o homem da época.

¹¹⁹ Amiga- ‘concubina, amásia’ (MORAES, 1949-1959).

¹²⁰ Na cantiga, encontram-se registradas, em maior número, lexias que fazem referência aos órgãos sexuais masculinos.

[...] vulva, partes pudendas da mulher (AULETE, 1881).

Vagina (LAPA, 1970 – VCEM).

Vulva (MORAES (1949-1959).

[...] Vulva (VIEIRA, 1871).

Os verbetes, em especial a acepção de Aulete, confirmam a presença do conteúdo da unidade “cono” como parte do paradigma analisado, ratificando o elo entre a lexia definida e o subcampo ‘órgão sexual’ e o sema ‘órgão sexual feminino’. Entretanto, quanto às informações constantes nas obras de referência, salienta-se que há uma diferença de conceito, quanto à definição de “cono”, entre os dicionários e o VCEM de Lapa¹²¹. Diante de tal situação, tornou-se imprescindível a consulta a obras lexicográficas, para que se pudessem delinear outros traços constitutivos da lexia “cono”, bem como verificar, nos verbetes, o sentido oferecido para as lexias “vulva”¹²² e “vagina”¹²³. Observou-se que são partes do aparelho genital feminino que compõem o conjunto do órgão sexual interno (vagina) e externo da mulher (vulva). Portanto, ao se considerarem o contexto e a análise das acepções, delimitaram-se os semas disjuntivos ‘órgão genital composto por parte externa e interna’, ‘órgão que recebe o pênis no ato sexual’ e ‘canal de saída do feto no parto natural e saída do fluxo menstrual’.

Enfim, pode-se concluir que os semas que constituem o conteúdo da unidade “cono” são formados pelos traços:

S11 = ‘órgão sexual’;

S20 = ‘órgão sexual feminino’;

S21 = ‘órgão genital composto por parte externa e interna’;

S22 = ‘órgão que recebe o pênis no ato sexual’;

S23 = ‘canal de saída do feto e placenta, no parto natural, e do fluxo menstrual’.

FS = {S11 + S20 + S21 + S22 + S23}

¹²¹ Acredita-se que Lapa descreveu o termo “cono” visionando o conjunto das partes, tanto externa quanto interna do órgão sexual feminino.

¹²² Vulva – ‘parte externa do aparelho genital da mulher’ (CUNHA, 1986).

¹²³ Vagina – ‘(Anat.) canal entre o útero e a vulva’ (CUNHA, 1986).

4.2.7 Casa2

O substantivo feminino “casa2” é uma unidade léxica formada do latim *casa*, com datação no século XIII. Essa lexia encontra-se registrada seis vezes, em cantigas de Paai Gómez Charinho e Afonso López de Baian.

Quanto às cantigas, é pertinente dizer que nesta trata basicamente do tema referente ao comportamento sexual da abadessa do mosteiro de Arouca. Segundo Lapa (1970), trata-se de composições com sentido obsceno, porém velado, devido à ambiguidade de algumas lexias, como a lexia “casa”, pertencente às duas poesias e que se acredita apresentar-se nas cantigas para referenciar o órgão sexual feminino, assim como se julgou que a lexia “madeira2”, no contexto das cantigas, fazia alusão ao órgão sexual masculino. Como já se observou as composições são interligadas, pois a cantiga de Charinho (L 304) é ,basicamente, um comentário da cantiga (L 59) de Baian.

Assim, a partir do contexto, é pertinente afirmar que os traços ‘órgão sexual’ do subcampo e ‘órgão sexual feminino’ são semas conjuntivos constitutivos da unidade léxica “casa2”:

[...]. E quen mi a disse, sempr’ o serviria,/ca mi faria i mui gran prazer/de mi fazer madeira nova aver,/em que lavrass’ ùa peça do dia,/e pois ir logo a **casa** madeirar/e telha-la; e, pois que a telhar, /dormir em ela de noit’ e de dia. [...]. (L 59, v. 6, 12, 17).

[...] E Don Afonso pois á tal sabor/de fazer bõa **casa**, começar/a dev’[el] assi; e dê[s] i folgar/e jazer quand’ e quand’ u mester for;/descobri-la e cobri-la poderá/e revolvê-la, Ca todo sofrerá/a madeira, e seerá-lhi em melhor./E Don Afonso tod’ esto fará/que lh’eu conelho; se non, perder-s’á/esta **casa** per mao lavrador.

Julgou-se pertinente a análise da lexia “casa2”¹²⁴ na esfera sexual, porque o referido signo se encontra envolvido, contextualmente, por palavras que trazem em seus conteúdos contextuais traços semânticos que fazem referências ao ato sexual, como “cobrir”, “revolver”. No entanto, observa-se uma ambiguidade de leitura para a lexia “casa”, nas cantigas, o que leva possivelmente, a outras linhas de análise. Dessa forma, levantou-se a hipótese da existência de outra unidade léxica, que se denominaria de “casa1” e que se remeteria a outro

¹²⁴ Salienta-se que, mesmo não se objetivando a análise dos usos conotativos, é importante destacar que se fez necessária a análise do signo “casa2”, registrado nas duas cantigas satíricas em questão, porque, apesar de se poder relacionar a outro plano significativo, esse signo se encontra contextualizado no plano do campo da sexualidade de religiosos, apresentando traços mínimos de conteúdo da lexia.

paradigma, a saber, ao campo ‘construção destinada à habitação humana’, cujo paradigma não se faz representativo como objeto de análise do Trabalho ora apresentado.

O contexto, sem dúvida, oportuniza o alcance de várias informações a respeito do conteúdo da lexia “casa2”, como os apontados anteriormente. Entretanto, verificou-se a necessidade de consulta a algumas obras de referência, que apresentaram as seguintes acepções para o signo “casa”¹²⁵:

[...] morada, vivenda, residência [...] (CUNHA, 1986).

[...] edificio especialmente destinado a habitação; moradia, vivenda, residência [...] (MORAES, 1949-1959).

[...] edificio em que vive uma família com seus moveis [...] (BLUTEAU, 1712).

No que diz respeito aos dados apresentados pelas obras dicionarísticas, não se consideraram, individualmente, tais acepções em seu sentido literal, pois não favorecem a apreensão dos semas disjuntivos da unidade léxica “casa2”¹²⁶. Entretanto, as acepções foram analisadas em um sentido mais genérico. Percebe-se, nas entrelinhas, que se pode asseverar uma leitura da lexia “casa2” como um lugar que serve para guardar, proteger o que dentro dela se encontra. Pode-se, assim, pensar que essa seria uma das funções do órgão sexual feminino, ou seja, a de receber e acasalar o órgão sexual masculino, como se observa no fragmento da cantiga (L 304) “[...] E, quand’ el madeira adusser,/guarde-a bem e faça-a jazer/em logar que non chovia, ca torcer-/s’ - ia mui tost’ e non ar á mester; [...]”. Pensando-se dessa forma, é pertinente a inclusão do sema disjuntivo ‘órgão que recebe o pênis no ato sexual’. Porém, ao se conjecturar, no contexto, a lexia “casa1” como referente ao órgão sexual feminino, considerou-se imprescindível buscar, nos dicionários, informações que aclarassem esse conteúdo, para que, de fato, se pudessem demarcar os traços que o constituem. Após esse processo de análise, julgou-se apropriado incluir os traços disjuntivos da lexia “casa2” ‘órgão genital composto por parte externa e interna’ e ‘canal de saída do feto no parto natural e saída do fluxo menstrual’.

Por fim, ao se considerarem os contextos, assim como as obras de referência, pode-se afirmar que os semas que fazem parte do conteúdo do signo “casa2” se formam pelos traços:

¹²⁵ Destaca-se que Lapa (1970 - VCEM) não apresenta nenhuma definição para a lexia “casa”; apenas registra o signo seguindo por uma abonação.

¹²⁶ Observa-se, nas acepções oferecidas pelos dicionários, a predominância da informação do sentido ligado à lexia “casa1”, direcionada ao campo ‘construção destinada à habitação humana’.

S11 = ‘órgão sexual’;

S20 = ‘órgão sexual feminino’;

S21 = ‘órgão genital composto por parte externa e interna’;

S22 = ‘órgão que recebe o pênis no ato sexual’;

S23 = ‘canal de saída do feto e placenta, no parto natural, e do fluxo menstrual’.

FS = {S11 + S20 + S21 + S22 + S23}

4.2.8 Síntese do subcampo dos ‘órgãos sexuais’

As sete unidades “caralho”, “caralhote”, “colhão”, “madeira2”, “pissa”, “cono” e “casa2” constituem o subcampo dos ‘órgãos sexuais’.

Conclui-se que a análise sêmica desse subcampo demonstrou que os seus signos se compõem dos seguintes traços:

S11 = ‘órgão sexual’;

S12 = ‘órgão sexual masculino’;

S13 = ‘órgão copulador’;

S14 = ‘órgão excretor’;

S15 = ‘condutor dos gametas masculinos à parte genital feminina’;

S16 = ‘órgão de formato cilíndrico, que, dilatado, fica em estado de ereção’;

S17 = ‘de grande proporção’;

S18 = ‘gônada sexual masculina responsável pela produção de espermatozoide’;

S19 = ‘órgão de formato ovoide’;

S20 = ‘órgão sexual feminino’;

S21 = ‘órgão genital composto por parte externa e interna’;

S22 = ‘órgão que recebe o pênis no ato sexual’;

S23 = ‘canal de saída do feto e placenta no parto natural e saída do fluxo menstrual’.

| | S11 | S12 | S13 | S14 | S15 | S16 | S17 | S18 | S19 | S20 | S21 | S22 | S23 |
|-----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Caralho | + | + | + | + | + | + | - | - | - | - | - | - | - |
| Caralhote | + | + | + | + | + | + | + | - | - | - | - | - | - |
| Colhão | + | + | - | - | - | - | - | + | + | - | - | - | - |
| Madeira2 | + | + | + | + | + | + | - | - | - | - | - | - | - |
| Pissa | + | + | + | + | + | + | - | - | - | - | - | - | - |
| Cono | + | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | + | + |
| Casa2 | + | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | + | + |

Quadro 3: Análise do subcampo dos ‘órgãos sexuais’.

4.3 SUBCAMPO DO ‘ATO SEXUAL’

“Ambrar”, “cavalgar2”, “cobrir”, “foder”, “madeirar2” são lexias cujos conteúdos se unem pela presença do sema conjuntivo ‘ato sexual’ do subcampo, pertencendo, portanto, ao campo lexical da sexualidade de religiosos.

4.3.1 Ambrar

“Ambrar” é um signo oriundo do francês *ambler*. É registrado, no *corpus*, apenas uma vez, na cantiga *Abadessa, oi dizer* (L 37), do trovador Afonso Eanes do Coton, cuja atividade poética é datada em meados do século XIII. Nessa cantiga, o poeta apresenta-se como recém-casado e apela para a experiência de uma abadessa na arte do amor, pois ela parece ser especialista na arte sexual. O trovador conclui, dizendo que a abadessa ganharia o reino de Deus, se ela ensinasse às pobres mulheres mais do que a arte de jejuar: a de fornicar:

[...] E per i podedes gaar,/mia senhor, o reino de Deus:/per ensinar os pobres seus/mais ca por outro jajũar,/e per ensinar a molher/coitada, que a vós veer,/senhor, que no souber **ambrar**. (L 37, 28).

A referida unidade está projetada em um cenário que, segundo Lapa (1970), é uma ‘mistura do sagrado e do profano’, induzindo-se a pensar e conjecturar que a cantiga faz referência à sexualidade de religiosos, pertencendo, assim, ao campo da sexualidade. Porém, nesse caso, apenas, o contexto não é suficiente para que se possam depreender, com maior segurança, os traços sêmicos da lexia.

Como se sabe, para que se possam tentar delimitar, de forma mais precisa, os traços que compõem o conteúdo sêmico de determinada lexia, é necessário, muitas vezes, além do contexto, que se recorra a outras fontes de referência, como dicionários e vocabulários. Assim se procedeu à consulta a algumas obras de referência:

[...] movimentar as ancas [...]; saracotear-se (MORAES, 1949-1959).

[...] movimentar as ancas (AULETE, 1881).

Dar às ancas; saracotear-se; fornicar (LAPA, 1970 - VCEM).

Assim, a partir do contexto em que é inserida a lexia “ambrar”, em consonância com as acepções dos dicionários, pôde-se depreender o traço conjuntivo ‘ato sexual’ do subcampo. Além do mais, os verbetes fornecidos por Moraes, Aulete e Lapa auxiliam na identificação do sema opositivo ‘remexer o quadril’. Percebe-se que Moraes e Aulete delimitam o sentido da unidade léxica ao modo de movimentar partes do corpo, durante o ato sexual. Por sua vez, Lapa faz uma relação mais precisa do sentido da lexia “ambrar”, quando acrescenta ao lema o sentido de “fornicar”, cujo significado é, por sua vez, contextualizado na cantiga em análise. Além do mais, Lapa difere o sentido de ‘movimentar as ancas’, de ‘dar às ancas’, que, segundo Moraes (1949), significa ‘deixar-se montar’, o que, de certo modo, confirma o sentido de sema conjuntivo do subcampo.

Conclui-se que o significado da lexia “ambrar” se compõe dos traços:

S24 = ‘ato sexual’;

S25 = ‘praticar sexo, remexendo freneticamente o quadril’.

FS = {S24 + S25}

4.3.2 Cavalgar2

“Cavalgar2” é um signo com origem no latim falado *cabällicāre* e datado do século XIII – (CUNHA, 1986). Tal lexia encontra-se registrada apenas uma vez, na cantiga *Ûa*

donzela jaz [preto d] aqui (L 229), do trovador Martin Soárez¹²⁷. O trovador parece deixar transparecer que, inicialmente, a donzela teria, inocentemente, servido a uma dona que poderia tê-la molestado, o que, na verdade, não se pode dar como certo. Contudo, percebe-se que toda cantiga transcorre a partir da queixa de uma donzela que se sentiu traída por um clérigo, pois, depois de desvirginá-la, não mais a quis:¹²⁸

Ûa donzela jaz [preto d] aqui,/que foi agan'ũa dona servir/e non lhe soube da terra sair:/e a dona **cavalgou** e colheu [i]/Don Caralhote nas mãos; e ten,/pois lo á preso, ca está mui ben,/e non quer d'el[e] as mãos abrir. [...]. (L 299, v. 4).

Percebe-se que, no fragmento em que está inserida a unidade léxica “cavalgar2”, não é claro o sentido do signo. Porém, na análise contextual, se verifica que a referida unidade participa de um cenário exclusivamente sexual, onde está em jogo a honra de uma jovem abandonada por seu amante, que, ironicamente, é denominado por D. Caralhote. Assim, diante das evidências contextuais, julgou-se pertinente afirmar que a lexia “cavalgar” compartilha do traço conjuntivo ‘ato sexual’ do subcampo. Após a apreensão dos referidos semas, procurou-se investigar, em algumas obras de referência, como a unidade léxica “cavalgar” se encontrava definida, com o intuito de se poder tentar encontrar outros traços desse signo. Foram encontradas as seguintes definições:

[...] estar colocado na mesma posição em que se fica montado a cavalo (VIEIRA, 1871).

[...] sentar-se escarranchado; passar por cima de [...] (AULETE, 1881).

[...] montar sobre; subir; cobri-la (MORAES 1949-1959).

Observa-se que, no conjunto das acepções dicionarísticas apresentadas, se confirmam, de forma indireta, os semas anteriormente levantados, e, em especial, a definição oferecida por Moraes ‘montar sobre; subir; cobri-la’. Além do mais, percebe-se que as

¹²⁷ O signo “cavalgar” encontra-se registrado na referida cantiga, dando possibilidades de distintas leituras, devido à ambiguidade interpretativa à qual os textos de modo geral estão expostos. Diante de tal situação, julgou-se pertinente a existência das unidades “cavalgar2” e “cavalgar1”. Desse modo, a partir da situação aludida e com as análises das acepções, pode-se inferir que o conteúdo da unidade “cavalgar2” apresentada na cantiga se inclui na esfera sexual, atrelando-se ao subcampo do ‘ato sexual’. No entanto, o contexto possibilita também outra leitura para a lexia “cavalgar”, que a denominaremos de “cavalgar1”, cujo sentido faz parte de outro paradigma léxico ‘montar sobre um animal’, que, no momento, não se faz representativo, neste Estudo.

¹²⁸ A cantiga (L 299) já foi comentada anteriormente, quando apresentamos a lexia “caralhote”, no subcampo dos ‘órgãos sexuais’.

definições do lema, de modo geral, auxiliam na apreensão do traço sêmico disjuntivo ‘colocar-se por cima com as pernas abertas’.

Pode-se afirmar que o conteúdo sêmico constitutivo da lexia “*cavalgar2*” é composto pelos traços:

S24 = ‘ato sexual’;

S26 = ‘colocar-se por cima com as pernas abertas’.

FS = {S24 + S26}

4.3.3 Cobrir

Segundo Cunha (1986), a unidade léxica “cobrir” é oriunda do latim *coopĕrĭre* e datada do século XIII. Esse signo aparece, no *corpus* do Trabalho, três vezes, em produções poéticas dos trovadores Afonso (D) López de Baian e Paai Gómez Charinho, ativos na segunda metade do século XIII, cujos fragmentos podem ser observados a seguir:

[...] E Don Afonso pois á tal sabor/de fazer bõa casa, começar/a dev’[el] assi; e dê s i folgar/e jazer quand’ e quand’, u mester for;/descobri-la e **cobri-la** poderá/e revolvê-la, ca todo sofrerá/a madeira, e seerá-lhi em melhor. [...]. (L 304, v. 5, 26).

[...] E, meus amigos, par Santa Maria,/se madeira nova podess’ aver,/logu’ esta casa iria fazer/e **cobri-la**, e descobri-la-ia/e revolve-la, se fosse mester,/e se mi a mi a abadessa der/madeira nova, esto lhi faria. (L 59, v. 18).

Percebe-se que o contexto viabiliza a compreensão do cenário sexual ao qual a cantiga se refere. Trata-se de uma poesia a ser cantada diante de um grande público, em sua maioria, reis e grandes senhores. Talvez por isso, seu sentido seja um pouco obscuro, dando margem a várias interpretações, já que o equívoco é um recurso retórico utilizado pelos trovadores, na grande maioria de suas produções. Porém, não se tem dúvida de que se está diante de um contexto voltado para a esfera sexual, cujo alvo são os religiosos, pois o comportamento sexual da abadessa é expressamente chufado nas produções. Além do mais, é perfeitamente observável o jogo semântico entre as lexias “cobri-la”, “descobri-la”, “revolve-la”, que sugerem o próprio movimento da relação sexual. Por isso, torna-se pertinente a

inclusão do sema conjuntivo ‘ato sexual’ do subcampo como parte constitutiva do conteúdo da lexia “cobrir”. No entanto, sabe-se que o conteúdo do signo “cobrir” não se resume exclusivamente a tal sema. Por isso, procurou-se pesquisar, em algumas obras de referência, os sentidos para a referida lexia, para que se pudesse tentar obter um conhecimento global do seu quadro sêmico.

Nas obras pesquisadas, a lexia “cobrir” aparece como:

[...] cobrir alguma coisa com outra; [...] fazer geração, [...] (BLUTEAU, 1712).

[...] ocultar sobre; estendendo-se sobre [...] (VIEIRA, 1871).

[...] envolver; fecundar; ter cópula (AULETE, 1881).

[...] ocultar ou resguardar estando ou pondo-se em cima; envolver; fecundar; ter cópula com (MORAES, 1949-1959).

[...] pôr por cima do corpo (LAPA, 1970 - VCEM).

Apoiando-se nas definições da lexia “cobrir” fornecidas por Lapa (1970) ‘pôr por cima do corpo’, por Bluteau (1712), ‘cobrir alguma coisa por outra’, Vieira (1871), ‘estendendo-se sobre’ e por Moraes (1949-1959), ‘pondo-se em cima’, pode-se julgar pertinente a inclusão do sema disjuntivo ‘colocar-se por cima da fêmea’.

Por fim, assinala-se que o conteúdo sêmico da unidade “cobrir” se forma pelos traços:

S24 = ‘ato sexual’;

S27 = ‘colocar-se por cima da fêmea’.

FS = {S24 + S27}.

4.3.4 Foder

A lexia “foder”, de origem latina - *fūtēre* - e datada do século XIII (CUNHA, 1986), encontra-se registrada dezesseis vezes, em cantigas de Afonso (Rei D) de Castela e de Leão, Afonso Eanes do Coton, Afonso Gómez Jograr de Sarria e Fernand’ Esquio. Observa-se que essa lexia, além de se apresentar em maior quantidade, é também a que abarca um maior

número de cantigas de diferentes trovadores, o que demonstra ser um signo bastante utilizado nas produções poéticas dos trovadores galego-portugueses.

Quanto ao contexto, salienta-se que todas as cantigas dos trovadores citados fazem alusão, de alguma forma, direta ou indiretamente, ao comportamento sexual de religiosos,¹²⁹ como, por exemplo, a cantiga (L 23) do rei trovador Afonso X que ataca o deão de Cáliz, a propósito de seu gosto por livros eróticos, aliado às praticas de feitiçaria. Na verdade, trata-se de livros que, segundo o autor, vão instruir o religioso na “arte de foder”¹³⁰. Outra cantiga interessante é a (L 55), onde o trovador Afonso Gómez J. de Serria chufa, de maneira aparentemente divertida, o clérigo-trovador Martin Moxa que fazia uso de porções de ervas “mágicas”, que Lapa (1970) chama de “elixir da longa vida”, para obter longevidade,¹³¹ colocando-se, assim, em evidência a vida de fornicador do religioso.¹³²

No que se refere ao sentido da lexia “foder”, pode-se verificar que os usos contextuais oportunizam a obtenção de informações a respeito do seu conteúdo, como afirmam os textos seguintes.

Ao daian de Cález eu achei/livros que lhe levavan d’alouer;/e o que os tragia preguntei/por eles, e respondeu-m’ el: - Senher,/con estes livros que vós veedes dous/e conos outros que el ten dos sous,/fod’ el per eles quando **foder** quer. [...]. (L 23, v. 7, 14, 15, 19, 21, 25, 27, 33; L 37, v. 7, 10, 12, 17, 19; L 147, v. 3, 19).

Martin Moxa, a mia alma se perca/pólo **foder**, se vós pecado avedes,/nen por bõos filhos que fazedes;/mais avedes pecado póla erva/que comestes, que vos faz viver/tan gran tempo, que podeis saber/mui ben quando nasceu Adan e Eva. [...]. (L 55, v. 2).

Verifica-se que a lexia “foder”, nos fragmentos das cantigas de escárnio e maldizer apresentadas, não deixa dúvida, quanto ao seu sentido. Consta-se, a partir do contexto, o elo semântico entre o signo “foder” e o subcampo em que a lexia está inserida. Nessa perspectiva,

¹²⁹ Salienta-se que as cantigas (L 37) do trovador Afonso Eanes do Coton e a (L 147) do trovador Fernand’ Esquio foram, em outro momento, comentadas neste Trabalho.

¹³⁰ Lapa afirma que se trata de uma cantiga “obsceníssima”, que visava ao deão de Cádiz, que exercia sua arte de fazer amor pelos livros, livros de magia, que colocava em seu poder as mulheres que desejava (LAPA, 1970, p. 42).

¹³¹ Segundo Maleval (1995, p. 15), nessa cantiga, “se procede a minimização do pecado do ‘foder’ e do ‘fazer filhos’, de que acusam Martin Moxa, [...] pelo confronto com um seu ‘pecado’ maior: o de comer da ‘erva’ milagrosa da longa vida”.

¹³² Observa-se que nada mais poderia ser tão interessante para o trovador que utilizar temas como sexualidade, bruxaria e pecado, para tentar escarnecer as contradições dogmáticas estabelecidas pela Igreja e desrespeitadas pelos seus próprios membros. Como sabemos, essas temáticas andavam paralelas, na mentalidade do homem medieval.

acredita-se que seja pertinente a inclusão do traço sêmico conjuntivo ‘ato sexual’ do subcampo como parte constitutiva da unidade léxica “foder”.

Embora o contexto dê indícios para, possivelmente, se depreenderem outros traços constitutivos do signo, julgou-se necessário consultar algumas obras de referência, para que, assim, se pudessem aferir, com maior segurança, outros traços sêmicos para a unidade léxica:

[...] ter relações carnavais (MORAES, 1949-1959).

[...] termo obsceno e popular, ter ajuntamento carnal com uma mulher (VIEIRA, 1871).

[...] copular, ter ajuntamento carnal com. [...] (AULETE, 1881).

Observou-se que os verbetes apresentados se mostram, de modo geral, simétricos, quanto ao sentido para a lexia “foder”. Observa-se, na definição de Aulete, o uso do signo “copular” como sinônimo para a referida unidade. Assim, a partir da análise das acepções, conjuntamente ao seu contexto, se pôde conjecturar para a unidade léxica o traço sêmico ‘praticar o coito’.

Ao que parece, a lexia “foder” funciona como arquilexema do subcampo ‘ato sexual’, pois sua unidade semântica equivale ao conteúdo unitário de todo o subcampo.

Pode-se concluir que o conteúdo sêmico constitutivo da lexia “foder” é composto pelos traços:

S24 = ‘ato sexual’.

FS = {S24 +/- S25 +/- S26 +/- S27}

4.3.5 Madeirar2

A lexia “madeirar” (madeira + -ar), do latim *materiare*, tem origem no substantivo feminino “madeira”, que, por sua vez, é oriundo do latim *materiā* (CUNHA, 1986). Essa lexia encontra-se registrada, apenas, uma vez, na cantiga (L 59) de um trovador português, da segunda metade do século XIII, Afonso (D) López de Baian. Trata-se de uma cantiga dirigida a uma abadessa do Mosteiro de Arouca, que, segundo alguns investigadores, como Lapa

(1970), é de caráter obsceno, porém, com sentido velado e de difícil interpretação, devido à ambiguidade de algumas lexias.¹³³ No entanto, o uso contextual da lexia “madeirar2” favorece a obtenção de informações a respeito do seu conteúdo sêmico:

[...] E quen mi a disse, sempr’ o serviria,/ca mi faria i mui gran prazer/de mi fazer madeira nova aver,/em que lavrass’ ãa peça do dia,/e pois ir logo a casa **madeirar**/e telha-la; e, pois que a telhar,/dormir em ela de noit’ e de dia. [...]. (L 59, v. 12).

Observa-se que o referido signo é registrado em um contexto que permite conjecturar que o seu conteúdo faça parte do campo da ‘sexualidade de religiosos’. Além do mais, a lexia “madeirar2” surge acompanhada de outras lexias pertencentes a tal paradigma, como as unidades “madeira” e “casa”, que fazem parte do subcampo ‘órgãos sexuais’, já analisados semanticamente, em outro momento deste Trabalho. O próprio contexto da cantiga, através da ambiguidade interpretativa apresentada por alguns signos, sugere um sentido erótico-sexual. As lexias “telhá-la”, “revolvê-la”, “descobri-la”, dentre outras, levam a se pensar no imaginário sexual, marcado, de certa forma, pelas ações que condizem com os movimentos de uma relação sexual. Portanto, a partir do contexto, se pode cogitar que o traço conjuntivo ‘ato sexual’ do subcampo faça parte do conteúdo da unidade léxica “madeirar2”.

O contexto é, sem dúvida, muito importante para se compreender o sentido empregado para o signo “madeirar2”. Porém, faz-se prudente que se recorra a outras fontes de informação, como a obras de referência, para que, dessa forma, se possam detectar, com maior exatidão, outros traços sêmicos constitutivos dessa unidade. Assim, procedeu-se ao estudo em fontes dicionarísticas e no VCEM, que definem a referida lexia como:

[...] pôr a armação de madeira, acima dos frechoes; assentar toda a madeira, barrotar, vigar, cobrir (VIEIRA, 1871).

[...] pôr a armação de madeira em: cobrir com madeira (AULETE, 1881).

[...] pôr a armação de madeira que vai para cima das frechas (BLUTEAU, 1712).

[...] ter relações sexuais (LAPA, 1970 - VCEM).

¹³³ Alguns estudiosos da lírica trovadoresca galego-portuguesa, entre os quais Vasconcelos (1990, p. 402), confessaram-se incapazes de descobrir as ironias e gracejos que a cantiga esconde. Graça Videira Lopes enfatiza que ela possui sentido obscuro, porém acredita que o trovador zomba do ambiente, a seu ver, devasso, pelo qual a abadessa seria responsável.

Observa-se que as acepções fornecidas por Vieira, Aulete e Bluteau são, basicamente, iguais e auxiliam, mais claramente, na depreensão de traços sêmicos que corroboram a construção de outro paradigma para a lexia “madeirar”, que, no caso, será designada “madeirar2”. No entanto, verifica-se que essas mesmas definições apresentam, em seu contexto, a lexia “cobrir” (cujo sentido pode estar relacionado a ‘sobrepor algo’) como sinônimo de “madeirar”. Dessa forma, torna-se possível, mesmo que veladamente, considerar a lexia “madeirar2” como pertencente à esfera sexual. Além do mais, mesmo que indiretamente, as acepções em sua totalidade, juntamente com o contexto, permitem que se depreenda o traço sêmico disjuntivo ‘colocar-se por cima da fêmea’.

Portanto, conclui-se que o conteúdo sêmico constitutivo da lexia “madeirar2” compreende os seguintes traços:

S24 = ‘ato sexual’;

S27 = ‘colocar-se por cima da fêmea’.

FS = {S24 + S27}.

4.3.6 Síntese do subcampo ‘ato sexual’

As unidades “ambrar”, “cavalgar”, “cobrir”, “foder” e “madeirar2” encontram-se em relação de conjunção, pois compartilham do sema ‘ato sexual’ do subcampo e, se acham em relação de disjunção, pelos semas “remexer o quadril”, “colocar-se por cima com as pernas abertas” e ‘colocar-se por cima da fêmea’. Destaca-se aí a lexia “foder” que funciona como arquilexema do subcampo ‘ato sexual’.

A análise sêmica do subcampo ‘ato sexual’ é constituída pelos traços:

S24 = ‘ato sexual’;

S25 = ‘praticar sexo, remexendo freneticamente o quadril’;

S26 = ‘sentar-se por cima com as pernas abertas’;

S27 = ‘colocar-se por cima da fêmea’.

| | S24 | S25 | S26 | S27 |
|-----------------------|-----|-----|-----|-----|
| Ambrar | + | + | + | - |
| Cavalgar ² | + | + | - | + |
| Cobrir | + | + | - | - |
| Foder | + | +/- | +/- | +/- |
| Madeirar ² | + | + | - | + |

Quadro 4: Análise do subcampo ‘ato sexual’.

4.4 SUBCAMPO ‘AÇÃO RELACIONADA À PROCRIAÇÃO

Os verbos “emprenhar” e “parir” formam um subcampo, pois compartilham o sema conjuntivo ‘ação relacionada à procriação’.

4.4.1 Emprenhar

“Emprenhar” é uma unidade léxica oriunda do latim *ĭmpregnāre*, com registro no século XIII (CUNHA, 1986). Essa lexia é documentada no *corpus*, encontrando-se cinco vezes, em cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores Fernand’ Esquio e Conde D. Pedro. Nessas produções, os trovadores tratam, de forma explícita, do comportamento sexual de religiosas. Na cantiga L 327, o trovador faz referência à relação íntima que há entre uma religiosa e um homem, representados metaforicamente por seres animais extremamente díspares entre si, “Camela” e “Bodalho”¹³⁴. Já na cantiga L 147 se observa que o principal alvo de chufas é um frade. O trovador critica, abertamente, o comportamento desmedido desse servo de Deus, que se apoia em uma falsa fama de impotente, para não assumir os filhos que fez em tantas mulheres. Percebe-se que são cantigas que trazem registros lexicais que levam a se pensar no campo da esfera sexual, como, por exemplo, a lexia “emprenhar”, que ora analisa:

¹³⁴ É uma cantiga curiosa, na qual se destacam, dentro do aparente divertimento satírico, alusões ao envolvimento carnal de uma freira com um tabelião, procurando mostrar, também, as emblemáticas diferenças sociais, traçadas, muitas vezes, através do preconceito: etário, econômico, político, religioso e, principalmente, da disparidade, no que tange à sexualidade, e, de maneira especial, ao comportamento sexual no meio eclesiástico.

A un frade dizen escaralhado,/e faz creúd' a quen lho vai dizer,/ca, pois el sabe arreitar de foder,/cuid'eu que gaj' é de piss' arreitado;/e pois **emprenha** estas con que jaz/e faze filhos e filha assaz,/ante lhe digu' eu bem encaralhado. (L 147, v. 5, 12, 18; 327, v. 7, 23).

A partir do contexto, pode-se perceber que a unidade “emprenhar” participa ativamente da esfera do campo da sexualidade de religiosos e, conseqüentemente, do arquissemema ‘ação relacionada à procriação’ do subcampo. No entanto, a partir apenas do contexto, não se podem extrair todos os traços da unidade. Por isso, procurou-se ampliar essa análise, através de consultas a algumas obras de referência, que apresentaram as seguintes acepções para o verbo “emprenhar”:

[...] fazer prenhe, emprenhar uma mulher, conceber (BLUTEAU, 1712).

Tornar-se prenhe, [...] (MORAES, 1949-1959).

[...] fazer com que fique prenhe [...] fazer conceber (VIEIRA, 1871).

[...] conceber (AULETE, 1881).

Verificou-se que as acepções concebem, de modo geral, o sentido para a unidade “emprenhar” através do adjetivo “prenhe”, que, segundo Bluteau (1712) e Lapa (1970 – VCEM), define o estado da ‘fêmea que traz criatura no ventre’ – ‘mulher que está grávida’. Percebe-se, também, nas definições do Bluteau, Vieira e Aulete, o uso da lexia “conceber” como sinônimo da referida unidade. No geral, observa-se que os sentidos oferecidos pelas obras de referência são basicamente iguais, o que dificulta na apreensão do traço disjuntivo da unidade léxica. Assim, tornou-se necessário um estudo das acepções relacionadas aos sinônimos oferecidos para o signo “emprenhar”. Após tal estudo, pode-se deduzir a ligação da referida unidade léxica com o traço sêmico disjuntivo ‘fecundar a mulher ou a fêmea’. Em síntese, a lexia “emprenhar” apresenta os seguintes traços:

S28 = ‘ação relacionada à procriação’;

S29 = ‘fecundar a mulher ou a fêmea’.

FS = {S28 + S29}

4.4.2 Parir

O signo “parir” possui origem latina (*parĕre*) e é datado no século XIII (CUNHA, 1986), tendo sido registrado, no *corpus* do Trabalho, apenas duas vezes. Salienta-se que as composições em que está registrada a lexia são as mesmas produções poéticas dos trovadores Fernand’ Esquio e Conde D. Pedro abordadas anteriormente, nesse subcampo:

[...] ao que tantas molheres de leite / ten, ca lhe **pariron** três em um dia, / e outras muitas prenhas que ten; / e Atal frade cuid’ eu que mui ben / encaralhado per esto seria. [...]. (L 147, v. 11).

Natura das animalhas / que son d’ũa semelhança / é de fazerem crianças, / mais dêz que son fodimalhas. / Vej’ora estranho talho / qual nunca cuidei que visse:/que empenhass’ e **parisse** / a camela do bodalho. [...]. (L 327, v. 7).

Inicialmente, observa-se que o contexto deixa clara a relação da unidade léxica com o campo da esfera sexual. Além disso, o signo “parir” encontra-se próximo de palavras e expressões como “molheres de leite”, “prenhas”, que condicionam se pensar na delimitação do sema conjuntivo do subcampo ‘ação relacionada à procriação’.

Entretanto, apesar de o contexto ser um grande aliado para a compreensão e a delimitação de alguns traços sêmicos, deve-se admitir que não é suficiente para que se depreendam todos os traços dessa unidade léxica. Assim, considerou-se imprescindível buscar, nos dicionários, subsídios que aclarassem o conteúdo do verbo “parir”, que se encontra, nas obras de referência, definido da seguinte forma:

Dar à luz, expelir do útero [...] (MORAES, 1949-1959)

Dar à luz, gerar, [...] (VIEIRA, 1871).

Dar à luz ou expelir do útero [...] (AULETE, 1881)

Dar à luz o feto (BLUTEAU, 1712).

Destaca-se, nas acepções das obras lexicográficas, a expressão ‘dar à luz’, que atua como sinônimo da unidade “parir”. No entanto, percebe-se que essa definição para o verbo “parir” se apresenta um pouco vaga e pode, muitas vezes, não satisfazer a expectativa do leitor, que procura uma definição para a lexia de forma clara e menos ambígua. Outra definição, também, apresentada por Moraes e Aulete é ‘expelir do útero’, que também é apresentada insatisfatoriamente, pois não deixa claro o que, em realidade, pode ser expelido do útero. Todavia, pode-se observar, de certa forma, na definição de Bluteau (‘dar à luz o feto’), uma maior coerência semântica, quanto ao sentido da lexia “parir”.

Assim, tomando por base o contexto em que é inserida a unidade léxica e a partir do estudo das acepções apresentadas juntamente com suas expressões sinonímicas, julgou-se pertinente delimitar para a unidade léxica “parir” o traço disjuntivo ‘trazer ao mundo um bebê’.

Constata-se, portanto, que o conteúdo do signo “parir” se organiza pelos traços:

S28 = ‘ação relacionada à procriação’;

S30 = ‘trazer ao mundo um bebê’.

FS = {S28 + S30}

4.4.3 Síntese do subcampo ‘ação relacionada à procriação’

As duas unidades “emprenhar” e “parir” encontram-se em relação de conjunção, pois compartilham igualmente o sema do campo relativo ao subcampo ‘ação relacionada à procriação’ e, em relação de disjunção, pelos semas ‘fecundar a mulher ou a fêmea’ e ‘trazer ao mundo um bebê’.

Em resumo, a análise sêmica do subcampo ‘ação relacionada à procriação’ revelou os seguintes traços:

S28 = ‘ação relacionada à procriação’;

S29 = ‘fecundar a mulher ou a fêmea’;

S30 = ‘trazer ao mundo um bebê’.

| | S28 | S29 | S30 |
|-----------|-----|-----|-----|
| Emprenhar | + | + | - |
| Parir | + | - | + |

Quadro 5: Análise sêmica do subcampo ‘ação relacionada à procriação’

4.5 SUBCAMPO ‘ARTIFÍCIO PARA EXCITAR E SATISFAZER O DESEJO SEXUAL’

O subcampo ‘artifício para estimulação do prazer sexual’ pertence ao campo da ‘sexualidade de religiosos’ e é constituído pelos conteúdos das expressões “caralhos franceses”, “caralhos de mesa”, “caralhos asnaes” e pela lexia “dedo”.

4.5.1 Caralhos franceses/Caralhos de mesa/Caralhos asnaes ¹³⁵

As expressões “caralhos franceses”, “caralhos de mesa” e “caralhos asnaes” apresentam-se no *corpus* desse Trabalho, apenas, uma vez, na cantiga *A vós, Dona abadessa* (L 148) do trovador Fernand’ Esquio. Nessa cantiga, o poeta presenteia uma abadessa, que ele qualifica, ironicamente, de “amiga”, com pares de “caralhos franceses”, de *mesa* e *asnaes*, dizendo que ela os merecia, pois faria bom uso dos mesmos:

A vós, Dona abadesa,/de mim, Don Fernand’ Esquio,/estas doas vos envio,/por que sei que sodes essa/dona que as merecedes:/quatro **caralhos franceses**,/e dous aa prioressa. (L 148, v. 6).

Pois sodes amiga minha,/non quer’a custar catar,/quero-vos já esto dar,/ca non tenho al tan aginha;/quatro **caralhos de mesa**,/que me deu ãa burguesa,/dous e dou sena bainha. (L 148, v. 12).

¹³⁵ A título de informação, salienta-se que as expressões foram assim organizadas, por se encontrarem na mesma cantiga e para evitar repetições desnecessárias de comentários sobre a cantiga analisada. Acredita-se que tal disposição facilitará a compreensão das análises sêmicas.

Mui ben vos semelharon,/ca se quer levan cordões/de senhos pares de colhões;/agoara vo-los daran:/quatro **caralhos asnaes**,/êmanguado em coraes,/com que colhardes o pan. (L 148, v. 19).

Todo o contexto da cantiga possibilita a compreensão de traços que marcam, de forma concisa e clara, as referidas expressões, dentro de um cenário exclusivamente sexual, oportunizando, dessa forma, a apreensão do traço sêmico conjuntivo ‘artifício para excitar e satisfazer o prazer sexual’ do subcampo.

Ressalta-se que não foi encontrado nenhum registro das expressões em análise nas obras de referência utilizadas para a construção desse Trabalho. No entanto, as expressões são formadas por lexias que possibilitam suas análises, individualmente. Visando-se a obter informações que auxiliem a construção do sentido das referidas expressões, procedeu-se ao estudo e, a partir das análises e em conjunto com o contexto, pôde-se apreender os traços sêmicos disjuntivos ‘consolador de origem francesa’, ‘consolador que serve de ornamento de penteadeira’ e ‘consolador de grande proporção’. Lapa (1970) traz, na rubrica da cantiga analisada, uma informação que corrobora os traços sêmicos apreendidos anteriormente, quando assegura que a cantiga “gira em torno de uma peça em uso na Idade Média, de origem francesa, o ‘consolador’.

Assim se encontram organizados, entre as expressões, os seguintes traços sêmicos:

a) *Caralhos franceses*

S31 = ‘artifício para excitar e satisfazer o prazer sexual’;

S32 = ‘pênis artificial de origem francesa’.

b) *Caralhos de mesa*

S31 = ‘artifício para excitar e satisfazer o prazer sexual’;

S33 = ‘pênis artificial que serve de ornamento’.

c) *Caralhos asnaes*

S31 = ‘artifício para excitar e satisfazer o prazer sexual’;

S34 = ‘pênis artificial de grande proporção’.

Por fim, pode-se afirmar que os semas que fazem parte do conteúdo das expressões “caralhos franceses”, “caralhos de mesa” e “caralhos asnaes” se formam pelos traços:

S31 = ‘artifício para excitar e satisfazer o prazer sexual’;

S32 = ‘pênis artificial de origem francesa’;

S33 = ‘pênis artificial que serve de ornamento’;

S34 = ‘pênis artificial de grande proporção’.

Caralhos franceses

FS = {S31 + S32}

Caralhos de mesa

FS = {S31 + S33}

Caralhos asnaes

FS = {S31 + S34}

4.5.2 Dedo

A unidade léxica “dedo” é oriunda do latim *digitus*, datada de 1844 (CUNHA, 1986). A lexia apresenta-se uma única vez no *corpus* do Trabalho, registrada na cantiga *Don Domingo Caorinha*, do trovador Joan Servando. O escárnio é dirigido ao clérigo Don Domingo Coroinha, a cuja impotência sexual o trovador faz alusão e que, por isso, não consegue manter relação sexual.

[...] Don Domingo, a Deus loado,/daqui atró em Toledo/non á clérigo prelado/que non tenha o degredo/[...] e vós, Marinha, co **dedo**/avade-lo con’ usado,/que non pode teer medo. [...]. (L 227, v. 18).

No contexto, é imaginável o cenário sexual no qual o clérigo Don Domingo se encontra envolvido, o que confirma a inclusão da lexia em análise como pertencente ao

“campo da sexualidade de religiosos”. Além do mais, o contexto dá subsídios para que se depreenda o traço conjuntivo ‘artifício para excitar e satisfazer o prazer sexual’ do subcampo. Entretanto, percebe-se que a referência contextual é limitada, o que impede, de certa forma, que se depreendam outros traços sêmicos constitutivos da unidade. Procurou-se, então, analisar, em obras de referência, algumas acepções concernentes ao signo “dedo”, para que, assim, se pudessem depreender outros traços sêmicos:

Cada um dos cinco prolongamentos móveis em que se divide a extremidade de cada mão e pé [...] (VIEIRA, 1871).

[...] parte da mão ou pé do homem de diferentes comprimentos e grossos (BLUTEAU, 1712).

[...] cada uma das partes móveis, distintas e articuladas que terminam as mãos e os pés do homem. [...] (MORAES, 1949-1959).

Observa-se que Vieira, Bluteau e Moraes apresentam definições basicamente semelhantes, diferenciando um pouco o verbete apresentado por Bluteau, pois apresenta, na acepção, referência ao comprimento e espessura das extremidades. Assim, a partir das acepções apresentadas, julgou-se pertinente a depreensão do traço sêmico disjuntivo ‘um dos prolongamentos articulados da mão ou pé, de diferentes comprimentos e espessura’. Além do mais, pensando-se no contexto em que a unidade léxica “dedo” se encontra inserido, pode-se depreender o traço ‘prolongamento articulado da mão ou pé que substitui o pênis’, embora não seja evidenciado nos textos lexicográficos.

Por fim, ao se considerar o contexto, assim como as obras lexicográficas, pode-se afirmar que o conteúdo sêmico do signo “dedo” se forma pelos traços:

S31 = ‘artifício para excitar e satisfazer o prazer sexual’;

S35 = ‘um dos prolongamentos articulados da mão ou pé, de diferentes diâmetros e comprimentos’;

S36 = ‘prolongamento articulado da mão ou pé que substitui o pênis no momento da penetração sexual’.

FS = {S31 + S35 + S36}

4.5.3 Síntese do subcampo ‘artifício para excitar e satisfazer o desejo sexual’

O subcampo ‘artifício para excitar e satisfazer o prazer sexual’ é formado pelas expressões “caralhos franceses”, “caralhos de mesa” e “caralhos asnaes” e pelo signo “dedo”, que se encontram em relação de conjunção, através do traço conjuntivo do subcampo ‘artifício para excitar e satisfazer o desejo sexual’ e, em relação de disjunção, pelos traços ‘consolador de origem francesa’, ‘consolador que serve de ornamento para penteadeira’, ‘consolador de grande proporção’ e pelo traço ‘um dos prolongamentos articulados da mão ou pé de diferentes diâmetros e espessura’.

Conclui-se, portanto, que os traços sêmicos que constituem o subcampo ora tratado são:

S31 = ‘artifício para excitar e satisfazer o desejo sexual’;

S32 = ‘pênis artificial de origem francesa’;

S33 = ‘pênis artificial que serve de ornamento’;

S34 = ‘pênis artificial de grande proporção’;

S35 = ‘um dos prolongamentos articulados da mão ou pé de diferentes diâmetros e comprimentos’;

S36 = ‘prolongamento articulado da mão ou pé que substitui o pênis no momento da penetração sexual’.

| | S31 | S32 | S33 | S34 | S35 | S36 |
|--------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Caralhos franceses | + | + | - | - | - | - |
| Caralhos de mesa | + | - | + | - | - | - |
| Caralhos asnaes | + | - | - | + | - | - |
| Dedo | + | - | - | - | + | + |

Quadro 6: Análise do subcampo ‘artifício para excitar e satisfazer o prazer sexual’.

4.6 SUBCAMPO ‘QUALIFICAÇÃO PARA O ESTADO SEXUAL DO INDIVÍDUO’

As unidades léxicas “encaralhado”, “escaralhado” e “fodimalha” fazem parte do subcampo ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’, que se constitui como sema conjuntivo dos referidos signos.

4.6.1 Encaralhado e Escaralhado

Os signos “encaralhado” e “escaralhado”, derivados do signo “caralho”, apresentam-se no *corpus* do Trabalho, cada um, três vezes. A cantiga *A um frade dizen escaralhado*, do trovador Fernand’ Esquio, tal produção poética é uma sátira ofensiva contra um religioso prevaricador que se fazia passar por impotente. Os usos contextuais auxiliam a obtenção de informações a respeito do conteúdo léxico das unidades “encaralhado” e “escaralhado”:

A um frade dizen **escaralhado**,/e faz creúd’ a quen lho vai dizer,/ca,
pois el sabe arreitar de foder,/cuid’eu que gaj’ é de piss’ arreitado;/e
pois emprenha estas con que jaz/e faze filhos e filha assaz,/ante lhe
digu’ eu ben **encaralhado**. [...]. (L 147, v. 1, 7, 8, 14, 15, 21).

Observa-se que o trovador joga com a semelhança gráfica e a diferença de significado das lexias “escaralhado” e “encaralhado”, dando, assim, um efeito cômico à cantiga. Além do mais, as lexias e expressões “caralho arreite”, “piss arreite”, “foder”, “emprenhar”, “pariron” e “molheres de leite” confirmam o que o trovador satiriza, do começo ao fim da cantiga, o fato de que o frade não sofria de impotência alguma. Deve-se salientar que as referidas lexias não se encontram registradas nas obras lexicográficas utilizadas como referências neste Trabalho. Apenas, foram encontrados registros dessas unidades em Lapa (1970), em seu VCEM, onde se encontram assim definidas:

Encaralhado - “provido de bom membro viril” (LAPA, 1970 - VCEM).

Escaralhado – “desprovido de membro viril” (LAPA, 1970 - VCEM).

Portanto, a partir do contexto e das acepções encontradas no VCEM, conjecturou-se ser pertinente sugerir, para as unidades léxicas “encaralhado” e “escaralhado”, o traço

conjuntivo ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’ e os traços disjuntivos ‘indivíduo sexualmente potente’ e ‘indivíduo sexualmente impotente’. Dessa forma, pode-se assinalar que os traços sêmicos de signos analisados estão assim organizados:

a) Encaralhado

S37 = ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’;

S38 = ‘indivíduo sexualmente potente’.

FS = {S37 + S38}

b) Escaralhado

S37 = ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’;

S39 = ‘indivíduo sexualmente impotente’.

FS = {S37 + S39}

Em resumo, conclui-se que o conteúdo sêmico das unidades léxicas “encaralhado” e “escaralhado” se define pelos traços:

4.6.2 Fodimalhas

A unidade léxica “fodimalhas” encontra-se registrada uma única vez, na cantiga *Natura das animalhas*, do trovador Conde D. Pedro, ativo no século XIII. Trata-se de uma aguda composição contra uma religiosa que atende pelo apelido de “Camela”, que, ao que parece, se uniu a um tabelião de Braga, que chamavam de “Bodalho”:

Natura das animalhas/que son d’ ãa semelhança/é de fazerem
criança,/mais dêis que som **fodimalhas**/Vej’ora estranho talho/qual
nunca cuidei que visse:/que emprenhass’ e parisse/a camela do
bodalho. [...]. (L 327, v. 4).

Verifica-se que o trovador faz alusão ao par “Camela” e “Bodalho”, enfatizando o descompasso dessa união, dizendo nunca ter imaginado que uma “camela” (freira) parisse de

um “bodalho” (tabelião). Observa-se, também, no fragmento, que o trovador enfatiza ser natural que os pares semelhantes façam filhos, desde que estejam aptos para isso. Assim, a partir do contexto, é possível depreender o traço conjuntivo ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’ do subcampo, além de se confirmar a inclusão desse subcampo no campo da “sexualidade dos religiosos”, pois é claro o envolvimento carnal de uma freira com um tabelião.

Apesar de a lexia “fodimalha” ser, possivelmente, uma derivação do verbo “foder”, salienta-se que a unidade não foi encontrada dicionarizada. Por essa razão, não se pôde realizar uma análise mais profunda do signo. Apenas, foi encontrado registro da unidade “fodimalho” no VCEM de Lapa, que, por sua vez, atesta a lexia na sua forma masculina:

Fodimalho – sexualmente capaz, potente (LAPA, 1970 – VCEM).

Portanto, com o aparato contextual e com o respaldo da definição oferecida por Lapa, pôde-se aferir ao signo “fodimalhas” o traço sêmico ‘indivíduo sexualmente potente’.

Por fim, conclui-se que o conteúdo da unidade léxica “fodimalhas” é constituído pelos traços:

S37 = ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’;

S38 = ‘indivíduo sexualmente potente’.

FS = {S37 + S38}

4.6.3 Síntese do subcampo ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’

As três unidades “encaralhado”, “escaralhado” e “fodimalhas” fazem parte do subcampo ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo, que, por sua vez, se encontram ligadas, em relação de conjunção, através do sema específico ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’, e, em relação de disjunção, através dos traços ‘indivíduo sexualmente potente’ e ‘indivíduo sexualmente impotente’.

A análise sêmica do subcampo ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’ compõe-se dos traços:

S37 = ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’;

S38 = ‘indivíduo sexualmente potente’;

S39 = ‘indivíduo sexualmente impotente’.

| | S37 | S38 | S39 |
|-------------|-----|-----|-----|
| Encaralhado | + | + | - |
| Escaralhado | + | - | + |
| Fodimalhas | + | + | - |

Quadro 7: Análise do subcampo ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’.

4.7 SÍNTESE DO ‘CAMPO LEXICAL DA SEXUALIDADE DE RELIGIOSOS’

Foram analisados todos os contextos do *corpus* aqui apresentados e os sentidos oferecidos nas diferentes obras lexicográficas e nos vocabulários, especialmente no VCEM, de Lapa (1970). Com essa análise, procurou-se depreender subsídios que possibilitassem chegar aos traços mínimos de cada lexia examinada. Ao todo, foram abordadas vinte e oito lexias, distribuídas em seis subcampos e dois microcampos, como segue:

- a) ‘indivíduo que pratica relações sexuais’ (“abadessa”, “capelão”, “clérigo”, “daian”, “frade”, “freira” e “prioressa”);
- b) ‘órgãos sexuais’: (“caralho”, “caralhote”, “colhões”, “madeira2” e “pissa”, “cono” e “casa2”);
- c) ‘ato sexual’ (“ambrar”, “cavalgar2”, “cobrir”, “foder”, “madeirar2”);
- d) ‘ação relacionada à procriação’ (“emprenhar”, “parir”);
- e) ‘artifício para estimulação do prazer sexual’ (“caralhos franceses”, “caralhos de mesa”, “caralhos asnaes”, “dedo”);
- f) ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’ (“encaralhado”, “escaralhado”, “fodimalhas”).

As relações de conjunção e disjunção ocorrem em todo o ‘campo lexical da sexualidade de religiosos e, conseqüentemente, em todos os subcampos e respectivos microcampos.

Recapitulando, pode-se asseverar que o referido campo léxico se forma pelos traços:

- S1 = 'indivíduo que pratica relações sexuais';
- S2 = 'indivíduo religioso que faz parte do corpo eclesiástico';
- S3 = 'título hierárquico de ordem eclesiástica que recebe uma religiosa superiora de um convento ou mosteiro';
- S4 = 'padre que recebeu ordens sacerdotais e que ministra os sacramentos da Igreja';
- S5 = 'responsável titular assalariado de uma capela';
- S6 = 'nome dado a qualquer ministro da Igreja';
- S7 = 'autoridade eclesiástica imediata ao bispo e arcebispo, que lidera o corpo dos cônegos de uma catedral'.
- S8 = 'homem que faz parte de alguma ordem religiosa';
- S9 = 'mulher que se dedica à religião, recolhendo-se em uma comunidade religiosa';
- S10 = 'a primeira entre duas superiores de um convento ou ordem religiosa'.
- S11 = 'órgão sexual';
- S12 = 'órgão sexual masculino';
- S13 = 'órgão copulador';
- S14 = 'órgão excretor';
- S15 = 'condutor dos gametas masculinos à parte genital feminina';
- S16 = 'órgão de formato cilíndrico, que, dilatado, fica em estado de ereção';
- S17 = 'de grande proporção';
- S18 = 'gônada sexual masculina responsável pela produção de espermatozoide';
- S19 = 'órgão de formato ovoide';
- S20 = 'órgão sexual feminino';
- S21 = 'órgão genital composto por parte externa e interna';
- S22 = 'órgão que recebe o pênis no ato sexual;
- S23 = 'canal de saída do feto e placenta, no parto natural, e do fluxo menstrual'.
- S24 = 'ato sexual';
- S25 = 'praticar sexo, remexendo freneticamente o quadril';
- S26 = 'sentar-se por cima com as pernas abertas';
- S27 = 'colocar-se por cima da fêmea'.
- S28 = 'ação relacionada à procriação';
- S29 = 'fecundar a mulher ou a fêmea';
- S30 = 'trazer ao mundo um bebê.
- S31 = 'artifício para excitar e satisfazer o prazer sexual';

S32 = ‘pênis artificial de origem francesa’;

S33 = ‘pênis artificial que serve de ornamento’;

S34 = ‘pênis artificial de grande proporção’;

S35 = ‘um dos prolongamentos articulados da mão ou pé de diferentes diâmetros e comprimentos’;

S36 = ‘prolongamento articulado da mão ou pé que substitui o pênis no momento da penetração sexual’.

S37 = ‘qualificação para o estado sexual do indivíduo’;

S38 = ‘indivíduo sexualmente potente’;

S39 = ‘indivíduo sexualmente impotente’.

Seguem-se, por fim, um quadro geral da análise sêmica de todo o campo lexical da sexualidade de religiosos e as considerações finais, com uma reflexão crítica dos resultados obtidos neste Trabalho.

| <i>SEMÁS</i> | S1 | S2 | S3 | S4 | S5 | S6 | S7 | S8 | S9 | S10 | S11 | S12 | S13 | S14 | S15 | S16 | S17 | S18 | S19 | S20 | S21 | S22 | S23 | S24 | S25 | S26 | S27 | S28 | S29 | S30 | S31 | S32 | S33 | S34 | S35 | S36 | S37 | S38 | S39 | | |
|---------------------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|---|--|
| <i>LEXIAS</i> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| <i>Abadessa</i> | + | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Capelão</i> | + | + | - | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Clérigo</i> | + | + | - | - | - | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Daian</i> | + | + | - | - | - | - | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Frade</i> | + | + | - | - | - | - | - | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Freira</i> | + | + | - | - | - | - | - | - | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Prioressa</i> | + | + | - | - | - | - | - | - | - | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Caralho</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | + | + | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Caralhoto</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | + | + | + | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Colhão</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | - | - | - | - | - | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Madeira2</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | + | + | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Pissa</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | + | + | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Cono</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Casa2</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Ambrar</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Cavalgar2</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | - | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Cobrir</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Foder</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | +/- | +/- | +/- | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Madeirar2</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | - | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Emprenhar</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Parir</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | - | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Caralhos franceses</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | - | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Caralhos de mesa</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | - | + | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Caralhos asnaes</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | - | - | + | - | - | - | - | - | - | |
| <i>Dedo</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | - | - | - | + | + | - | - | - | - | |
| <i>Encaralhado</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | - | |
| <i>Escaralhado</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | - | + | |
| <i>Fodimalhas</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | + | + | - | |

Quadro 8: Análise sêmica do campo lexical da "sexualidade dos religiosos"

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dissertação *O campo lexical da sexualidade dos religiosos nas cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesa* constitui-se, inicialmente, em uma abordagem sociocultural da sexualidade no contexto religioso na Idade Média, com a finalidade de favorecer a compreensão do conteúdo das unidades léxicas da sexualidade registradas nas cantigas de escárnio e maldizer. Para se atingir esse objetivo, fez-se necessária uma breve abordagem do contexto histórico-cultural em que se encontravam inseridas as cantigas de escárnio e maldizer, mais especificamente as que tratavam da temática ‘sexualidade de religiosos’ no ambiente medieval, na tentativa de compreender melhor o complexo jogo dialético entre língua e sociedade. Vale lembrar, com Mattos e Silva (1991), que trabalhar com períodos recuados da história exige alguma informação e formação. Assim, se pretendemos estudar a língua portuguesa de sincronias pretéritas, precisamos ter certo conhecimento de teorias e métodos da Lingüística Histórica e alguma noção de aspectos concernentes à sociedade da época na qual a língua era utilizada, o que não é fácil, embora fascinante. No nosso caso, especificamente, procurou-se abarcar o maior número possível de informações concernentes a aspectos da Literatura Medieval.

Vale salientar que, visando a uma melhor compreensão dos textos que fazem parte do *corpus* deste Estudo, se procurou realizar uma revisão da literatura concernente à temática da sexualidade, a fim de se ter uma visão crítica do contexto sócio-histórico e detectar aspectos atinentes à mentalidade do homem medieval a propósito da referida temática, que, ao que parece, se mostra ainda em uma esfera social pouco abordada. Percebe-se que o discurso sobre o “saber sexual” já se mostrava desde a Antiguidade Clássica como alvo de recusa e de renúncia carnal, de acordo e, ao mesmo tempo, de desacordo com suas práticas, perante a sociedade, mais especificamente, perante a Igreja. Essa premissa é corroborada por Franco Júnior (2001, p. 126), quando declara que “a mudança de comportamento começa, na verdade, antes do Cristianismo, com certas correntes filosóficas pagãs defendendo uma vida mais regrada, mais afastada dos prazeres materiais, considerados animalizadores do ser humano”. Dessa forma, é atinente afirmar que não se pode legar apenas à religião cristã a responsabilidade exclusiva da repressão ao corpo e ao prazer sexual. A Igreja Cristã, como instituição de poder, regulamentou o que já era fomentado e processado na cultura pagã.

Ainda a respeito do *corpus* do Trabalho, observa-se que, nessas cantigas, se flagram cenas que refletem, preferencialmente, desvios comportamentais do Clero, tanto secular

quanto regular de ambos os sexos, e em diferentes graus de hierarquia. A exemplo temos a cantiga de Fernand Esquio, que retrata uma atitude de dissimulação por parte do frade, que, tendo muitos filhos, tentava enjeitar essa responsabilidade, declarando-se impotente. Também nos conventos femininos, a moralidade apresentava sintomas de desvios de comportamento. O trovador Fernand P. de Talamancos, com ironia, diz que o Mosteiro de Dormãa é responsável pelas transformações de uma abadessa que ele denomina de sua coirmã. Em outra cantiga, detecta-se o segredo, que - podemos dizer - talvez seja o mais íntimo dos desvios comportamentais dentro de um convento: a prática da masturbação auxiliada pelo uso do pênis artificial, o que, em princípio, não deveria acontecer. Nessas composições, os trovadores jogam com as palavras, gerando ambiguidades, como na cantiga L 304, onde o trovador se utiliza da ironia, do sarcasmo, entre outros elementos que aparecem em vários momentos dos textos examinados. Enfim, várias são as cenas reproduzidas, nessas cantigas, pelos trovadores, que profanam regras de sua sociedade, utilizando-se da licença poética.

Depois de enveredar pelo contexto dessas produções, passamos a uma outra etapa do Trabalho, que foi o levantamento de todas as unidades léxicas referentes à sexualidade de religiosos. Podemos dizer que não foi uma tarefa fácil, pois um número relativamente grande de lexias fazia parte da esfera sexual, porém com sentido metafórico, aspecto semântico que, no momento, não faz parte deste Estudo. Resolveu-se, portanto, selecionar as unidades léxicas mais representativas dentro do *corpus*, as mais recorrentes, cujo sentido não deixavam dúvidas de seu conteúdo na esfera sexual. No entanto, foi necessário que se abrissem algumas exceções para a realização deste Estudo, devido à importância das unidades na compreensão do sentido contextual das cantigas, como, por exemplo, a lexia “madeira2” que, a princípio, não se encontraria no quadro dos subcampos dos “órgãos sexuais”, porém, cuja inclusão foi necessária, devido a sua ambiguidade contextual, pois se revelou ponto-chave no entendimento da cantiga onde ela ocorre. Assim, optou-se por denominar e analisar a lexia “madeira2”, na esfera sexual, e “madeiral”, em seu sentido denotativo. O mesmo ocorreu com as lexias “casa2” e “casa1”; “cavalgar2” e “cavalgar1”; “madeirar2” e “madeirar1”.

Portanto, trata-se de um estudo de caráter lexicológico, cujo objetivo é analisar as unidades léxicas selecionadas no *corpus* referentes à sexualidade de religiosos, estruturando-as em campos lexicais. Nesse momento, procurou-se realizar uma revisão dos pressupostos teóricos referentes às teorias dos campos, método escolhido para validação dos dados, tomando-se por direcionamento a teoria dos campos já mencionada, além de um breve percurso histórico sobre a ciência Semântica. Na oportunidade, são apresentados alguns trabalhos pautados em aplicações da teoria dos campos, estudos representativos dentro do

âmbito da Linguística Histórica, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Finalmente, buscou-se traçar os passos metodológicos percorridos para o estudo do campo lexical da sexualidade de religiosos, cujo objetivo foi explicitar o processo de análise das unidades léxicas adotado no Trabalho, que, conseqüentemente, resultaria nos resultados alcançados.

Quanto à análise dos dados, salienta-se que se deve levar em conta que estão sendo observados textos escritos em uma época diferente da atual, portanto, sob a visão do outro e, como se sabe, o olhar depende dos valores que se tem do mundo. Dessa forma, não se pode dizer fielmente que a análise aqui proposta esteja fora de qualquer subjetividade, podendo ocorrer divergências quanto à depreensão dos semas ou, até mesmo, quanto à delimitação dos subcampos. É importante salientar que a análise das lexias partiu, primeiramente, da observação e interpretação do contexto em que estavam inseridas as referidas unidades, o primeiro termômetro da análise. Entretanto, apenas, o contexto não era suficiente para que se depreendessem, de forma mais abrangente, os traços constitutivos de conteúdo das unidades. Por isso, julgou-se pertinente consultar e examinar as acepções oferecidas para as unidades léxicas em diferentes dicionários e vocabulários. Seguindo esses passos, puderam-se depreender, com maior segurança, os semas positivos e opositivos que constituíam cada lexia em seu subcampo.

Conclui-se, enfim, que a utilização da proposta dos campos lexicais - uma estruturação de um paradigma lexical formado pela articulação e distribuição de um contínuo de conteúdo por diversas unidades existentes na língua e que se opõem por traços mínimos - em uma parcela do campo da sexualidade dos religiosos, a partir das cantigas de escárnio e maldizer, se mostrou válida, corroborando a hipótese de relações de conjunções, disjunções entre os conteúdos das lexias pertencentes aos campos, subcampos e microcampos analisados. Desse modo, conclui-se que se tenha alcançado o objetivo proposto neste Trabalho, ou seja, o de identificar e descrever, através da análise sêmica, as lexias que comporiam o campo da sexualidade dos religiosos, a partir das cantigas de escárnio e maldizer selecionadas.

Na medida do possível, procurou-se harmonizar as delimitações dos semas, tentando descrever em cada o que era mais pertinente, ou seja, o que não poderia faltar em cada unidade, o que não significa que os semas depreendidos cubram todos os traços importantes de uma unidade léxica.

Para concluir essa etapa do Trabalho, salienta-se que se pôde observar a importância do contexto para a apreensão dos sentidos das lexias e verificar, muitas vezes, as limitações das obras lexicográficas, constatando-se a necessidade de estudos lexicográficos e

lexicológicos relativos às primeiras fases do português arcaico. Por fim, o nosso Estudo justifica-se não só pela contribuição de interpretação e compreensão das cantigas satíricas galego-portuguesas analisadas. Ele contribui, sobretudo, para o conhecimento, ainda que parcial, do léxico da modalidade literária das primeiras manifestações sincrônicas do português, no campo semântico, e, de forma especial, para os estudos dos campos lexicais referentes à sexualidade de religiosos.

Além disso, este Trabalho poderá servir de ponto de partida para novas pesquisas na área da Lexicologia da Idade Média e da Linguística Histórica.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada contendo o velho e o novo testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

ABBADE, Celina Márcia. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição R.; QUEIROS, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006.

ABBADE, Celina Márcia. *Campos lexicais no livro de cozinha da Infanta D. Maria*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

ABBADE, Celina Márcia. *Três campos lexicais no vocabulário do livro de cozinha da Infanta D. Maria*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues. *Contribuição para o estudo do Campo semântico ‘trabalhador’ no português arcaico*. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues. Filologia: uma linha para a lexicologia tecer os seus pontos. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição R.; QUEIROS, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006.

ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues. *Vocabulário onomasiológico do cancioneiro satírico de Afonso Eanes do Coton*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

ALVAR, Carlos. *Poesía de trovadores, trovères y minnesinger: de principios del siglo XII a fins del siglo XIII*. Antologia. Madrid: Alianza, 1995.

ALVAR, Carlos; BELTRÁN, Vicente. *Antología de la poesía gallego-portuguesa*. Seleccion, estudio y notas de Carlos Alvar y Vicente Beltrán. Madrid: Alhambra, 1984.

AQUINO, Rubim Santos Leão de; FRANCO, Denize de Azevedo; LOPES, Oscar G. Pahl Campos. *História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais*. 19. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003.

AULETE, Francisco. *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. 2v.

BASCHET, Jérôme. *A civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América*. Tradução Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006.

BELTRAN, Vicente. Cantiga de mestria. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. *Dicionário de literature medieval galego-portuguesa*. Tradução José Colaço Barreiras e Arthur Guerra. Lisboa: Caminho, 1993a.

BELTRAN, Vicente. Cantiga de refrão. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. *Dicionário de literature medieval galego-portuguesa*. Trad. José Colaço Barreiras e Arthur Guerra. Lisboa: Caminho, 1993b.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2. ed Campo Grande: EDUFMS, 2001a

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Lingüística*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BLUTEAU, Raphael, Vocabulário português e latino, áulico, anatomico, architetonico... Coimbra: Colégio Real das Artes, 1712-1713. 8 v.

BREA, Mercedes (coord.). *Lírica profana galego-portuguesa: corpus completo das cantigas medievais, com estudio biográfico, análise retórica e bibliografia específica*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1996. 2v.

BREA, Mercedes. Cantiga. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. *Dicionário de literatura medieval galego-portuguesa*. Trad. José Colaço Barreiras e Arthur Guerra. Lisboa: Caminho, 1993

BREÁL, Michel. *Ensaio de semântica: ciências das significações*. Tradução Aída Ferrás et al. São Paulo: EDUC, 1992.

BROWN, Peter. Oriente e Ocidente: a carne. In: ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges (Dir.). *História da vida privada I: do Império Romano ao ano mil*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAMARA JR., J. Mattoso. *História da lingüística*. Tradução Maria do Amparo B. Azevedo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

CAPELÃO, André. *Tratado do amor cortês*. Tradução Claude Buridant e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção Grandhara).

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. Petropolis: Vozes, 2003.

CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. Pecado. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (Org.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Tradução Hilário Franco Júnior. Bauru: EDUSC, 2002.

COROMINAS, J. ; PASCUAL, J. A. *Diccionario crítico etimológico castelhano e hispânico*. 3. Reimp. Madrid: Gredos, 1991.

COSERIU, Eugenio. *Principios de semántica estructural*. Vers. Esp. Marcos Martínez Hernández. 2. ed. Madrid: Gredos, 1991.

CUNHA, Antônio Geraldo da et al. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia y Edad Média latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

DUBOIS, Jean et al. *Diccionario de Lingüística*. Trad. Francisco Pessoa de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 1973.

DUBY, George. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. Tradução Jônatas Batista neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUBY, Georges. O modelo cortês. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane. *História das mulheres: a Idade Média*. Tradução portuguesa com revisão científica de Maria Helena Cruz Coelho et al. Porto: Afrontamentos, 1993.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma História dos costumes*. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, v.1.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da historia das línguas*. São Paulo: Ática, 1991.

FERRARI, A. Cancioneiro da Biblioteca Nacional. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. *Dicionário de literature medieval galego-portuguesa*. Tradução José Colaço Barreiras e Arthur Guerra. Lisboa: Caminho, 1993a.

FERRARI, A. Cancioneiro da Biblioteca Vaticana. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. *Dicionário de literature medieval galego-portuguesa*. Trad. José Colaço Barreiras e Arthur Guerra. Lisboa: Caminho, 1993b.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade média: nascimento do ocidente*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GOMES, Claudete Pereira. *Semântica estrutural*. In: _____. *Tendências da Lingüística*. Ijuí: Inijuí, 2003.

GONÇALVES, Eliana C. Brandão. *Homens e armas: um estudo semântico em Crônicas de Fernão Lopes*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

GONÇALVES, Elsa; RAMOS, Ana Maria. *A lírica galego-portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Comunicação, 1985. p. 17-35.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. Tradução Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1966.

GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. Tradução Maria Elisa Mascarenhas. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1975.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. *As cantigas de escarnio*. Tradução Silvia Gaspar. Galícia: Edicións Xerais de Galicia, 1995.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. *Dicionário da literatura medieval galega e Portuguesa*. Tradução José Colaço Barreiros e Artur Guerra. Lisboa: Caminho, 1993.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Cantigas d'escarnho e mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. 3. ed. Coimbra: Galaxia, 1995.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Lições de literatura portuguesa: época medieval*. 8. ed. Coimbra: Coimbra editorial limitada, 1973.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Cantigas d'escarnho e mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. 2. ed. Coimbra: Galaxia, 1970.

LAPA, Manuel Rodrigues. Vocabulário galego-português. In: _____. *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. 2. ed. Coimbra: Galaxia, 1970.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Cantigas d'escarnho e mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. 1. ed. Coimbra: Galaxia, 1965a.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Miscelânea de língua e literatura portuguesa medieval*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1965b.

LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthier*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Tradução Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do ocidente medieval*. Tradução José Rivair de Macedo. Bauru: Edusc, 2005a.

LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

- LE GOFF, Jacques. Além. In : LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (Org.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Tradução Hilário Franco Júnior. Bauru: EDUSC, 2002. 2v.
- LITTLE, Lester K. Monges e religiosos. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT Jean Claude (Coords.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. Tradução Hilário Franco Júnior. Bauru: EDUSC, 2002. v. 2.
- LOPES, Graça Videira. *Cantigas de escárnio e maldizer: dos trovadores e jograis galego-portugueses*. Lisboa: Estampa, 2002. (Obras clássicas da Literatura Portuguesa).
- LOPES, Graça Videira. *A sátira nos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Lisboa: Estampa, 1994.
- LOYN, Henry. R.(Org.). *Dicionário da Idade Média*. Tradução Álvaro Cabral. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LYONS, John. *Semântica estrutural*. Tradução António Pescada. São Paulo: Martins Fontes, 1963.
- LÜDTKE, Helmut. *História del léxico românico*. Versión espanhola de Marcos Martinez Hernández .Madrid: Gredos, 1974.
- MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. 5. ed. revista e ampliada. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção Repensando a História)
- MACHADO, Jôse Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. 2. ed. Lisboa: Confluência, 1967.
- MAGNE, Augusto. Glossário. In: _____. *A demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944. v.3.
- MALEVAL, Maria do A. Tavares. Do Cancioneiro Martin Moxa. In: MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros, MALEVAL, Maria do Amparo Tavares, VIEIRA, Yara Frateschi. *Vozes do trovadorismo galego-português*. Cotia: IBIS, 1995.
- MARANHÃO, Samantha de Moura. *O vocabulário das receitas de medicamentos e dos regimentos relativos à saúde do livro da Cartuxa*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: lista, rede ou cognição social. In: NEGRI, Lúgia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de (Org.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004.
- MARQUES, A. H. Oliveira. *A sociedade medieval portuguesa: aspectos da vida cotidiana*. 5. Ed. Lisboa: Sá da Costa, 1987.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *Portugal em definição de fronteiras: do condado portugalense à crise do século XIV*. Lisboa: Presença, 1996.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MARTINET, André. Léxico. In: _____. *Conceitos fundamentais da lingüística*. Tradução Vanda Ramos. Lisboa: Presença, 1976.

MATTOSO, José. A sexualidade na idade média portuguesa. In: ANDRADE, Amélia Aguiar; SILVA, José Custódio Vieira. *Estudos medievais: quotidiano medieval – imaginário, representação e práticas sociais*. Lisboa: Livros do Horizonte, 2004. (Coleção Horizonte Histórico).

MATTOSO, José (Dir.). *História de Portugal: monarquia feudal (1096-1480)*. Lisboa: Estampa, 1997.

MATTOSO, José. *Ricos-homens, infanções e cavaleiros: a nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*. Lisboa: Guimarães, 1982.

MATTOSO, José. *A nobreza medieval portuguesa: a família e o poder*. Lisboa: Estampa, 1980.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991.

MEDEIROS, Itatismara Valverde. *Abadessas e outras religiosas: estudo lexicográfico de cantigas satíricas trovadorescas*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdades Jorge Amado, Salvador, 2004. 36 p.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MORAES SILVA, Antonio de. *Grande dicionário da línguas portuguesa*. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1949-1959. 12 v. (Edição sucessiva refeita por Augusto Moreno Cardoso Júnior e José Pedro Machado)

MÜLLER, Ana Lúcia de Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. Semântica formal. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *A introdução à Lingüística: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003. v.2.

NOGUEIRA, Carlos R. Figueiredo. *Bruxaria e história: as práticas mágicas no ocidente cristão*. Bauru: EDUSC, 2004.

NUNES, José Joaquim. Glossário das Cantigas d'Amigo dos trovadores galego-portugueses. In: _____. *Cantigas de amigo dos trovadores galego-portugueses: edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário*. Lisboa: Centro Livro Brasileiro, 1973.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de, ISQUERDO Aparecida Negri. Apresentação. In: _____. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.

OLIVEIRA, António Resende de. *Depois do espetáculo trovadoresco: a estrutura dos cancioneros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*. Lisboa: Colibri, 1994.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. v.2.

PALMER, F.R. *A semântica*. Tradução Ana Maria Machado Chaves. Lisboa: Edições 70, 1979.

PEREIRO, Carlos Paulo Martínez. *As cantigas de Fernan Paez de Tamalancos: edición crítica con introdución, notas e glosario*. Santiago de Compostela: Latiovento, 1992.

PIETROFORTE, Antonio V. Seraphim; LOPES, Ivã Carlos. A semântica lexical. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Lingüística: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

PIMPÃO, Álvaro J. da Costa. *Idade Média*. 2. ed. Coimbra: Atlântida, 1959.

PIZZORUSSO, Valeria Bertolucci. *As poesias de Martin Soares*. Tradução Ernesto Xosé Gonzáles Seoane. Vigo: Galaxia, 1992.

POTTIER, Bernard. A definição semântica nos dicionários. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

POTTIER, Bernard. Hacia una semântica moderna. In: _____. *Lingüística moderna y filología hispánica*. Vers. esp. Martín Blanco Álvarez. Madrid: Gredos, 1968a.

POTTIER, Bernard. *Presentación de la lingüística*. Tradução Antonio Quilis. Madrid: Alcalá, 1968b.

RAMOS, M. A. Cancioneiro da Ajuda. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. *Dicionário da literature medieval galego e portuguesa*. Tradução José Colaço Barreiras e Arthur Guerra. Lisboa: Caminho, 1993.

RECTOR, Mônica; YUNES, Eliana. *Manual de semântica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Tradução Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RIQUER, Martín. *La lírica de los trovadores: antología comentada*. Barcelona: Escuela de Filología, 1948.

RIQUER, Martín. *Los trovadores: historia literária y textos*. 3. ed. Barcelona: Ariel, 1992. 3v.

ROSSIAUD, Jacques. *A prostituição na Idade Média*. Tradução Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paez e terra, 1991.

ROSSIAUD, Jacques. Sexualidade. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (Org.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Tradução Hilário Franco Júnior. Bauru: EDUSC, 2002.

SCHMITT, Jean-Claude. Clérigos e leigos. In : LE GOFF, Jacques ; SCHMITT Jean-Cláude (Coords.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. Tradução de Hilário Franco Júnior. Bauru; São Paulo: EDUSC;Imprensa Oficial do Estado, 2002. v.1.

SHOLBERG, K. R.. La sátira galego-portuguesa em los siglos XIII y XIV. In: _____. *Sátira y invectiva em La España medieval*. Madrid: Gredos, 1975. P. 50-137.

SILVA, António de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. Ver. Lisboa: Confluência, 1949-1959.

SODRÉ, Paulo Roberto. Uns com otros contra natura, e costũbre natura: sobre a sodomia na sátira galego-portuguesa. *Signum, revista da associação brasileira de estudos medievais*, São Paulo, n. 9, p. 121-150, 2007.

SOUZA, Risonete Batista de. *Os fremosus cantares do trovador Martins Soares*. 170 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2003.

SOUZA, Risonete Batista de. *Estudo descritivo do vocabulário de Pero da Ponte*. 236 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.

TAMBA-MECZ, Irène. *A semântica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.

TAVANI, Giuseppe. *Trovadores e jograis: introdução à poesia medieval galego-portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2002.

TAVANI, Giuseppe. *A poesia lírica galego-portuguesa*. Tradução Rosario Álvarez Blanco e Henrique Monteagudo. 3. ed. Vigo: Galáxia, 1991. (Ensaio e investigación).

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionário: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução I. A. Osório Matos. 5. ed. 1987.

VASCONCELOS, Carolina Michaelis de. *Cancioneiro da Ajuda*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1990. 2 v.

VASCONCELOS, Carolina Michaelis de. Glossário do Cancioneiro da Ajuda. *Revista Lusitana*. Lisboa, v.23, n. 1-4, 1920, p. 5-12; 1-95.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade da idade média ocidental: séc. VIII-XIII*. Tradução Teresa Antunes Cardoso. Lisboa: Estampa, 1995.

VIEIRA, Frei Domingos. *Grande dicionario portuguez ou thesouro da lingua portuguesa*. Porto: Ernesto Chardron; Bartolomeu H. de Moraes, 1871. 5 v.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

VILELA, Mário. *Estruturas lexicais do português*. Coimbra: Almedina, 1979.

VITERBO, FR. Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam. Porto: Livraria Civilização, 1983. 2v. Edição Crítica por Mario Fiúza